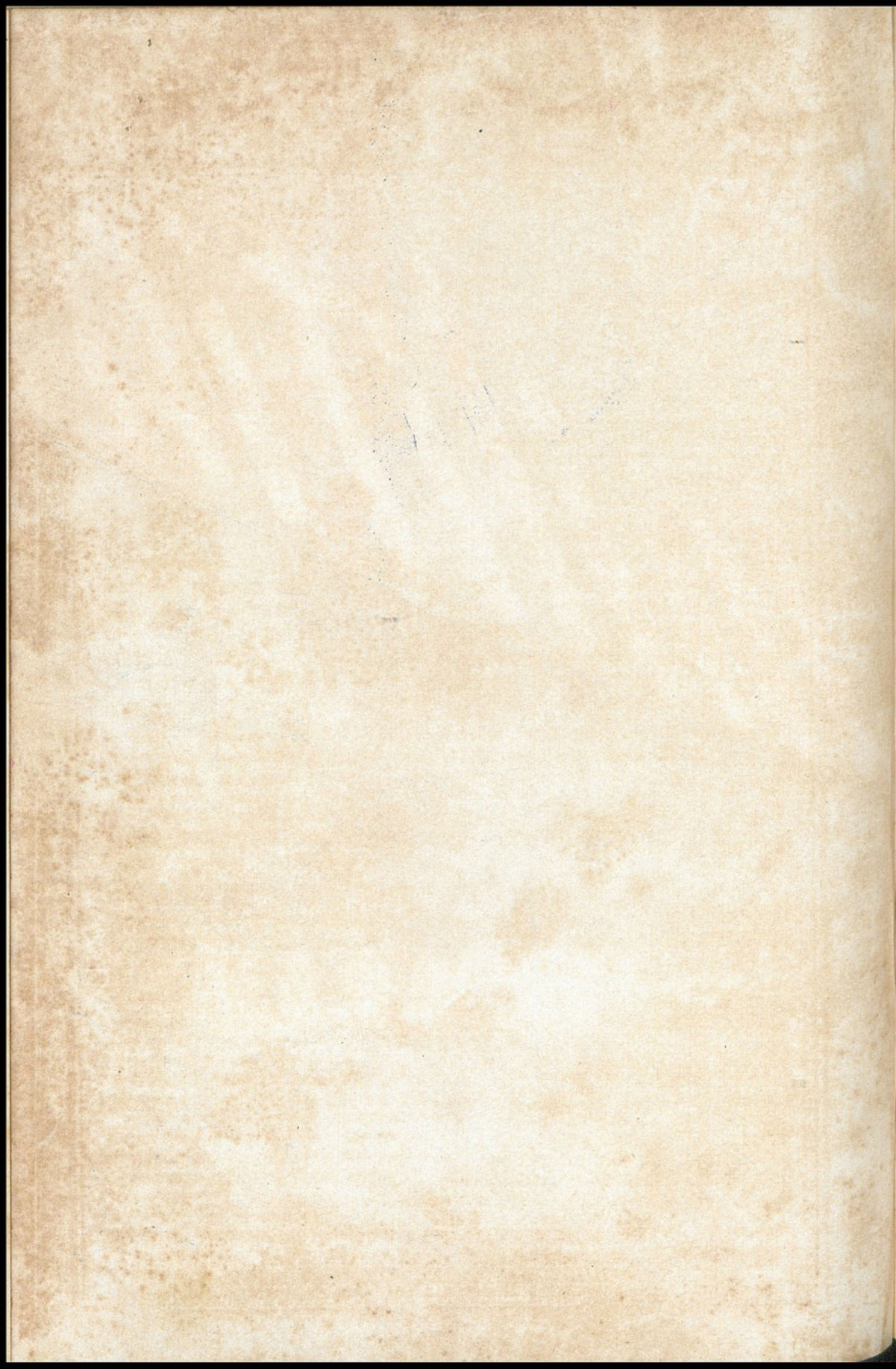




# militância





# MILITIA

REVISTA PUBLICADA NA FÔRÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO

ANO I — MARÇO/ABRIL de 1948 — N.º 3

DIRETOR: — ..... Cel. José Sandoval de Figueiredo;  
REDATOR-CHEFE: — .... Major Laércio Gonçalves de Oliveira;  
SECRETÁRIO: — ..... 1.º ten. Plínio Rolim de Moura;  
CORPO REDATORIAL: Cap. Arrison de Souza Ferraz; cap. Brasilino Antunes Proença; cap. Milton Marques de Oliveira; cap. Francisco Vieira da Fonseca; 1.º ten. João Vieira de Matos; 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade; 1.º ten. Osvaldo Feliciano dos Santos; 1.º ten. Sérvio Rodrigues Caldas; 1.º ten. Olívio Franco Marcondes; 1.º ten. Alfredo Marcheti; 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho; 1.º ten. Iolando Prado; 1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado; 2.º ten. Hildebrando Chagas.  
GERENTE: — ..... Cap. Adm. Germano Ribeiro Scartezini;  
TESOUREIRO: — ..... 1.º ten. Adm. Nelson Martins da Silva.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — Rua Alfredo Maia, 106, (Tipografia da Fôrça Pública) — Fone 4-8171, ramal 204).

Assinatura anual .....	Cr \$ 25,00
Assinatura semestral .....	Cr. \$ 15,00
Número avulso .....	Cr. \$ 5,00

“MILITIA” destina-se a tratar de assuntos técnicos policiais-militares e culturais em geral.

A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos políticos-partidários ou religiosos-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.

Pede-se que os originais sejam dactilografados, com espaço duplo, sendo que não serão devolvidos, mesmo quando não sejam publicados. Pede-se ainda sejam entregues à redação, no endereço acima.

A Revista não assume responsabilidade de conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

# SUMÁRIO

## DISCURSO :

Oração de Paraninfo — Cel. Pedro Dias de Campos .....	17
---	----

## COLABORAÇÕES :

### Nossa História e Nossos Problemas

TIRADENTES — Major Luiz Teixeira Ribeiro Soares .....	3
Dos Primórdios da Identificação Criminal aos Nossos Dias — 1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado .....	21
Meteorologia em Operações de Guerra — Cap. Brasilino A. Proença .....	29
A Ilha do Barnabé — 1.º ten. Cálío C. Montes .....	33
A Fôrça Pública na Terceira Conferência de Professores de Educação Física da República Argentina — Cap. Arrisson de Souza Ferraz .....	38
Seara Alheia .....	53
Acompanhemos a Evolução — 1.º ten. Paulo Monte Serrat F.º .....	59
Oficiais de Administração — Cap. José Arimathea do Nascimento .....	65

### Literatura, etc.

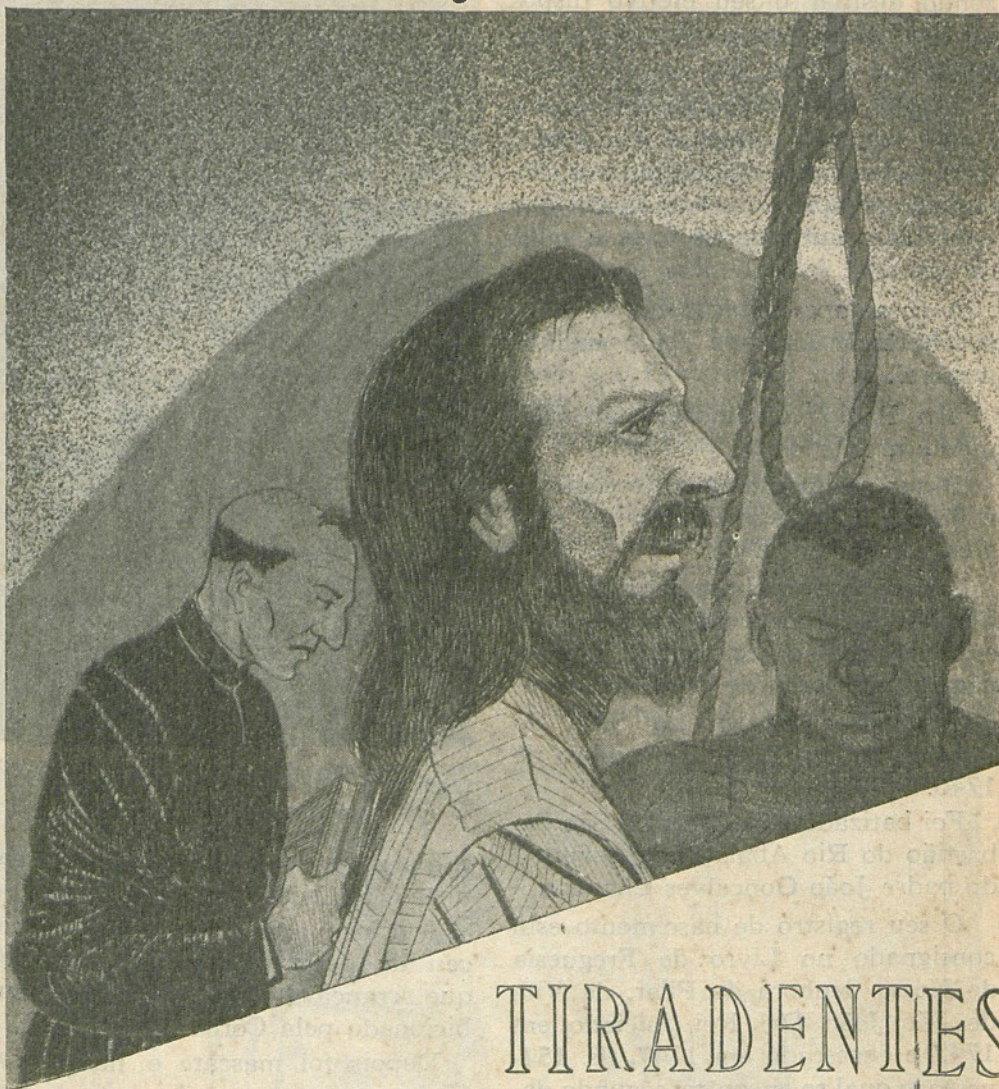
Bilhete Carioca — Kilroy .....	31
... e a vida contínua — Pery de Alencar .....	44
Minha Viagem a Ponta Porã — 1.º sgt. Antônio N. de Araujo .....	45
Uma História Entre Muitas — Núbio .....	62
Bebemos Câncer na Torneira? — Ten. Rolim de Moura .....	69
Modernismo e Classicismo — 1.º ten. Péricles Nogueira Santos .....	73
Coca-cola, Inflação, Complexo de Inferioridade & Cia. — Centurinha .....	77
O Reverso da Medalha — 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade .....	75
“Eu Sou Aquele que Nega” — 2.º ten. Hildebrando Chagas .....	79
A Cruz da Estrada — 2.º sgt. Silvio Pereira .....	90
Vitraes — Estelita Ribas .....	99
Dois Tragédias — Cel. Sandoval de Figueiredo .....	106

### Humorismo

Humoripismo — José de Campos Montes .....	88
O Botinha num Equívoco — Yol. ....	94
Quando Falha a Tática — José de Campos Montes .....	100

## REDAÇÃO :

A' Polícia Militar do Espírito Santo .....	11
Carta aos Camaradas .....	14
Dia das Polícias Civas e Militares .....	15
Polícia Militar de Sergipe .....	20
Início do Ano Escolar no C. I. M. ....	25
Aniversário do Corpo de Bombeiros .....	36
Abertura do Ano Escolar na Escola de Educação Física .....	42
Colônia de Férias do Clube Militar .....	50
Reflexões sobre a visita do Gal. Tassigny .....	51
Educação Física e Desportos .....	82
Sociais .....	92
A Carta da Criança .....	93
Página Feminina — Maria Lúcia .....	95
Palavras Cruzadas, Charadas, etc. ....	101/3
Legislação .....	113
Regulamento da Colônia de Férias do Clube Militar .....	118



# TIRADENTES

Major Luiz Teixeira Ribeiro Soares

Todo povo livre tem heróis na sua história

Um dos nossos foi incontestavelmente o imortal Tiradentes.

O protomartir da liberdade do Brasil é hoje mais que um símbolo e a Nação, no dia 21 de abril, presta ao inesquecível patricio justíssima e eloquente homenagem.

O patrono das Polícias Civil e Militar e um belo exemplo de coragem, decisão, renúncia, sacrifício e amor a Pátria.

A Fôrça Pública de São Paulo prestou ao inolvidável filho das Alterosas, como prova indiscutível de reconhecimento e civismo, honras militares, em toda a sua extensão, fa-

zendo desfilar o seu efetivo disponível no tradicional Vale do Anhangabaú.

O paulistano vibrou de entusiasmo e não regateou aplausos aos nossos Agrupamentos que, com garbo e disciplina, se apresentaram diante das mais altas autoridades civis e militares.

A nossa apresentação foi soberba. A impressão deixada foi a melhor possível.

São Paulo comemorou galhardamente a data de 21 de abril.

O que realmente alegra e conforta é que o homenageado foi um simples homem do povo.

O destino caprichoso decidiu que o filho de sitiantes pobres haveria de escrever, com o seu próprio sangue, páginas gloriosas de nossa História.

Tiradentes, nasceu no Sítio do Pombal no dia 12 de Novembro de 1746.

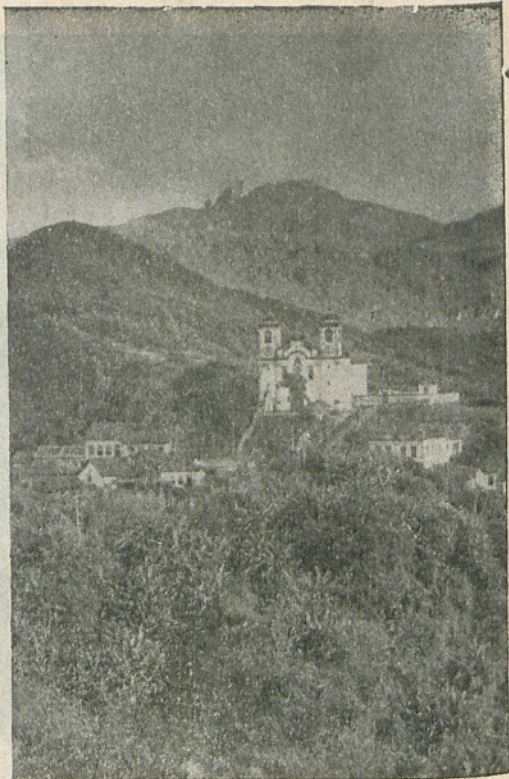
Foi batizado na Capela de São Sebastião do Rio Abaixo pelo reverendo padre João Gonçalves Chaves.

O seu registro de nascimento está consignado no Livro de Freguesia de Nossa Senhora do Pilar, da Vila de São João Del Rei, iniciado em 1742 e encerrado em 1747, fls. 151-verso, o qual se encontra, segundo dados históricos, na Biblioteca Nacional.

Recebeu o nome de Joaquim e era filho legítimo de Domingos da Silva dos Santos e de dona Antônia da Encarnação Xavier.

Criou-se em Pombal, no ambiente da Roça. Era corajoso, vivo e inteligente.

Muito cedo sentiu a necessidade de viver. Rapazola ainda, deslocou-



Linda vista de um recanto de Ouro Preto, cidade imortalizada pelos Inconfidentes

se para outras paragens, afim de ganhar o seu sustento.

A princípio foi minerador e conheceu de perto o sacrifício daqueles que arrancavam da terra o ouro ambicionado pela Corôa.

Depois foi mascate e nessa profissão percorreu grande parte do Estado de Minas Gerais.

Nos seus momentos de folga dedicava-se à extração de dentes, de preferência dos pobres, resultando daí a alcunha que o popularizou.

Certa vez, ao passar por Vila Rica, empolgou-se com o rufar dos tambores do Regimento de Cavalaria ali sediado.

Dias depois se fez soldado e logo granjeou a simpatia de seus supe-

riores, em razão de sua pontualidade e conduta.

O coronel Francisco de Paula Andrade, que era filho do Conde de Bobadela, animava-o a estudar e assim a melhorar a sua instrução rudimentar, mostrando-lhe que a caserna é a escola onde os homens realmente prosperam pelos seus próprios esforços.

O soldado Joaquim José da Silva Xavier chegou a ser alferes do famoso Regimento de Dragões.

Gosava de grande popularidade em Vila Rica e era estimado por todos.

Contava com inúmeros amigos e muitos deles pertencentes à fina flôr da sociedade do histórico recanto, hoje cidade de Ouro Preto.

O pesado tributo exigido por Portugal preocupava ativamente os mi-

neiros. Dezenas e dezenas de arrôbas de ouro atravessavam o Atlântico, porque as despesas da apparatusa Côrte de D.<sup>a</sup> Maria I.<sup>a</sup> cresciam sempre.

Houve o inevitável declínio de produção, uma vez que centenas de exploradores do precioso minério passaram a se dedicar à pecuária e à lavoura.

O desagrado da Corôa logo se fez sentir e o Governador da Capitania de Minas anunciou a "derrama", que entraria em vigor em Junho de 1789.

A notícia se espalhou rapidamente pelo Brasil Colônia e o descontentamento foi geral.

O coronel Paula Andrade, filho de pais fidalgos, não escondia a sua repulsa e discutia o assunto acirradamente com os ilustres juriconsultos e poetas Inácio de Alvarenga Peixo-



Outra vista da "Cidade Monumento", que é Ouro Preto. (Foto ten. Bianco)

to, Tomaz Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e José Alves Maciel.

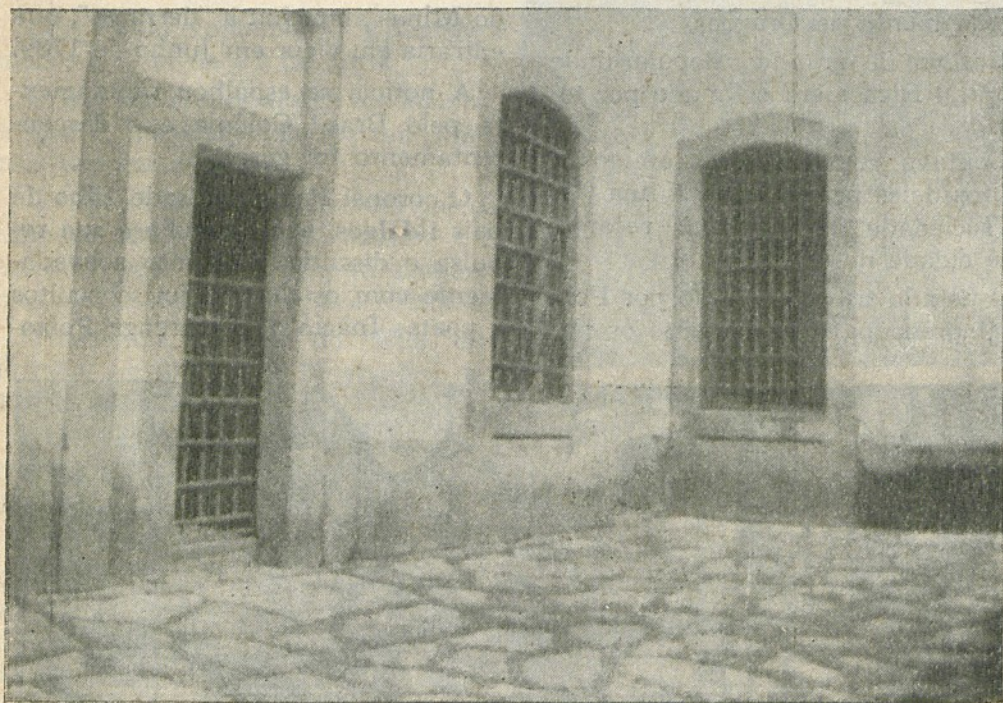
As reuniões eram feitas na residência do inspirado autor do poema "Vila Rica", em dez cantos, publicado em 1773 e que conseguira invulgar sucesso.

A Conspiração se articulou naturalmente e o alferês Tiradentes, que sentia ferver a idéia de Pátria, asso-

queira, Vicente Vieira da Mota e João Rodrigues de Macedo.

Este último, que era um português rico e muito relacionado com os governistas, reunia também em seu confortável palacete os mais destacados inconfidentes.

Tiradentes foi o mais ativo propagandista da liberdade e procurava por todos os meios ao seu alcance, conseguir novos adeptos.



Detalhe do Museu dos Inconfidentes, em Ouro Preto, em cujo lugar estiveram presos, por algum tempo, os Inconfidentes

(Foto ten. Bianco)

ciou-se de corpo e alma ao movimento libertador.

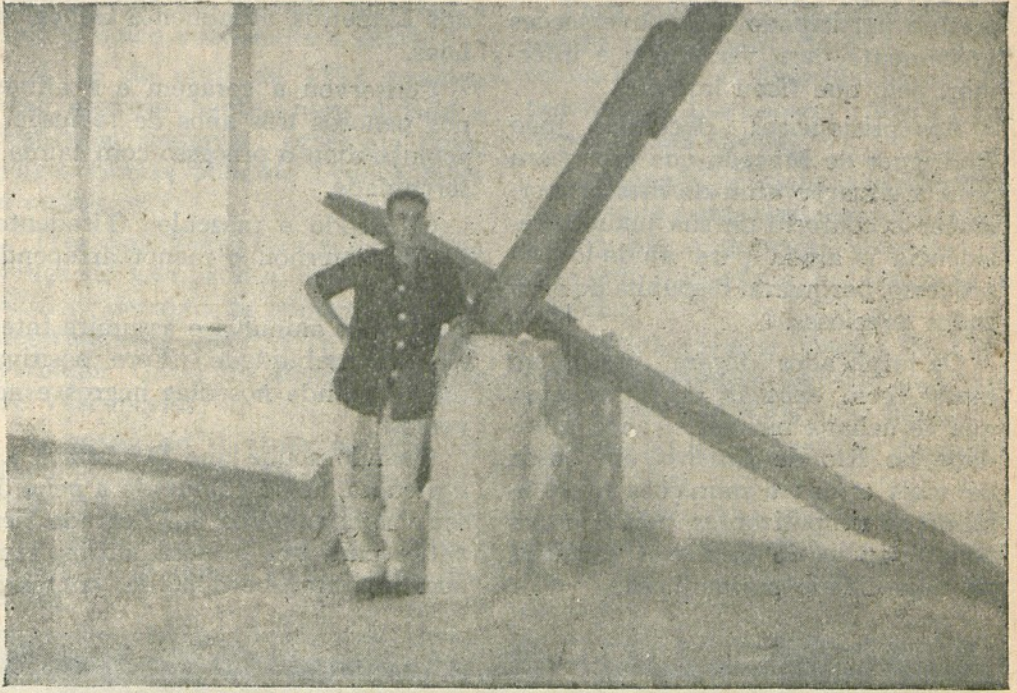
Tiradentes ficou radiante ao saber da adesão de seus amigos cônego Luiz Vieira da Silva, Francisco José de Melo, José Alves Maciel, Félix Corrêa de Toledo, Luiz Vaz de Toledo Piza, José Inácio de Si-

Viajava com frequência e executava com rara habilidade a árdua missão de difundir os anseios do povo brasileiro.

Operava a miúdo em Varginha e Ceboulas, onde o seu prestígio era enorme.

Foi ao Rio várias vezes com o ob-





Estes pedaços de madeira são o que resta do patíbulo em que se consumou o sacrifício de Tiradentes. Estão guardados no Museu dos Inconfidentes, em Ouro Preto

(Foto ten. Bianco)

jetivo principal de conseguir armas e munições e angariar novos partidários.

Os planos haviam sido traçados em todas as suas minúcias. Os conspiradores aguardavam tão somente a vigência dos novos tributos.

Possuíam até a Bandeira a ser adotada, na qual se lia a inscrição: "Liberdade ainda que tardia".

O Estandarte continha um triângulo, símbolo da Ordem da Santíssima Trindade, da devoção especial de Tiradentes, que aliás era profundamente católico e admirador da obra de São João da Matha, também chamada da "Redenção dos Cativos".

Veio o inevitável, em face de denúncia apresentada ao governador e capitão geral de Minas Gerais, Luiz Antônio Furtado de Castro de Rio de Mendonça e Faro, que ostentava os títulos nobiliárquicos de 6.º Visconde e 1.º Conde de Barbacena.

A delação foi feita pelos conjurados traidores Joaquim Silvério dos Reis, Inácio Pamplona e Basílio Malheiros.

A "derrama" foi sustada e o movimento sofreu imediata desarticulação.

Quando a intentona abordou, para surpresa de todos, João Rodrigues de Macedo foi designado carcereiro de seus companheiros de conlúio, de-

vido a influência dos correligionários do governo, que afirmaram ter o mesmo participado das conversações unicamente para ver, ouvir e informar, pelo que ficou impune.

Aos prisioneiros declarava João Rodrigues de Macedo que provocara aquela situação afim de lhes proporcionar o conforto de sua luxuosa residência e ainda para ajudá-los no processo, porquanto dispunha de amizades preciosas.

Os implicados foram presos em massa, com exceção de Tiradentes, que se achava na mais franca atividade no Rio de Janeiro, em busca de mais armas e munições e orientando os simpatizantes, pois contava com o apoio de inúmeros sectários na hoje cidade maravilhosa.

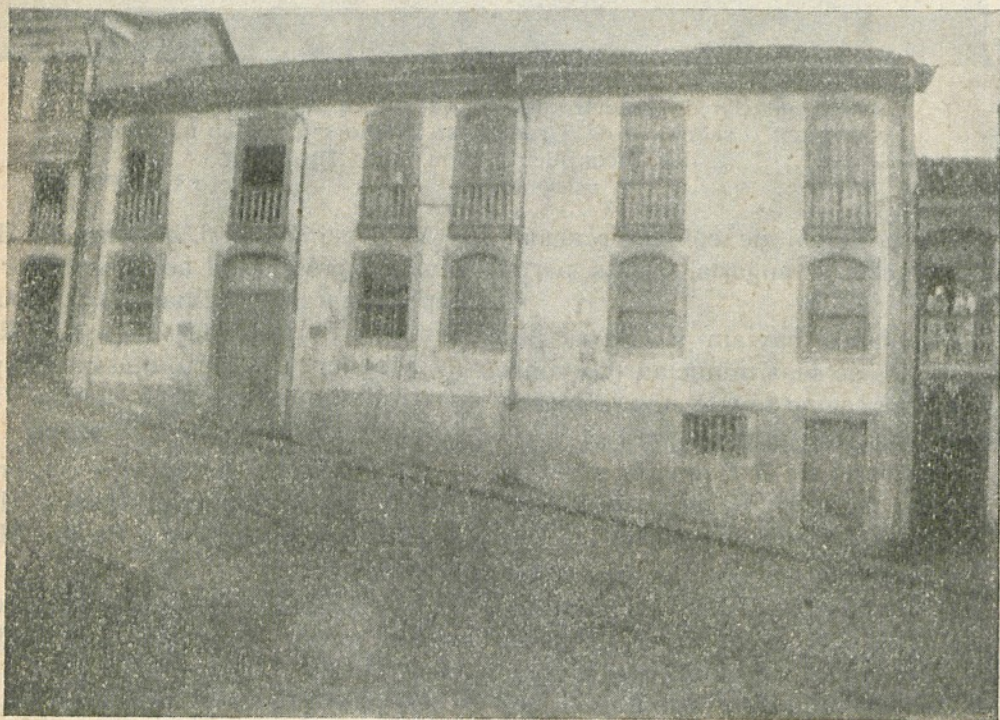
Estava, porém, traçado o seu destino. Foi igualmente detido na rua dos Latoeiros, atualmente Gonçalves Dias.

Conservou a coragem e a altivez nos penosos três anos de reclusão e acompanhou o processo com calma e serenidade.

O ousado e másculo Tiradentes jamais externou o menor arrependimento.

A todos animava e assumira inteira responsabilidade. Fôra positivamente grande nos dias negros e adversos.

Quando soube que D.<sup>a</sup> Maria I.<sup>a</sup>, a piedosa, havia comutado a pena de seus companheiros em degredo perpétuo para uns e, para outros, temporário, transbordou de contenta-



Casa em que viveu Thomaz Antônio Gonzaga, a rua Cláudio Manoel n.º 23, em Ouro Preto, hoje sede do Instituto Histórico daquela cidade

(Foto ten. Bianco)



mento, embora sabendo que havia sido o único condenado à morte.

A 18 de abril de 1792 recebeu com impressionante naturalidade a fastidiosa sentença proferida pelos juizes Gomes Ribeiro, Cruz e Silva e outros.

Três dias depois fôra enforcado na Praça do Lampadosa, hoje Largo do Rocío, debaixo de cômicos festejos determinados pelo Vice-Rei e Governador Geral do Brasil, D. Luiz de Vasconcelos.

O corpo do inditoso mineiro foi enviado para Vila Rica, com a ordem expressa de ser a cabeça colocada no mais alto poste e ali permanecendo até que o tempo a consumisse.

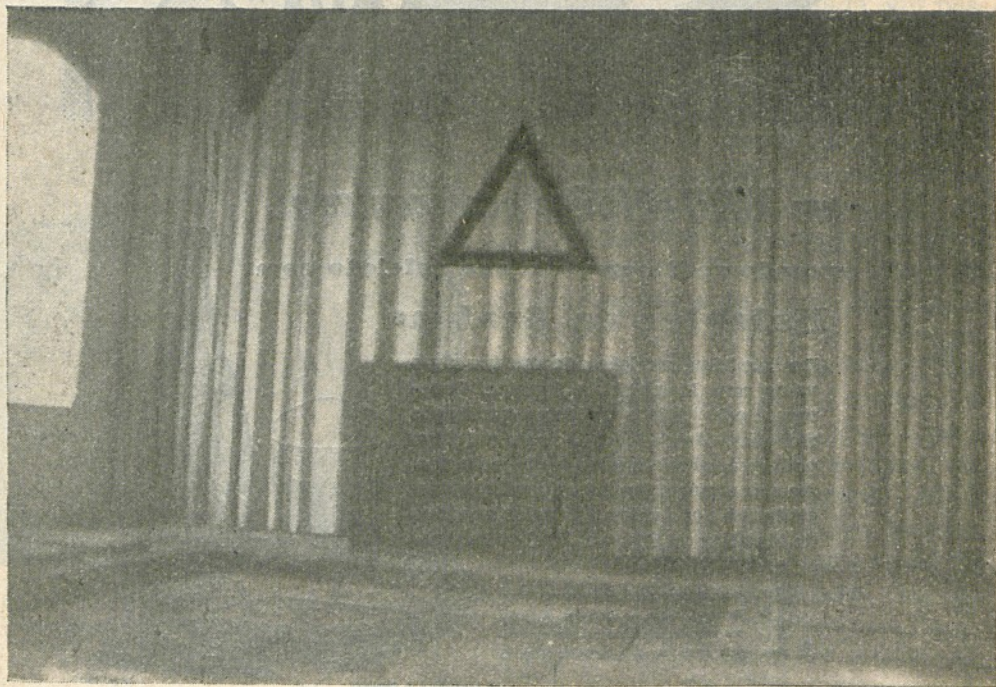
Teve ainda o corpo dividido em quatro partes, afim de que os habitantes das zonas doutrinadas por Tiradentes se inteirassem do castigo imposto pela Corôa.

A sentença continha a declaração de infâmia para a respectiva descendência, até a terceira geração. A casa em que viveu foi arrazada e salgada.

Termina assim a odisséia de Tiradentes, o arrojado patricio que preferiu a morte a viver sem honra.

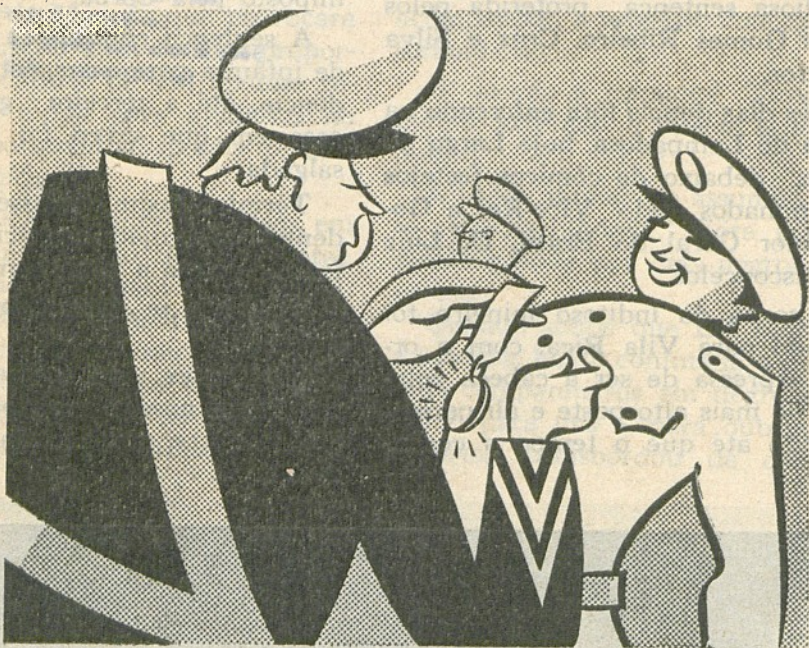
O tempo se encarregou de immortalizá-lo.

Tiradentes vive e viverá eternamente em nossos corações, como herói, martir e pioneiro da Liberdade do Brasil.



A "Sala das Cinzas", existente no Museu dos Inconfidentes, onde estão guardadas as cinzas dos Inconfidentes

(Foto ten. Bianco)



*um NOVO VALOR é acrescentado...*

**quando você completa sua refeição com**

## **Malzbier da Brahma**

De fato! Sua refeição adquire um novo valor com Malzbier da Brahma. Levemente adocicada e de baixa graduação alcoólica, Malzbier é altamente nutritiva porque é feita à base do malte mais rico. Ao seu almoço, lanche ou jantar, acrescente um novo valor... o valor nutritivo de Malzbier da Brahma. É saborosíssima.



Ouça as transmissões esportivas da Rádio Nacional, todos os domingos, à tarde, em ondas curtas e longas. Aos sábados, pela Rádio Mauá, à tarde ou à noite.



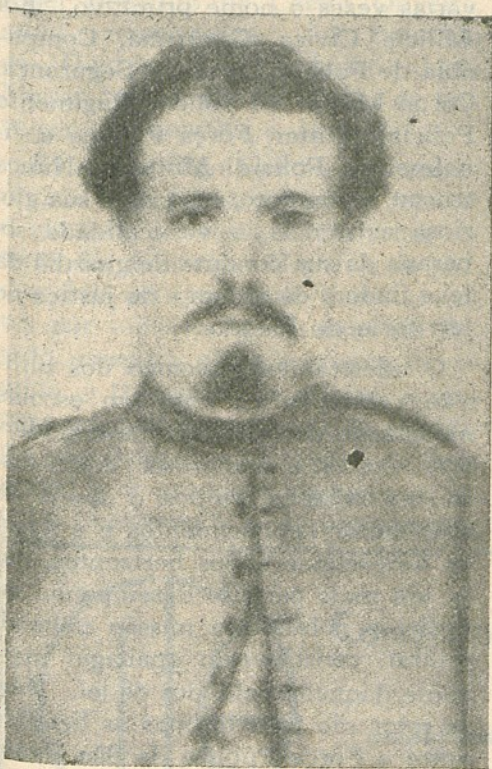
EM GARRAFAS E ¼ GARRAFAS

Record 3210

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. B. - RIO DE JANEIRO - S. PAULO - CURITIBA - P. ALEGRE - P. FUNDO

# A Policia Militar do Espirito Santo

"Militia", com êste número, como aliás é do seu programa, transpõe os marcos divisórios de Piratininga e alça-se até os montes alcantilados da Serra dos Aimorés, na gloriosa terra capichaba. Dalí, daquelas eminências, contempla laboriosa unidade da Federação, em marcha acelerada pelos roteiros do progresso, com os olhos fitos no seu passado



CAPITÃO JOÃO ANTUNES BARBOSA BRANDÃO — Tenente Coronel honorário do Exército, o patrono da Policia Militar do Espirito Santo.

fulgurante e na grandeza do Brasil. Divisa, ainda, velando por essa caminhada ascensional, qual atalaia

de bronze, garrida, coêsa, disciplinada, a tradicional e centenária Policia Militar do Espirito Santo. E resolve tributar, a essa Milícia de escól, a mais merecida das homenagens.

A oportunidade é impar e única para esta prova de afêto e amizade para com a secular Corporação Militar da terra de Maria Ortiz, Walkiria brasileira, que levou o hidromel da bravura aos guerreiros de Ararigboia e os conduziu à vitória, na luta pela expulsão de intrusos estrangeiros do sólo nacional. E' que a Milícia capichaba, no dia 6 de abril, radiante e engalanada, viu passar a efeméride memorável de sua fundação.

A origem da Policia Militar do Espirito Santo vem das priskas éras do período colonial de nossa terra. Com fundamento nos Regimentos régios de 1.548 e 1.570, que prescrevia a criação de milícias locais, surge, na então Capitania de Vasco Fernandes Coutinho, a 20 de abril de 1736, com o efetivo de 28 soldados e 36 artilheiros, o núcleo inicial dos milicianos capichabas, logo depois, elevado para 80 homens, por ordem expressa de S.M. El-Rei de Portugal. Mais de cinco lustros decorridos, lá para as bandas de 1.768, o marquês de Lavradio, governador geral, agrêga àquela tropa, por transferência, uma companhia do Regimento Alvim. A 20 de janeiro de 1.788, o governador, D. Rodrigo José de Menezes, determina a criação, em Vitória, de um regimento de milícias e de duas com-

panhias de cavalaria, sendo investido nas funções de comandante geral o próprio capitão-mór e governador da província, Inácio José Monjardim.

Aos primeiros clarões do século XIX, no próprio ano de 1.800, o governador da província, Antônio Pires da Silva, determina a criação de um Corpo de Pedestres, para policiamento da Capital, com o efetivo de 300 homens. A criação dos Pedestres, sucedeu, em 1.º de dezembro de 1.810, o batalhão de artilheiros milicianos, integrado por quatro companhias.

Corriam tumultuosos e ameaçadores os dias do período regencial. O Espírito Santo, como as demais províncias, não possuía uma tropa fixa para prevenir e repremir com eficiência as agitações constantes que perturbavam a vida laboriosa da nação. As suas milícias, por força da Carta da Lei de 10 de outubro de 1.831, passaram a se constituir em Corpo de Permanentes. Foi quando Manoel José Pires da Silva Pontes, presidente da província, escudado na citada Carta de Lei de 1.831, do governo regencial, promulga, na mesma data, a Lei n.º 2, de 6 de abril de 1.835, da Assembléa Legislativa Estadual, criando a Guarda de Polícia Provincial, com o efetivo de "3 oficiais, 1 1.º sargento, 2 2.ºs sargentos, 1 furiel, 6 cabos, 2 cornetas e 100 soldados". "Os oficiais, tirados da classe dos avulsos, terão mais meio soldo, correspondente ao de sua patente, acrescidos da gratificação de comando de 15\$000. Os oficiais inferiores e soldados vencerão diariamente: 1.º sargento, 5,00; 2.º sargento \$440; furriel, \$400; cabo, \$360; e soldado \$320. Estes não terão e-

tapa nem gratificação. Farão jús, no entanto, a 18\$000 para fardamento, pagáveis adiantadamente, a cada semestre".

Segundo documento oficial que temos em mãos, o diploma de 6 de abril 1.835, é a Lei que deu vida à secular Corporação Policial Militar, da terra capichaba.

Na sua caminhada centenária, a Milícia do Espírito Santo se multiplicou em efetivo, aparelhamento e eficiência para bem desempenhar suas elevadas finalidades. Trocou várias vezes o nome primitivo. Foi Milícia Cívica, Guerrilha, Companhia de Polícia, Corpo de Segurança, Corpo Militar de Polícia, Regimento Policial Militar, Fôrça Pública e, finalmente, Polícia Militar. Nunca trocou, no entanto, em toda a sua gloriosa existência, a verticalidade soberana da sua conduta de guardiã da lei e fiadora da ordem e da justiça no território do Estado.

O adestramento técnico dos milicianos capichabas, feito em escolas modelares, dotadas dos mais modernos recursos, é primoroso. Além disso, em todos os tempos, o desejo de aperfeiçoar conhecimentos e a ânsia de descortinar novos horizontes, para um mais perfeito desempenho da árdua e nobilitante missão policial-militar, constituíram apanágio marcante daqueles soldados de lei. Nêsse setor são bem intimas as ligações entre a Fôrça Pública de São Paulo e a Polícia Militar do Espírito Santo. Em 1.910, quando começavam a surgir as primeiras florações do trabalho da Missão Militar Francêsa, tivemos a honra de receber vários oficiais daquela milícia irmã que vieram ser nossos companheiros de es-

tudos na doutrina gauleza que estávamos assimilando. “Regressou a-quele grupo de iustres oficiais — diz-nos resenha mono-gráfica oficial — com os seus conhecimentos militares aperfeiçoados, após um curso regular, levado a efeito naquela Corporação amiga”. Nossô intercâmbio nos domínios da técnica profissional, com a nobre Polícia Militar do Espírito Santo foi mais longe. A pedido govêrno daquele Estado para lá enviâmos, em 1.929, u’a Missão Instrutora, chefiada pelo ilustre Coronel Benedito de Castro Oliveira, atual comandante do Batalhão de Guardas. O trabalho dessa Missão “muito elevou o gráu de instrução dos quadros e da tropa”.

Episódios dignificantes enriqueceram, a cada passo, a história secular e gloriosa da nossa diléta irmã da terra dos Aimorés. Nos dias de paz, dispersa em pequenos destacamentos por todos os quadrantes do Estado, assegura, como sentinela indormida, a tranquilidade pública e prepara um ambiênte de ordem, um clima de confiança, propício ao progresso e à grandeza daquela gente culta, acolhedora e eminentemente

brasileira. Nas comoções intestinas, como na guerra do Paraguai, escreveu páginas fascinantes de beleza e de bravura. Nos campos de Tuiuti, às ordens de Caxias, e no lencól líquido do Paraná, na fóz do Riachuelo, ao mando de Barroso, ficaram heróis e martires da Milícia do Espírito Santo, atestando a glória eterna de uma Corporação. O chefe do executivo capichaba vem de dar-lhe um patrono, na figura eminente do Capitão João Antunes Barbosa Brandão, heroi verdadeiro, titular do império, tenente-coronel honorário do Exército, e que a conduziu vitoriosamente na campanha contra as hostes de Solano Lopes. Um varão desta estatura fica bem ao lado de Tiradentes, o vulto de legenda da Inconfidência Mineira e da liberdade do Brasil, nome tutelar das Milícias da Terra de Santa Cruz.

“Militia” augura à disciplinada e vanguardeira Polícia Militar do Espírito Santo um porvir esplendoroso, pontilhado de empreendimentos e arrancadas homéricas, da marca daquelas epopéias que dão colorido magistral às enlevantes páginas de sua história.



## Comércio e Indústria de Tecidos e Armarinho

IMPORTAÇÃO

EXPORTAÇÃO

Fornecedora das Repartições Públicas

CONFECÇÕES FINAS PARA HOMENS

TECIDOS E ARMARINHOS POR ATACADO

Caixa Postal, 5284

R. Visc. Rio Branco, 446-452

Telegr.: Inducita

São Paulo

Telefone: 6-2208

## Carta aos Camaradas

Vocês já viram os nossos dois primeiros números. O segundo saiu um pouco melhor, pois conseguimos sanar uma série de dificuldades. Mesmo assim, ainda achamos que poderá sair melhor, dependendo também da boa vontade dos prezados camaradas em nos ajudar para tornarmos "MILITIA" atraente pela feitura e pelo concêito dos juízos emitidos.

Solicitamos, então, a vocês todos enviar-nos a opinião acêrca da revista, dizendo-nos, com toda franqueza, o que lhes agrada ou desagrade nela. Queremos crítica construtiva, pois, sendo a revista de toda a Fôrça Pública, tudo deveremos fazer para que seja um grande órgão bemquisto por todos, e refletindo a sua luz sobre o panorama da vida civil, porque, é através dela que iremos dizer do ideal que nos anima.

A sua crítica construtiva muito contribuirá para tornarmos "MILITIA" uma grande revista. Precisamos que assim seja. Que ela ande por todas as Milicias-irmãs, pelo Exercito Nacional, e pelo mundo-civil, dizendo o que estamos fazendo e aquilo que já fizemos.

Por isso, dentre os motivos com que vocês podem colaborar conôsko, aqui vai uma série dêles para sua lembrança:

- artigos sobre assuntos policiais-militares;
- artigos sobre assuntos gerais;
- comentários sobre obras que nos dizem respeito, tanto técnicas como histórico-geográficas;
- contos, poesias e anedotas;
- fatos jocosos registrados nos quartéis e nos destacamentos;
- caricaturas, desenhos, fotografias;
- reportagens sobre a vida de suas unidades e destacamentos;
- notícias de festas, casamento de colegas, retratos de seus filhinhos, etc..

Vocês viram como é grande a lista dos motivos para colaborar conôsko?

Esperamos, pois, pela sua presença.

A REDAÇÃO

---

### Aos Camaradas das Milícias Irmãs

Solicitamos aos camaradas das Milicias-Irmãs nos enviarem informações e fotos de suas corporações para serem publicados em "MILITIA". Desejamos

manter o maior intercâmbio possível, para que possamos revelar o que existe e o que se faz em todas as Fôrças Policiais do Brasil.



## Dia das Policias Civis e Militares



A Companhia de Alunos Officiais desfilando deante do palanque governamental

A Fôrça Pública desfilou a 21 de abril p. passado, no vale do Anhangabaú, em comemoração ao «Dia das Polícias Civis e Militares», cujo patrono é Tiradentes, o proto-martir da Independência.

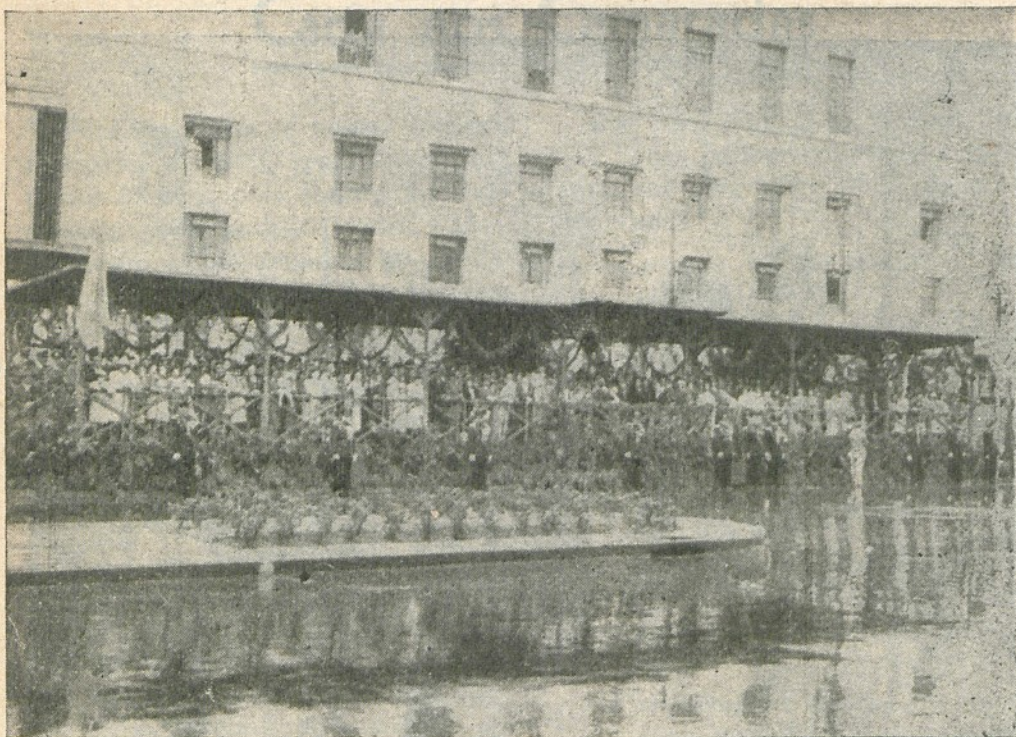
Apesar do mau tempo o desfile foi realizado satisfatoriamente, sendo considerável a afluência popular para presenciá-lo.—

A parada obedeceu à seguinte ordem: Comando e respectivo E. M. ; Agrupamento n.º 1 (Unida-

des tipo Exército); Agrupamento n.º 2 (Cavalaria); Agrupamento n.º 3 (Unidades tipo Policial); Agrupamento n.º 4 (Corpo de Bombeiros).

O Agrupamento Policial, que desfilou pela primeira vez, causou ótima impressão, em particular pela forma como apresentou seu material, cujo estado de conservação pôde ser classificado de impecável. Brilhou igualmente o Corpo de Bombeiros, como de costume.—

As fotografias foram tomadas nas proximidades do palanque oficial. Fixam aspectos do desfile que, como dissemos, foi feito sob chuva.



Vista do palanque oficial

---

## ASSINATURAS NO INTERIOR DO ESTADO

Por intermédio dos comandantes dos destacamentos policiais "MILITIA" está tendo boa aceitação em todas as localidades do interior do Estado, não só entre os componentes dos destacamentos como entre autoridades e pessoas civis.

Confirma-se, assim, de maneira satisfatória, o cálculo otimista que fizemos quando resolvemos difundir esta revista através do nosso "hinterland" apelando, nesse sentido, aos nossos camaradas que em todos

os recantos do território estadual se empenham, diuturnamente, na manutenção da ordem e segurança públicas, a serviço do povo laborioso de São Paulo.

A êsses prestimosos colaboradores "MILITIA" endereça, nestas linhas, seus melhores agradecimentos e, por outro lado, felicita-os pelo interesse que provaram ter pela Corporação ao cooperarem de forma tão eficaz na difusão deste seu órgão de notícias e de expressão cultural e técnica.

# Oração de Paraninfo

Proferida em 27 de Dezembro de 1947, pelo Coronel Pedro Dias de Campos, no Estádio da Escola de Educação Física da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, por ocasião do encerramento dos Cursos de Esgrima e de Ginástica de 1947.

Caríssimos Diplomandos.

Atraído pela generosidade do convite que lhe fizestes, aqui o tendes, caros afilhados, — o velho camarada e amigo, — que vos vai entediado com sua insonsa palestra.

Não foi pequena a sua surpresa, quando os vossos enviados lhe comunicaram, — poucos dias faz, — que fora escolhido vosso paraninfo.

Conturbou a sua sensibilidade, o inesperado do ato que o honrou, elegendo-o para, como vosso padrinho, vos acompanhar no momento, em que ides transpôr o portal desta escola, na qual fostes laureados instrutores e monitores, para empreender vossa jornada, marchando no caminho da vida.

Grata e sugestiva acolhida lhe estava reservada, ao penetrar na luminosa arena, onde tropas em linha, enquadravam a galharda turma de diplomandos. Ele falará aqui a linguagem que todos entendem, — que é a da educação física.

Será um milagre si não ficardes decepcionados, e não será culpa de vosso apoucado padrinho, mas sim dos que, desavisadamente, o foram buscar, pois sua oratória é fraca, sem brilho e sem vigor.

Foi contudo, para o eleito, uma grande alegria e maior conforto, o generoso gesto da escolha para paraninfo este galhardo núcleo de instrutores, da mais fina, nobre e elevada profissão especializada.

Não foi possível declinar tão afe-

tuoso e coartivo poder de persuasão, dos distintos oficiais que o foram procurar.

Caros afilhados.

Nesta festa de triunfo e de exaltação de uma escola cavalheiresca, tal a da Educação Física, pela ginástica e pela esgrima, que é uma escola de sacerdócio e de perseverança, saís para a luta e para o esforço, trilhando estradas e veredas insadas de tropeços e de enganos. Desde os primeiros passos, parê, sereis conduzidos para a trilha do êxito, até alcançardes a do triunfo e do sucesso. E ides, corajosamente, ensinar tudo da instrução física, que melhora e revigora as condições estruturais do indivíduo, favorecendo sua saúde, aumentando sua fôrça de resistência, com que desenvolverá sua aptidão para todas as atividades e para o desempenho de trabalhos e tarefas diversas. Após a ginástica educativa, os jogos desportivos e a ginástica natural, completarão o preparo físico do aprendiz, para se dedicar aos grandes desportos, atletismo e competições. Os exercícios ginásticos visam a obtenção de todas as vantagens higiênicas, estéticas, morais e econômicas, conforme sua influência na saúde, na forma do corpo, no espírito, e na utilização da fôrça muscular de cada qual.

A higiene determinará a qualidade do trabalho, sua duração e condições em que deverá ser efetuado. O entusiasmo, a alegria e a energia que o instrutor comunicará aos aprendi-

zes, influirá também na obtenção do efeito higiênico.

O estético, é dependente da natureza do exercício e da repartição dos esforços sôbre as diferentes partes do corpo, que se modificam e se desenvolvem, segundo o gráu de atividade dispendida. E' assim que a repetição dos movimentos mal escolhidos ou mal executados, pode causar deformações, — enquanto que uma boa ginástica deve, ao contrário, conservar no homem sua forma natural e contribuir para a sua beleza.

Das qualidades virís do indivíduo, dependem o efeito moral e físico, visto que, a vontade, a perseverança, a coragem, a audácia, se exercitam, se desenvolvem, ou se amesquinham, tal qual a fôrça muscular.

Depende da qualidade da execução, o efeito econômico do exercício. Consiste a qualidade, na coordenação perfeita dos movimentos, obtendo o rendimento máximo de esforço dispendido.

Em resumo, — não sòmente ganha o corpo com o exercício físico, com êle ganha o espírito em qualidades de alto valor. Com verdade se estabeleceu o princípio pedagógico da Educação Física, — *mens sana in corpore sano*.

Iniciais, desde logo, a vossa peregrinação de mestre, sob os melhores auspícios, indo ensinar em outras paragens e em outras unidades a patrios nossos, carecedores dos benefícios da educação física. E aí, cuidai que o instrutor, — o educador pela ginástica e pela esgrima, — é, por excelência, um artista do belo, o escultor que imprime aparência, forma e plástica à sua obra escultural, cin-

zelando-a segundo o esquema traçado pela eugenia, que fixa, na uniformidade do ensino, o aprimoramento da raça.

Esse artista do cinzel, que é o instrutor de ginástica, vai modelando o indivíduo humano pela estatua de Phebo, na perfectibilidade de seus traços vigorosos e elegantes; na sua fisionomia serena e atraente; na atitude graciosa e ereta.

Vem esta Escola de Educação Física, lídimo padrão de pedagogia, há vários decênios, se elevando no conceito e na estima geral, com a formação de sucessivas turmas de instrutores, em todas as modalidades dos cursos, de onde saem verdadeiros sacerdotes para a difusão do ensino da arte que, flexionando, torna o homem ágil e resistente. Para que o instrutor consiga alcançar êsse primor na educação física, tem êle, durante o curso, de adquirir um desenvolvimento, uma resistência, uma saúde, à prova de todas as fadigas.

Assim são os instrutores, os monitores especializados em esgrima, os monitores de educação física, da turma que, no bruxolear do ano em curso, o orador está, neste momento, parainfando.

Esses bons elementos técnicos da Escola, continuam enaltecendo, cada vez mais, o renome glorioso da Fôrça Pública de São Paulo, que ultrapassando já as linhas nacionais, alcançou os mais afastados países do continente americano.

Civicamente, devotados ao ensino das classes que lhes forem entregues, os instrutores que saírem desta escola hão de se esforçar, para que a educação física se propague e floresça em todos os rincões pátrios, a-

fim de que a gente brasileira se aproprie de seus benefícios, tornando a prole que dela surgir, forte e sábia. Imensa, árdua, difícil, mas elevadamente gloriosa, é a vossa tarefa, dignos militares. Enfrentai corajosamente essas dificuldades, e vereis, uma a uma, se esfacelarem, pois pulsa em vosso peito, um coração bem brasileiro, ardoroso e bravo.

Inculcarão êles em seus aprendizes, com esclarecido conhecimento, o tesouro de seu saber, semeando em seus espíritos e corações, o hábito da disciplina aceita; da formação moral e, com autoridade moderada, o domínio próprio, o sentimento e espírito de cavalheirismo.

Foi de instrutores assim, meus caros afilhados, que colhestes a ciência de ensinar a transmitir aos aprendizes, os conhecimentos exatos de alta cultura, destinada a melhorar e uniformizar nossa raça caldeada.

Jovens oficiais, aprestai-vos para a travessia e prosseguimento da luminosa jornada prática, ora brilhando, sob a luz do caminho, ornado de ridentes paisagens floridas, que os conduzirão para o êxito. Marchai desassombadamente, com os olhos fitos no ponto que visualisastes ao partir, alvo de vossos anseios cívicos; lá encontrareis, à vossa espera, para vos premiar, o triunfo, a palma e o sucesso na vossa carreira de instrutor. E todos que aqui estão, vieram trazer-vos aplausos, pelo término de vossos estudos.

Agora que estais de posse do diploma, que com diuturno esforço conquistastes, vossa alma canta e vibra no entusiasmo da laurea alcançada.

Estuais vida e vigor e estais prontos para soberbos arrojões. Aspirais atingir relevo e projeção na arte de ensinar aquilo que aprendestes, sem vos importar com as lutas e os sacrifícios que ides enfrentar, só pensando nos magníficos resultados que advirão de vossa tenacidade.

E para desempenhar as tarefas, procurai marchar agindo, para subir produzindo pelo vosso devotamento, esforço e arte humana, que embeleza e exalta a vida.

Cumprí fielmente, e com amor, vosso dever de instrutor, mantendo fortaleza de ânimo, diante das dificuldades de vencer.

Trabalhai com brilho e galhardia, rechassando a vaidade do êxito e nem vos submetais aos caprichos de vossas tendências inferiores, que realmente inferiorizam a personalidade humana, que é a base do caráter. Conservai o espírito de classe e procurai vencer a vós mesmos, nas mais terríveis circunstâncias.

Não desprezeis os aprendizes que se atrazam, antes, procurai recuperá-los.

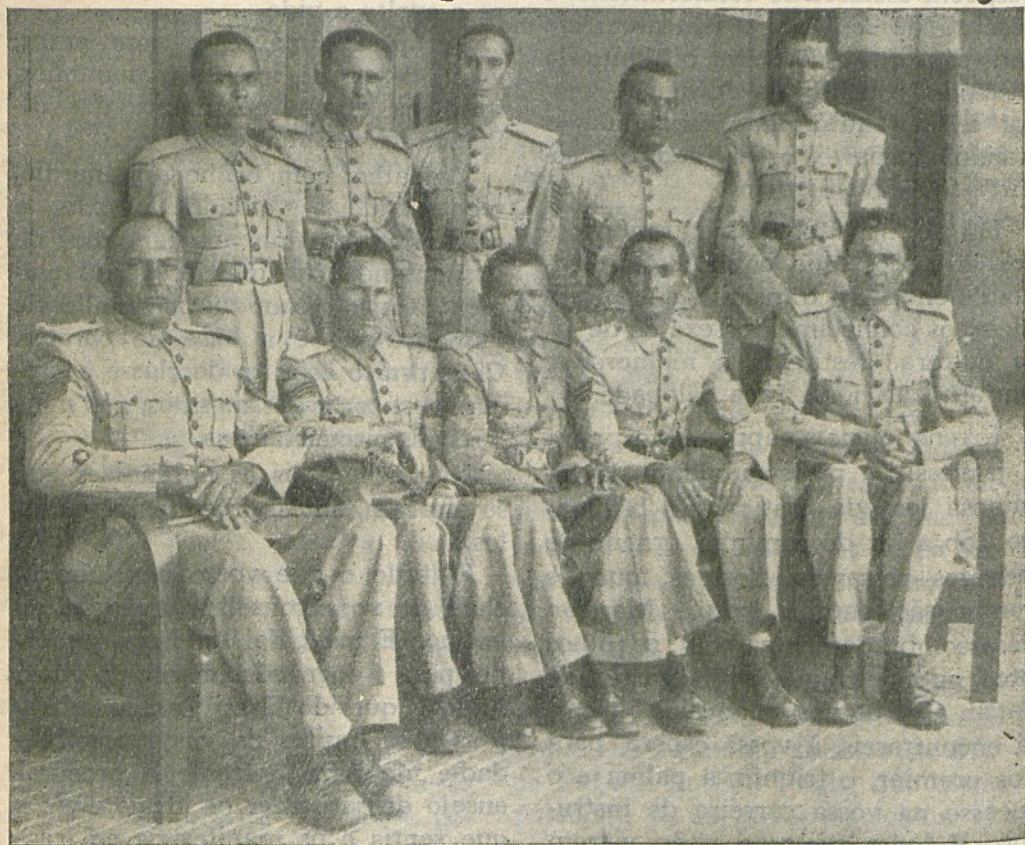
E' tudo o que vosso padrinho achou de vos aconselhar, relativo ao ensino. E mais, dai tudo que puderdes para o engrandecimento do vosso lindo e querido Brasil; e sem ultrapassar os limites de vossa possibilidade, ide para a frente e procurai ensejo de satisfazer os ideais cívicos que sentís e os manifesteis em realizações concretas.

Se assim praticardes, vereis rosas florescerem nas urzes de vosso caminho. E por êsse último conselho, direi como o poeta Bastos Crespo: "Caminhai para a luz; não vos importe a sombra que façais".

## Polícia Militar de Sergipe

A fotografia publicada abaixo foi oferecida a esta revista pelos sargentos da Polícia Militar de Sergipe que em 1947 concluíram o curso de oficiais daquela corporação.

Agradecemos a oferta e congratulamo-nos com êsses camaradas, pela formatura, formulando-lhes votos de carreira brilhante no quadro de oficiais da co-irmã sergipana.



Sentados: Sgts. Temistocles Oliveira Fortes, Francisco Alves Rocha, José Faustino Silva, Maurilio Rodrigues de Figueiredo e Juvêncio dos Reis. De pé; Antônio Xavier de Farias, José Pereira da Costa, Roque Simas, José Francisco das Chagas e José Teles do Nascimento

# Dos primórdios da Identificação Criminal aos nossos dias

1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado

As fontes históricas nos dizem: — “a idéia de identidade e os meios de identificação são tão antigos que apareceram com o próprio sêr humano”.

O homem primitivo, já marcava suas armas e utensílios com desenhos e arabescos, levando-nos a supôr que tais marcas não tinham outro fim senão o de identificá-los, evitando assim que referidos objetos, de sua propriedade, se confundissem com os de seus companheiros.

A história nos faz supôr que, a primeira idéia surgida na mente do homem, afim de identificar os criminosos foi a de aproveitar o “ferro quente”, processo que já vinha sendo empregado para marcar animais de sua propriedade.

Este foi, ao que parece, o primeiro meio de identificação empregado pelo homem, com a finalidade de apontar à sociedade os delinquentes primários e costumazes.

Vejamos por exemplo, as leis de Manú, na India, que determinavam fossem os culpados de um delito marcados na fronte, à ferro quente.

Na Grécia e em Roma também eram os criminosos marcados por êsse processo.

As marcas variavam de fôrma, de acôrdo com o delito praticado, assim é que muitas vezes, tais marcas representavam um desenho, um monograma, uma letra qualquer, im-

pressa à ferro em braza, identificando dêsse modo o seu portador como um criminoso.

Em certos paizes, como na França por exemplo, os criminosos eram marcados com ferro incandescente, afim de que em qualquer tempo fosse possível reconhecê-los.

Inicialmente, o rosto éra a parte do corpo preferida para tal operação, no entanto, com o decorrer dos anos, referida marca passou a ser feita na ômoplata, consistindo geralmente numa “flôr de lís” que significava o sinal real.

Ainda na gloriosa França, no ano de 1724, os ladrões primários eram marcados com um V (*voleur*), e os reincidentes com VV, sendo que nos Galés, imprimiam-se as letras G.A.L. (*galerien*).

Com a vitória da Revolução Francesa, êsse método de identificação foi suspenso, sendo porém restabelecido por uma lei, para os reincidentes, falsários e moedeiros falsos.

Em 1806, a aplicação de tal método foi extensiva aos incendiários, sendo que em 1823, foi definitivamente suprimido êsse sistema de identificação naquele país.

Na Espanha, os escravos também eram passíveis de semelhante processo.

Alguns escritores, citam o caso do Cabido Municipal de Havana, que em 1610, determinara que se cor-

tassem as orelhas dos escravos fujões, afim de identificá-los, assim como o da Rússia, onde a determinados criminosos se cortavam as narinas para reconhecê-los.

Conforme acabamos de verificar, não foram muito felizes os homens ao idealizarem os primeiros métodos de identificação, pois, além de serem deshumanos, não correspondiam ao alcance social que deveriam ter.

Com a evolução dos tempos e os progressos da civilização, outros métodos mais humanos e científicos foram estudados.

Na sequência dos meios aplicados na identificação do indivíduo criminoso, apareceu logo em seguida ao primitivo, denominado do "*ferro quente*", o da "*tatuagem*", e logo após o fotográfico, o qual foi lançado por vários países assim que apareceu a arte fotográfica.

Esse método, então tido como infalível, não deu o resultado que se previa, isto em virtude da falta de um sistema de classificação para o arquivamento dos albuns fotográficos, o que muito prejudicava as pesquisas.

Além desse inconveniente, as dificuldades eram multiplicadas, visto que, os criminosos e reincidentes, deixavam crescer as barbas e os cabelos, bem como adotavam contrações do rosto e cicatrizes, as quais lhes modificavam os traços fisionômicos, tornando assim tal processo impreciso e falho.

O período da identificação simplesmente fotográfico, desprovido de fundamento científico, foi pequeno; eis que surgiu logo em seguida o chamado "*Retrato Falado*" de BERTILLON, que se baseava no processo sinalético.

ALFONSE BERTILLON, segundo sabemos, no ano de 1882, deu à identificação, principalmente à judiciária, a sua base científica. O sistema, baseava-se na prática das mensurações do corpo humano, ao qual o autor denominou de "*Antropométrico*", sendo que atualmente, esse sistema passou a se denominar "*Bertilhonagem*", como pleito de homenagem a seu autor.

O processo de Bertillon, que recebeu consagração oficial no ano de 1885, no "Primeiro Congresso Internacional de Antropologia Criminal", em Roma, apesar de haver disciplinado a prova fotográfica, tornando-a mais eficiente, deu origem a um sistema complexo para a identificação dos criminosos primários e reincidentes, tendo por conseguinte caído no desuso, dando lugar a outros mais simples e seguros, que apareceram logo após.

Não parou aí a vontade dos homens, na busca do um meio mais eficiente de identificação.

A luta continuou e, felizmente para melhor, isto porque, aboliu-se por completo os processos deshumanos empregados na identificação dos criminosos.

Em 1888, FRIGERIO, idealizava um novo sistema, baseando-se somente na configuração da orelha.

E' então a "*Identificação Otométrica*" que passa a preocupar a mente dos investigadores.

Esse sistema porém, não deu resultado, isto devido a impossibilidade de uma classificação racional.

Em seguida, apareceram outros sistemas, tais como os de AFONSSSE em 1896, que inventando o aparelho de-



nominado "*Taqui-Antropometro*", julgou haver completado o processo Antropométrico de Bertillon; o de MATHEIOS, que se baseava em dados geométricos, fundamentando-se no princípio de que: — "*Certas dimensões do rosto humano, quando o indivíduo chega à idade adulta, só se modificam em virtude de enfermidades ou lesões craneanas*"; o de CAPDEVILLE, que se fundamentava nos diversos característicos do olho, e que requeria as operações seguintes: —

"a) — mensuração da curva máxima; b) — medida da distância inter-papilar; c) — medida inter-orbitária máxima; d) — anotações da côr do iris; e) — anotações dos caracteres particulares (leucomas, miopía, hipermetropia, etc.)" bem como os métodos de LEVINHN e TAMASSIO, ambos sem grande importância, pois que, o primeiro se baseava na fotografia do fundo do olho e no processo da radiografia dos ossos, e o segundo na possibilidade de identificar o indivíduo pelas ramificações venosas do dorso da mão, ramificações que segundo o autor do processo variam de pessoa a pessoa e que se podem observar, comprimindo-se o pulso.

Todos esses meios e sistemas de identificação, não deram os resultados preconizados por seus autores, daí os homens de boa vontade continuarem suas pesquisas científicas, afim de encontrarem o mais breve possível um meio seguro, prático e indiscutível de identificar, não só aos criminosos e reincidentes, como ainda aos demais cidadãos, componentes da sociedade.

Assim é que, tanto lutaram até que descobriam num feliz momento

que a chave do problema estava nas extremidades de seus próprios dedos, pois que estes possuíam desenhos papilares que divergiam de indivíduo a indivíduo, possibilitando assim um meio de identificação.

Após as observações de que: — "a polpa dos dedos apresenta em sua extremidade linhas livres ou saliências papilares, de disposição variável, mas passíveis de classificação em alguns tipos definidos, persistentes através da vida de um mesmo indivíduo, mas diferentes de um indivíduo a outro", várias foram as tentativas de aplicação prática de tais descobertas, sendo que entre os estudiosos e divulgadores do sistema dactiloscópico, enfileiraram-se vultos como os de: — "Galton, Vucetich, Henry, Windt, Kodicek, Potecher, Bertillon, Daae, Roscher, Gasti, Oloriz e outros", sendo certo que a todos levou vantagem Vucetich, cujo método foi por nós adotado desde o ano de 1903.

EDMOND LOCARD, famoso criminalista francês, em sua obra intitulada "*A Investigação Criminal e os Métodos Científicos*", assim se refere quanto à importância do Sistema Dactiloscópico: — "A dactiloscopia, ou exame das impressões digitais é, atualmente, o melhor método para descoberta e identificação dos criminosos. Mas é preciso distinguir, no emprêgo do método dactiloscópico, duas ordens de operações muito diferentes. Com efeito, as impressões podem servir, em primeiro lugar, para reconhecer os reincidentes e classificar as fichas de identidade. Sob este aspecto, a dactiloscopia substitue quasi que em toda parte a Antropometria. Mas as impressões po-

dem também servir para descobrir o autor dum crime ou delito”.

O sistema em questão, conforme sabemos, além de seu alto valor científico, é também o mais barato e simples em relação aos demais, sendo ainda o mais seguro, pois, o mesmo tem o seu fundamento no triplice princípio da perenidade, da imutabilidade e da variedade dos desenhos digitais, princípios esses já cientificamente verificados e não contestados.

Outro processo de identificação com bases científicas, e que vem sendo empregado atualmente pela Polícia de São Paulo, é o da Identificação odontológica ou pelos dentes, o qual já tem permitido identificar criminosos e reincidentes, que ao praticarem delitos, inadvertidamente deixaram em frutas, queijos e outros alimentos que encontraram no local do fato, e muitas vezes no corpo da própria vítima sinais de dentes (mordidas), os quais são modelados e confrontados posteriormente com os da pessoa detida como suspeita.

Em síntese, esses foram os principais processos de identificação empregados pelos vários povos, através dos séculos, até nossos dias.

Graças aos homens estudiosos, é que os processos deshumanos de identificação desapareceram, dando lugar a outros, cujos fundamentos são científicos, práticos e humanos, permitindo assim que se encontre e se identifique com facilidade os criminosos primários e os reincidentes, bem como possibilitando aos demais componentes da sociedade que se identifiquem, afim de assegurarem os seus direitos perante aos demais.

## BIBLIOGRAFIA

*Edmondo Locard* “A Identificação Criminal e os Métodos Científicos” São Paulo — 1939.

*Afranio Peixoto* “Medicina Legal — 1.º Volume” Rio de Janeiro — 1931.

*Leonido Ribeiro* “Polícia Científica” Rio de Janeiro — 1934.

*Arquivos de Polícia e Identificação* “Volume II — 1940” São Paulo.

FERRO - AÇO - MÁQUINAS - FERRAMENTAS - TINTAS -  
VERNIZES - ÓLEOS - ARTIGOS PARA PINTORES - LONAS -  
ENCERADOS - CORREIAS - GAXETAS E PAPELÃO AMIANTO

# ANTUNES, FREIXO & CIA. LTDA.

IMPORTADORES

Rua General Couto de Magalhães, 222

FONES { 4 - 6 2 2 9  
4 - 8 6 2 6  
6 - 2 2 2 5

CAIXA POSTAL: 4922

End. Telegr. "An'reixo"

SÃO PAULO - BRASIL

Você sabia que a Secção de Capturas foi creada pelo aviso de Secretaria efetivo da Fôrça Pública para 1924, que creou as Companhias de Metralhadoras

# Início do Ano Escolar do C. I. M.

*Transcrevemos em seguida o Boletim Especial n.º 1, baixado pelo tenente-coronel Heliodoro Tenório da Rocha Marques, comandante do Centro de Instrução Militar, por ocasião da abertura dos diversos cursos daquela Unidade-escola, ocorrida a 1.º de março p. passado:*

“Na conformidade das disposições regulamentares atinentes ao assunto, declaramos abertos nesta data os cursos de formação de oficiais, sargentos e cabos.

Tendo o Comando Geral obtido a matrícula de vários oficiais da Fôrça em escolas do Exército, a fim de ali fazerem cursos de aperfeiçoamento ou de especialização técnica, não funcionará no corrente ano, por necessidade do serviço, o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais. Ainda por necessidade do serviço e devido ao pequeno número de candidatos aprovados, na respectiva arma, deixa também de funcionar o Curso de Candidatos a Sargento, de Cavalaria.

Retoma o C.I.M. a sua nobre faina de preparar quadros para a Fôrça Pública. Esta solenidade, tão simples e frequente na vida dêste estabelecimento de ensino, marca o início de uma nova jornada cujo feliz coroamento depende dos esforços dos instrutores e alunos, ou seja do valor físico, intelectual e moral que uns e outros terão de pôr à prova durante os trabalhos do ano letivo que se inicia.

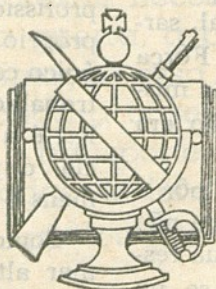
O corpo de instrutores, constituído de oficiais já experimentados nas lições do ensino no C.I.M. e de valores novos, recrutados dentro de rigoroso critério de seleção, apresenta-se com as melhores credenciais para

o desempenho da árdua tarefa. Esperó que, secundado pelos monitores, se dedicará êle à sua missão com fé e ardor profissional, dando vida ao preceito regulamentar de que constitui ponto de honra para os oficiais e sargentos, em serviço no C.I.M., a profunda compenetração das elevadas finalidades do Centro, o que vale dizer — das suas responsabilidades perante a Fôrça Pública e o Estado.

Alunos oficiais vindos do meio civil e da tropa, ao serviço da nossa corporação; alunos oficiais vindos das corporações congêneres de Mato Grosso e Santa Catarina; alunos sargentos e alunos cabos da nossa Fôrça Pública, aqui vêm se encontrar, no completo quadro de atividades dêste C.I.M.

O despertar de uma vocação os impulsionou, a todos que aqui vieram ter — procedentes de diferentes plagas e por certo dos mais variados meios sociais e econômicos — como que atraídos por um mesmo iman.

As provas de seleção para o ingresso aos diversos cursos e os exames para promoção de ano no C.O.C. produziram o primeiro e necessário efeito de eliminar, entre os concorrentes, aqueles que não se encontravam em condições de participar da jornada que hoje se inicia. Entretanto, no regime do C.I.M., isso



não representa mais do que uma preliminar — a base de partida para a execução de outros lanços de maior alcance e amplitude. Dentro da finalidade de cada curso, novas provas de capacidade serão exigidas com o objetivo de pôr em evidência, entre os instruídos, as qualidades indispensáveis às funções a que se candidataram.

Ao instrutor não cabe apenas a missão de instruir, alicerçando a sua obra sómente na inteligência do aluno. É preciso mais. É preciso formá-lo, modelá-lo física, intelectual e moralmente para as funções que terá de desempenhar como oficial, sargento ou cabo, nas fileiras da Fôrça Pública, tendo em vista a dupla missão a esta afeta pela legislação em vigor.

Não se póde e não se deve pôr o fuzil na mão de um homem que não tenha a exata consciência da sua responsabilidade para constituir-se, no seio da Fôrça Pública, um guarda vigilante da Lei, das instituições e dos poderes legitimamente constituídos. Muito menos é lícito conferir uma insígnia de comando a quem não tiver sabido vencer as provas de capacidade para tal exigidas.

O ensino ministrado no C. I. M. terá cunho essencialmente prático e objetivo, tornando-se acessível a todas as inteligências, segundo o critério de seleção adotado para a matrícula nos respectivos cursos. O regime, porém, será de trabalho intensivo, a fim de permitir ao aluno a afirmação de sua personalidade diante de circunstâncias e dificuldades variadas, dentro do rigoroso e honesto critério de aproveitamento de valo-

res positivos para integrar os quadros da Fôrça.

A esta Unidade-escola cabe criar o ambiente adequado ao êxito do instruendo, permitindo-lhe, a par do necessário cabedal de conhecimentos intelectuais para vencer as provas de capacidade durante o curso, a aquisição de experiência que o habilita, de futuro, ao exercício da autoridade hierárquica — numa palavra, para que possa vir a comandar pelo exemplo.

Ao aluno cabe corresponder ao esforço em proveito de sua formação profissional. Nele está a chave do próprio êxito. E para conseguí-lo o único caminho certo e honesto é o do trabalho, que, na expressão de Smiles, é a lei natural da nossa existência, o princípio que impele os homens e as nações.

Como uma nau que se lança ao mar alto, entregue aos cuidados de sua tripulação, o C. I. M. vai empenhar-se nos trabalhos do ano letivo de 1948 confiante no valor do seu corpo docente e discente, tendo em vista a consecução do mesmo objetivo: prover a Fôrça Pública de quadros convenientemente disciplinados, instruídos e dedicados aos mistéres profissionais.

Agora, os nossos agradecimentos ao Exmo. Sr. Cel. Eleuthério Brum Ferlich, Cmt. Geral da Fôrça, Ten. Cel. Aníbal de Andrade, Diretor Geral de Instrução, autoridades civis e oficiais presentes a esta solenidade. Consignamos o fato como uma honra e um estímulo para que o C. I. M. cada vez mais se empenhe no sentido de levar a fundo o cumprimento de sua nobre e árdua missão."

# A crise de combustível e o aquecimento doméstico

Nos últimos anos, a falta de combustíveis líquidos e de carvão mineral, concorreu para uma rápida devastação das matas próximas às estradas de ferro, tendo atingido preços astronômicos a lenha e o carvão vegetal (combustíveis populares).

O serviço de reflorestamento, ainda incipiente, não produziu a renovação florestal necessária, e assim o povo se viu, durante e após a guerra, a braços com o sério problema de sua cozinha, situação essa que se tornou verdadeiramente alarmante quando a crise de gasolina e óleo Diesel dificultou ainda mais o transporte de lenha e carvão de pontos distantes das estradas de ferro.

O público, assim, apelou para a energia elétrica, como táboa de salvação.

A pequena indústria de aparelhos elétricos se desenvolveu do dia para a noite, e a falta de um regime tarifário adequado impediu que fabricantes e consumidores fabricassem e utilizassem aparelhos eficientes.

Durante a guerra as companhias de eletricidade tinham as suas redes de distribuição com as reservas necessárias para atender a essa verdadeira e inesperada corrida para fogões e aquecedores elétricos. Entretanto, no período final da guerra e no após-guerra, não puderam os serviços de eletricidade receber os materiais e equipamentos necessários para a expansão da sua capacidade distribuidora, ocasionando então um verdadeiro represamento de pedido de novas ligações.

O enorme desperdício que produziu o fornecimento de energia a taxa fixa, aparentemente beneficiava uns em prejuízo da coletividade. As autoridades competentes estuda-

ram detidamente o assunto e determinaram para todo o país medidas capazes de coibir o desperdício de energia elétrica na época em que o surto industrial, a expansão das construções residenciais e a crise de combustíveis obrigavam a que cada kilowatt-hora gerado e produzido produzisse o máximo de trabalho útil.

Assim sendo, uma tarifa combinada de luz e calefação, sob um só medidor, com tolerância de utilização de aparelhos de maior capacidade, vem levando os consumidores de energia para fins domésticos a uma melhor utilização da energia, e conseqüentemente à obtenção de um serviço muito mais rápido e muito mais cômodo do que o obtido pelos antigos fogões de pequena capacidade.

A progressista indústria paulista de material elétrico rapidamente adaptou a sua produção às novas condições, produzindo já aparelhos que, sem dúvida, rivalizam com os melhores de procedência estrangeira.

Nos Estados Unidos a média nacional de consumo por casa, para fornecimento de energia combinada de luz e calefação, é de 1 080 kWh anuais, ou seja, 90 kWh mensais. Sem dúvida é preciso levar em conta que os hábitos de alimentação do povo norte-americano são diferentes dos nossos. Alimentos previamente preparados e enlatados são usados em larga escala naquele país, ao passo que o povo brasileiro ainda está muito arraigado ao uso diário de feijão e arroz, que são pratos de cozimento demorado.

Entretanto, se considerarmos o consumo brasileiro duas ou três vezes o norte-americano, ainda assim o novo regime do fornecimento de energia proporcionará aos consumidores satisfatória economia em sua conta mensal.

A utilização de água quente no lar necessita de instalações bem protegidas, a fim de que sejam eliminadas na quasi totalidade as perdas por irradiação de calor, no próprio aparelho e nos encanamentos. Uma instalação de água quente bem feita proporcionará economia de energia elétrica e de água.

# Meteorologia em operações de guerra

Cap. B. A. Proença

A formação de um piloto de guerra nunca será completa se, além do conhecimento da maneira pela qual as operações aéreas contra o inimigo são planejadas e executadas, não tiver êle conhecimento das vantagens e dificuldades que as condições atmosféricas podem oferecer à missão.

Um piloto que desconheça o aproveitamento das condições atmosféricas nas operações de guerra tem as mesmas deficiências que o infante que não saiba tirar partido das irregularidades do terreno, da proteção das moitas e bosques e do abrigo que lhe oferecem os buracos e valetas. E' tão essencial para o infante êsse conhecimento, como para o piloto saber usar os ventos, as nuvens e as precipitações, na execução de sua missão, da maneira a realizá-la com mais perfeição e, muitas vezes, salvar sua própria péle.

Para o piloto militar não interessa somente obter dados sôbre a direção e intensidade dos ventos, turbulência e visibilidade; necessita igualmente ter um conhecimento amplo dos tipos de nuvens e da maneira pela qual as diferentes formas podem ajudar ou dificultar seu trabalho. Em outras palavras, precisa ter uma noção bem clara do uso das nuvens nas operações de guerra.

Acontece que, precisamente, sôbre êsse ponto, são os compêndios de meteorologia bastante falhos, ora porque são vasados em princípios teóricos gerais, ora porque, quando práticos, são destinados a orientar as atividades aéreas civis ou comerciais.

A guiza de ilustração, daremos aqui, seguindo as pegadas do insigne meteorologista professor Palmer, um resumo de como as nuvens podem ser utilizadas em operações de guerra.

De forma geral, as nuvens podem ser usadas:

1.º — Para esconder das forças terrestres uma aeronave que se aproxima do alvo: O avião atacante pode vôar dentro da nuvem ou acima dela, rompendo o tétó somente quando estiver à distância de ataque do alvo;

2.º — Como coberta contra atacantes inimigos: O avião em retirada pode entrar em uma nuvem, e mudar de direção ou de altitude, ou as duas coisas;

3.º — Como emboscada para aviões de caça, os quais, manobrando dentro, acima ou debaixo das nuvens, podem, sem serem vistos, esperar, até que os aviões inimigos estejam à distância de ataque.

De uma forma particular, e tendo em vista a estrutura das diferentes formas, as nuvens podem ter os seguintes usos:

a) Cirros — Cirros dispersos são de pouco valôr para operações de guerra, a não ser que sua ocorrência, algumas vezes, previna o piloto da possibilidade da formação, atrás da aeronave, de traços de condensação de vapôr d'água, que denunciarão a sua passagem à altura dos Cirros. Êsses traços facilitam a pontaria dos caesconderijo contra as defesas de terra.

b) Cirrostratos — São geralmente muito finos para constituir uma cobertura efetiva contra as vistas das aeronaves inimigas. Se forem suficientemente baixos e expêssos, podem, ocasionalmente, servir de esconderijo contra as defesas de terra.

c) Altostatos — Êstes são o tipo de nuvens mais valioso, principalmente quando se encontra sob a forma ascendente. Para muitos fins, o Altostrato fino é melhor que o espêso. O seu valor consiste,

principalmente, em sua extensão horizontal (em uma frente quente), sua espessura vertical, boa visibilidade dentro da nuvem (às vezes até 1.000 metros) e a ausência de turbulência. Isto o torna indicado para vôo em formação.

Não será desnecessário frisar aqui a excepcional importância do vôo em formação em muitas operações de guerra. A experiência da última conflagração ensinou que uma aeronave em formação, como por exemplo, a costumeira formação em V, protege e é protegida pelas demais por uma grande concentração de fôgos.

A capacidade de fogo que pode ter uma formação de bombardeiros fortemente armados, como os B-17, os B-24 e ultimamente, os B-29, é tal que essa aeronaves são frequentemente enviadas em missões sem escolta de caças, muito especialmente quando se espera fraca ou moderada oposição dos caças inimigos. O vôo em formação é, ainda, importante em bombardeio concentrado ou de zonas inteiras.

Excusado é dizer que o vôo em formação é difícil ou mesmo impossível, quando a turbulência é forte ou a visibilidade é pequena dentro de uma nuvem, por causa da distância muito pequena entre os aviões e o conseqüente risco de colisão. E' necessário, também, que a nuvem tenha continuidade, e, para preencher todos êsses requisitos, a nuvem tem que apresentar boa extensão vertical e horizontal. O Altostrato ascendente é o tipo de nuvem que melhor se presta a essas condições.

d) Nimbostrato — Permite excelente esconderijo, mas é frequentemente demasiado turbulento para o vôo em formação; quasi sempre a visibilidade é muito reduzida (0 a 20 metros). Para a aeronave isolada, é geralmente de grande utilidade.

e) Altocúmulo — As objeções mais sérias contra o seu emprêgo são sua pequena extensão e falta de continuidade. Entretanto, no Pacífico Sul os Japoneses usaram camadas extensas de Altocúmulos para operações ofensivas. Em ataque ao campo de Henderson, no fim de Janeiro de 1943, caças japoneses voavam debaixo de Altocúmulos para fazer com que os caças americanos subissem até a camada de nuvens onde seriam apanhados por uma "onda" superior de "Zeros", de emboscada acima das nuvens.

f) Estratos e nevoeiro — São inúteis para operações e, em muitos casos, constituem dificuldades para o vôo.

h) Cúmulos e Cúmulonimbus — São muito perigosos para vôo em formação, por causa da pequena visibilidade (0 a 10 metros) e da violenta turbulência. Além disso, mesmo cinco décimos de Cúmulos não têm a continuidade necessária. Apesar disso, foi feito bastante uso dos Cúmulos nos trópicos do Pacífico Sul, principalmente por aviões de reconhecimento. Nessa região, os pilotos acharam que a turbulência não é demasiado forte debaixo da base da nuvem e que os pequenos aguaceiros encontrados sob os Cúmulos de desenvolvimento vertical moderado são excelentes anteparos. Ocasionalmente, uma aeronave sendo perseguida por atacantes inimigos pôde conseguir colocar um grande Cúmulo entre ela e o inimigo, podendo então, mudar de róta e altura e, talvez, assim escapar.

Os progressos no estudo e emprêgo do radar tendem a diminuir o efeito do esconderijo em nuvens contra as defesas anti-aéreas, mas indiscutivelmente, seria sempre muito maior o perigo se as defesas terrestres pudessem ver o atacante, especialmente durante o vôo a baixa altura e nos ataques em vôo picado.



# Bilhete Carioca

por KILROY

## I

Alguns oficiais da Fôrça Pública desceram o planálto, três meses atrás, e chegaram ao Rio, com a missão de frequentar vários cursos do Exército.

A situação foi, de início, aquela mesma que todos sentem ao chegar em terra alheia... Indecisão. Falta de ambiente. Todos desconhecidos! Mas o poder de infiltração era enorme, e em pouco tempo estavam todos entre amigos, sem sentir distinções de espécie alguma. Apenas os interrogatórios se sucederam, ávidos que estavam os novos amigos por saber como é a Fôrça Pública de São Paulo.

Logo no primeiro dia, o comandante da Escola se abriu em perguntas sôbre Balística, Topografia e Tiro diante do mais antigo da turma. Mas o capitão que veio de Ribeirão Preto com a Balística no outro mundo, ainda teve presença de espírito suficiente para lembrar-se de pequenas cousas de balística interna e externa! Foi um desafigo para todos, pois o suor já brotava em todas as testas...

No estágio da Escola de Instrução Especializada, em Realengo, logo na primeira aula, diante das novidades da Guerra Química e do armamento moderno, nos últimos cinco minutos, um teste de dez perguntas trás novamente tremenda surpresa! Apesar de tudo, a Fôrça Pública, como sempre se colocou bem, pois nenhum de seus oficiais foi vencido. Os testes se repetiram e os comentários, depois, eram prolonga-

dos, com reclamações de uns, alegria de outros.

Muitos assuntos são explicados por filmes americanos, especialmente aqueles que se referem à Guerra Química, às destruições, ao emprêgo de minas, ao disfarce e à Topografia. Muitas são as caricaturas que os instrutores apresentam durante as aulas, com muita oportunidade. As mulheres bonitas, de "maillot", são as preferidas no estudo das aerofotos, da Higiene, da Psicologia... Ninguém se atreve a afirmar que conhece a Psicologia, a Sociologia e a Pedagogia porque elas, como as mulheres, um dia têm reações diferentes e a gente, forçosamente, tem de dizer: "Não as conheço mais!"

Essas pequenas pausas hilariantes procuram encobrir o cansaço de sete aulas diárias, com pequenos intervalos. Hoje, com cinquenta e seis "Field Manuals" nas mãos, não acham tanta graça, como antes, nas caricaturas, nem mesmo naquela em que o aluno apareceu vermelho, cansado e molhado de suor, quasi morto, para subir a enorme muralha do "mais difícil" e descer depois para o primeiro degrau que é o "mais fácil", esquecendo o insustentável esforço inicial.

Aos domingos, eles estão na Cinelandia, até mesmo com o cabelo à americana! Outro dia surpreendi três deles acompanhando um punhado de garotas do Ministério da Educação, vestidos compridos, penteado à moda Rio Branco. Ei-los, depois, na cinelandia da Praça

Saenz Peña, na Tijuca. Como vê, nem tudo são espinhos...

O que mais os espantou, nesse primeiro dia de contacto, foi serem chamados de "pintas". Mas, notaram depois que a palavra "pinta", no Rio, tem sentido contraposto ao de S. Paulo. Significa simpatia, elegância, bondade.

Quando tiveram a explicação sorriram satisfeitos — a situação havia melhorado muito!

Assim se divertiram eles, observando as maravilhas cariocas e esquecendo-se, momentaneamente, dos inumeráveis regulamentos americanos que estão a encher-lhes a cabeça.

## IMPORTADORES

# Conrado Herrmann & Cia. Ltda.

Representantes de: {  
Guilherme Ludwig  
Adams & Cia.  
Zwetsch & Cia.

Fornecedores do E. M. I. da 2.ª R. M., Fôrça Pública de S. Paulo e Repartições Públicas

ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 33

Tele { fone 4-7022  
gráfico HERRMANNCO — SAO PAULO

## Perguntas e Respostas

Atendendo a sugestão de alguns leitores resolvemos criar esta Secção de "Perguntas e respostas", através da qual pretendemos dar solução a todas as indagações que sejam encaminhadas a esta revista, quer de carater técnico policial-militar, quer de cultura em geral.

As perguntas para as quais os redatores por acaso não consigam dar resposta serão publicadas, a fim de que os leitores participem da solução.

Manteremos uma sub-seccão dedicada a assuntos relativos a rádio, especialmente quanto a receptores, a cargo de "Electron", à qual os interessados remeterão suas perguntas, que o consultor procurará esclarecer em termos acessíveis aos leigos.

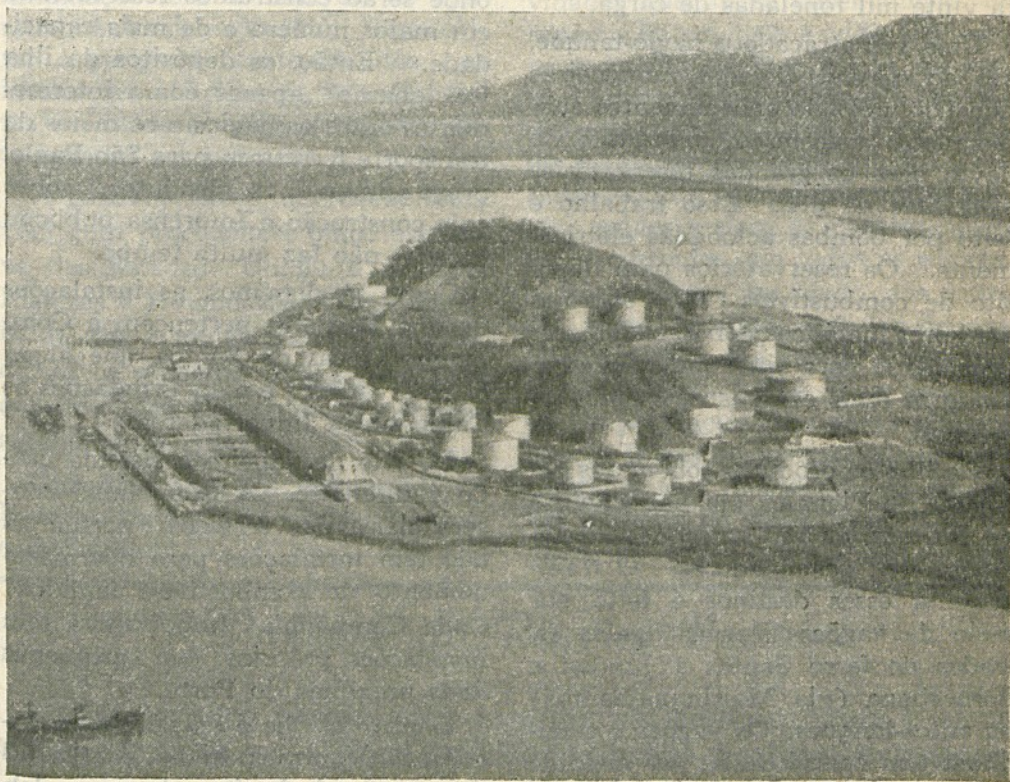
Pedimos a todos que nos enviem sugestões acerca da forma melhor e mais proveitosa de apresentarmos esta secção.

# A Ilha do Barnabé

1.º ten. Cálío C. Montês

A Ilha do Barnabé está situada em frente às docas do Porto de Santos, do outro lado do estuário. Nela é recebida e guardada, transitória-mente, a gasolina, o óleo, o querosene e demais produtos do petróleo

ciada em 1926 e em março de 1930 foram inaugurados 5 tanques. Desde essa data não pararam as construções na ilha, quer para aumentar a capacidade de armazenamento, quer para melhorar as instalações.



Fotografia aérea da Ilha, devida à gentileza do Dr. Antônio Alves Freire inspetor geral da Cia. Docas de Santos.

que nos vêm de outros países, sem os quais nossa vida econômica ficaria praticamente paralizada.

Essas instalações, que são de propriedade da Companhia Docas de Santos, tiveram sua construção ini-

Antes de contar o nosso principal porto com a aparelhagem existente atualmente para o depósito de combustível líquido, todos os produtos dessa espécie, que nos eram destina-

dos, vinham em tambores ou em caixas com duas latas de vinte litros. É fácil imaginar o que isso acarretava, no que diz respeito ao encarecimento dos produtos e dificuldades de transporte.

Nessa época o Porto não estava ainda em condições de receber navios-tanques. Atualmente atracam na ilha navios de grande tonelagem, alguns dos quais com capacidade para vinte mil toneladas de carga.

Uma vez atracado o navio-tanque, são ao mesmo ligadas mangueiras que por meio de encanamentos subterrâneos transferem o produto do navio para os grandes reservatórios existentes na ilha. Esse trabalho é feito por bombas acionadas eletricamente. Os reservatórios para depósito de combustíveis são enormes tambores metálicos, tendo os maiores capacidade para vinte mil toneladas, sendo os mais comuns de 12 mil toneladas.

Da ilha os produtos sobem aos depósitos do Planalto, em São Paulo e no Interior, ou são entregues diretamente aos revendedores. O transporte a esses destinos é feito por meio de vagões-cisternas pelas estradas de ferro Santos a Jundiaí e Sorocabana (via Mairinque-Santos) ou autos-tanques. Os vagões e caminhões têm acesso à ilha por meio de balsas que transportam, ao mesmo tempo, até 4 vagões e 8 caminhões carregados. A transferência dos produtos dos reservatórios para os vagões e autos é feita igualmente por meio de bombas. — A distribuição pode ser feita também por meio de tambores, para os lugares distantes onde não existem reservatórios, dispondo a ilha de aparelhamento ade-

quado ao enchimento desses vazilhames.

Atualmente a ilha do Barnabé é o centro distribuidor de combustíveis líquidos para uma grande zona que abrange todo o Estado de São Paulo, Minas (Sul e Oeste especialmente), Goiás, Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina.

Para o futuro esse centro distribuidor será transferido para São Paulo, onde serão construídos reservatórios em maior número e de mais capacidade. Então, os depósitos da ilha funcionarão apenas como intermediários entre os navios e os meios de transporte terrestres, para São Paulo, provavelmente os oleodutos sobre cuja construção a Imprensa publicou notícias não faz muito tempo.

Como já dissémos, as instalações da ilha Barnabé, pertencem à Companhia Docas de Santos, que aluga os reservatórios e mais instalações às Companhias Importadoras.

No Rio de Janeiro o sistema usado é diferente. A Companhia concessionária dos serviços portuários não tem instalações para o armazenamento de combustíveis líquidos. Cada Companhia Importadora tem instalações próprias em pequenas ilhas próximas do Porto.

Dentro da ilha é feita rigorosa fiscalização contra incêndio, e todas as pessoas que nela desembarcam, deixam em uma cabine existente no ponto de desembarque, sob as vistas de um guarda, seus apetrechos de fumar (fosforos, cigarros, isqueiros, etc.), para que, inadvertidamente, não sejam causa de incêndio.

Das instalações faz parte um serviço contra incêndio e cada reservatório é equipado com aparelhos que,

em caso de necessidade automática e imediatamente lançam dentro do mesmo um produto químico que faz cessar o fogo. Cada reservatório é circundado por um muro de cimento armado, cujo fim é não sómente permitir o aproveitamento do líquido num caso de extravasamento, como também evitar que nessa hipótese o mesmo se esparrame e possa atingir um ponto onde haja possibilidade de inflamação fora do controle do aparelhamento de extinção. Para evitar o perigo de curto-circuitos, as instalações elétricas da ilha são feitas em cabos próprios completamente isolados por borracha.

A gasolina, óleos, querosene, etc., vêm com procedência quasi exclusiva dos Estados Unidos e Antilhas Inglezas e Holandezas. O movimento da ilha é muito grande, como indicam os números abaixo referentes aos principais derivados de petróleo recebidos em 1947:

Gasolina, 389.070.912 quilos — Estados Unidos e Antilhas Inglezas e Holandezas.

Óleo combustível, 554.863.604 — Estados Unidos e Antilhas Inglezas e Holandezas.

Óleo lubrificante, 27.290.606 — Estados Unidos e Antilhas Inglezas e Holandezas.

Querosene, 31.743.493 — Estados Unidos e Antilhas Holandezas.

A organização da ilha do Barnabé é perfeita, como aliás não podia deixar de ser, dada a natureza das atividades que ali se desenvolvem, de repercussão em toda a vida econômica da região servida, pois se por acaso o suprimento de petróleo que ela assegura deixasse de ser providenciado regularmente, ocasionando a paralisação dos transportes, indústrias, etc., graves seriam as consequências daí decorrentes, em todos os setores.

Pretendemos ter dado aos leitores, nesta descrição simples do que observamos numa rápida visita que fizemos àquela ilha, uma idéia de sua importância e de como a Companhia Docas de Santos assegura eficientemente o funcionamento daqueles serviços de sumo interesse público.

---

## O Problema do Petróleo Nacional

.....  
*“O petróleo passou a ser assunto que empolga, hoje, a alma nacional, como se a alma coletiva possuísse instinto divinatório das coisas e sobretudo dos perigos próximos ou remotos, que pairam sobre ela. E o povo tem razão. Com o petróleo, seremos amanhã uma poderosa nação; sem êle, seremos figura decorativa no palco mundial e satélite das grandes potências”.*  
.....

*“O grau de prestígio do Brasil, como nação, irá depender do modo porque soubermos agir na defesa do nosso petróleo”.*

(Trechos de conferência pronunciada no Clube Militar, no Rio de Janeiro, pelo Deputado Artur Bernardes, ex-presidente da República).

# — Aniversário do Corpo de Bombeiros —



O Exmo. Snr. Governador do Estado, Dr. Ademar de Barros, tendo à sua esquerda o Snr. Cel. Nelson de Aquino, Secretário da Segurança Pública, honra com sua presença as festividades comemorativas do aniversário do C.B.

A 10 de março do corrente ano, o Corpo de Bombeiros comemorou mais um ano de preciosa existência na defesa da população e do patrimônio público e privado, postos à sua guarda.

Embora singela, como expressão, a festa comemorativa contou com a presença do Exmo. Snr. Governador do Estado, do Exmo. Snr. Secretário da Segurança Pública, do Exmo. Snr. Cmt. Geral da Fôrça e de altas autoridades especialmente convidadas, tendo os oficiais e praças da unidade se esmerado em demonstrações de alta especialização, tais como passa-

gem entre dois blocos de edificios por meio de cordas, salvação pela manga, funcionamento artísticos dos jatos, com os quais escreveram o nome de S. Excia., o Snr. Dr. Adhemar de Barros, etc.

Falaram vários oradores enaltecendo a corporação e salientando os serviços por ela prestados à coletividade, tudo sem esquecer a operosidade da atual administração que, em pouco tempo conseguiu inaugurar vários cursos para praças e oficiais, destacando-se particularmente o Curso Técnico, destinado a preparar instrutores para os diversos cursos do C.I.M.



Dentro do programa de comemorações da data, o sgt. Boaventura realiza uma demonstração pela qual se tem idéia do quanto de perícia e sangue frio os bombeiros precisam para cumprir a sua missão.



**SEGURO DE:**

**Acidentes do Trabalho — Fogo — Transportes em Geral — Acidentes Pessoais**

**Capital: Cr. \$ 5.000.000,00 — Reservas: Cr. \$ 7.663.622,80**

Agências nas principais praças do país

**Cia. de Seguros**

**Séde: SÃO PAULO**

**"Garantia Industrial Paulista"**

**Rua Alvares Penteado N.º 184 — 5.º andar**

**Fundada em 1924**

**Fones: 3-5843 e 3-7551**

*O Problema do Petróleo Nacional*

*Nunca será demais escrever e falar sôbre o petróleo nacional. Seria mesmo o caso de repetir a palavra eloquente da Sagrada Escritura, quando diz: "Clama, ne cesses!..." E devemos clamar, incessantemente, enquanto não conseguirmos que o "nosso petróleo" seja realmente nosso.*

*(Trecho de conferência pronunciada no Clube Militar, no Rio de Janeiro, pelo Deputado Artur Bernardes, ex-presidente da República).*

# A Fôrça Pública na Terceira Conferência de Professores de Educação Física da República Argentina

Cap. Arrisson de Souza Ferraz

A Terceira Conferência de Professores de Educação Física da República Argentina, realizada de 8 a 14 de dezembro do ano findo, na moderna e encantadora Buenos Aires, reuniu os mais credenciados expoentes, as mais categorizadas autoridades da cultura física continental. Lá estavam representadas, ao lado do país anfitrião, várias nações meridionais da terra colombiana — Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador e Uruguai — além dos Estados Unidos e Cuba, da América do Norte e da América Central, respectivamente.

Nada menos de uma dezena de educadores credenciou o Brasil a representá-lo e a diversas entidades no importante conclave. Do Rio de Janeiro, seguiram o Prof. Inezil Pena Marinho, pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Saúde; os Profs. Maria Jacy Nogueira Vaz e Osvaldo Ferreira da Costa, pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos, da Universidade do Brasil, e pela Associação de Professores de Educação Física do Rio de Janeiro e Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física. Do Rio Grande do Sul, participarem do certame os Profs. Frederico Graelzer, Heraldo Faria Cidade e Derik Oscar Ely, pela Escola de Educação

Física e Desportos e Associação de Especializados em Educação Física, daquele Estado. De São Paulo de Piratininga, duas delegações foram enviadas à Conferência: uma da Associação dos Professores de Educação Física, juntamente com o Departamento de Esportes do Estado, confiada aos altos méritos do Prof. Antônio Boaventura da Silva, e outra da veterana Escola de Educação Física da Fôrça Pública, esta integrada pelos Profs. Caps. Drs. Artur Alcaide Walls, Armando Bergamini e pelo autor destas notas.

Deixamos São Paulo nas vésperas da abertura do conclave, em linda manhã de sol, levantando vôo de Congonhas, aproximadamente às 10 horas, no bojo de confortável e posante Clipper da Pan-American Airways. Antes de tocar em Buenos Aires, o aparelho fez escala em Porto Alegre e Montevidéu. Em Porto Alegre imperava um calor tropical. A diferença de temperatura entre a altitude que voavamos, há mais de 2.000 metros, e a temperatura local era acabrunhante. A pequena demora, ali, não nos permitiu uma visão, embora rápida, da cidade, que pudemos contemplar, todavia, das alturas. Tivemos a impressão de uma capital moderna e pujante. O rio Guaíba, deslizando pelos bairros, envolve Porto Alegre de tonalidades



aprazíveis. Em Montevideu, o Aeroporto de Carasco impressiona vivamente ao viajante. Suas pistas paralelas, formando verdadeiro sistema, em sólido concreto e asfalto, parecem não ter mais fim. Não conhecemos Parnamirim, no Norte do Brasil, construída pelos americanos, e do qual se dizem maravilhas, mas posso assegurar que o aeroporto da capital uruguaia é, sem favor, dos primeiros da América do Sul.

De Montevideu à Buenos Aires é um salto aéreo. Com menos de uma hora de vôo, o Clipper toca ao aeroporto Presidente Rivadavia. Após as exigências aduaneiras, rumamos, de automóvel, para a cidade, num percurso de mais de uma hora, por avenidas asfaltadas, povoadas de lindos parques e belos jardins, de magníficas habitações, dos mais variados e modernos estilos. Chegamos, afinal, ao coração da cidade, quando o lusco-fusco crepuscular caía sobre as encantadoras praças portenhas. Hospedamos-nos em Corrientes, bem próximo à famosa Casa Rosada e avenida Del Mayo.

No dia 8 de Dezembro, pela manhã, em companhia de colegas argentinos que vieram ao nosso encontro, fomos apresentar credenciais e tomar parte nas sessões preparatórias e inaugural do Congresso que teve por cenário os suntuosos salões do Automóvel Clube, em Leandro M. Alem. A sessão solene de inauguração reuniu o que de mais seletos Buenos Aires possuía na ciência e na administração, ao lado do seu professorado da capital e das representações estrangeiras. Na mesa diretora dos trabalhos, onde já estava um dos secretários da embaixada bra-

sileira, tomaram parte três congressistas nacionais: um de São Paulo, um do Rio de Janeiro e outro do R. Grande do Sul. Depois, vem o Congresso em toda a sua plenitude com mais seis dias afanosos, com duas e três sessões diárias, tudo entrosado com visitas à entidades educacionais e assistência a demonstrações de ginástica e várias modalidades desportivas.

Estabelecia o temário da Conferência quatro seções, subordinadas aos seguintes títulos:

— Conceitos Fundamentais da Educação Física;

— Problemas de Educação Física;

— Natação;

— Análise do Estado Atual da Educação Física.

Cada seção comportava várias divisões. Daí o considerável número de teses apresentadas e discutidas em ambiente de elevação e superioridade. Debates interessantes, polémicas memoráveis, no terreno levantado das idéias e concepções, eram travadas a cada passo sempre que o assunto comportava. A delegação da Força Pública não levou para o conclave o desejo de mostrar erudição e conhecimentos especializados, mas quando se fez mister interviu nos debates e participou das decisões, com noção exata dos problemas focalizados e plena consciência das responsabilidades.

Levamos dois trabalhos para a Conferência. Denominavam-se "Cinesioterapia", da autoria dos Caps. Drs. Erlindo Salzano e Armando Bergamini, e "A Educação Física nas Escolas do Interior", da nossa auto-

ria. O primeiro foi apreciado como parte de Assuntos Científicos da Educação Física e o segundo, integrando o capítulo Educação Física no Interior da República. O trabalho dos Drs. Erlindo Salzano e Armando Bergamini marcou sucesso no conclave. Após um dos autores fazer-lhe a exposição em plenário, levanta-se o Dr. Otávio Fernandes, Diretor do Instituto de Cinesiologia de Buenos Aires, e tem para êle as mais lisongeiras referências. Admirou-se, sobretudo, de ter o Brasil estudos tão adiantados, em ramo da ciência tão moderno. Confessamos que nos sentimos orgulhosos, como membros da delegação miliciana, ante o julgamento do grande mestre da medicina e da educação física continental. O nosso trabalho — "Educação Física nas Escolas do Interior" — também foi aprovado e mereceu, antes da votação, uma referência especial do prof. Enrique Romero Brest, presidente da Conferência e da Associação dos Professores Argentinos. Pela palavra de Romero Brest que é, sem dúvida, autoridade incontestável, falou o coração amigo. Êle aqui esteve e foi recepcionado em a nossa Escola, nascendo, daí, cordial estima recíproca, da qual muito nos ufanamos. Por isso, atribuímos mais à sua fidalguia e à efetividade que nos une, que ao mérito intrínseco do trabalho, o seu juízo.

Tocaram ainda, no decorrer dos trabalhos da Conferência, duas altas dignidades à delegação da Fôrça Pública. O Dr. Armando Bergamini foi eleito para presidir uma sessão de Assuntos Científicos e o autor destas linhas indicado para a presi-

dência da secção de Problemas do Interior da República.

Pode-se afirmar, sem receio, que a Conferência alcançou o mais completo êxito. Nunca a nobre nação portenha reuniu, de uma só vez como desta, educadores de todos os quadrantes do Novo Mundo, num mesmo trabalho de fé e de confiança, dominados todos pelo ideal de cimentar em bases sólidas a cultura física da mocidade das Américas.

Não é possível, em rápido bosquejo como êste, analisar os assuntos tratados e sua importância. Podemos adiantar, no entanto, alguma coisa. O interesse pelo aprendizado da natação, na Argentina, é extraordinário, seja como prática desportiva seja como medida utilitária de salvamento. O estilo básico de natação provocou os mais demorados debates da Conferência. A organização desportiva do país, foi aconselhada nova estruturação, escudada em diretrizes quasi idênticas às que nos regem. O aperfeiçoamento periódico de professores foi previsto de várias formas, por meio de estágio e cursos rápidos. E convém notar que o professor argentino é senhor de sólida cultura geral e especializada. Admirámos, no Congresso, a excelência da formação acadêmica dos colegas portenhos. Pediram-se leis especiais de proteção para clubes e entidades que franqueassem sua praça de esportes aos alunos dos Estabelecimentos que não dispõem de instalações adequadas. A educação física em todos os graus do ensino — primário, secundário, universitário, normal e técnico — foi objeto de cuidadosos estudos. Tratou-se dos grandes centros e do interior. E na maioria dos

casos a mesa diretora dava aos assuntos focalizados as características de problemas da educação física pan-americana.

Atuação notável, no conclave, também, teve a Associação dos Professores de Educação Física do Estado que enviou três trabalhos que foram aprovados com votos de louvor, notadamente dois deles — “A Educação Física no Ensino Superior” e “Estilo Básico de Natação” — da autoria dos Profs. Antônio Boaventura da Silva e Alaôr Pacheco Ribeiro. O desempenho do Prof. Boaventura que conosco se irmanou na representação de Piratininga e do Brasil, lá no estrangeiro, foi, deveras, dignificante.

Fomos parte nessa jornada memorável de um congresso de educação física continental, mas devemos dizer, excluída a nossa colaboração pessoal que teve pequenos méritos, que a delegação de São Paulo — a representação da Fôrça Pública e a da Associação dos Professores — muito fez na Argentina pela educação física brasileira.

Trouxemos da Conferência, confortadora impressão. O carinho com que a Argentina cuida da cultura física de suas gerações calou fundo em nosso espírito, nessa época em que só os fortes podem vencer e ser úteis à sociedade, à família e à Pátria. A

terra e a gente portenhas, também, nos encantaram. Buenos Aires é uma cidade linda, moderna, cheia de fascinações. Edificada em vastíssima planície, beijada pelas águas do estuário do Prata, com longas e amplas avenidas, enfeitada por caprichosos jardins e parques colossais, rica de edifícios suntuosos, quasi toda asfaltada, de asseio irrepreensível, seduz e encanta ao visitante. Seu tráfego é um modelo de perfeição e eficiência. O “subway”, de um lado, e o grande número de veículos, de outro, a deslizar pelas espaçosas artérias, a preço bem razoáveis, resolvem, perfeitamente, o problema da locomoção, na capital, tão angustioso entre nós. O custo da vida é bem mais cômodo que o nosso, notadamente a alimentação. De tudo há com abundância. Não vimos uma fila na cidade primaz da antiga América espanhola. E’ intensa a vida noturna buenairense; grandiosa sua atividade na indústria, no comércio, nas ciências, nas letras e nas artes.

A Terceira Conferência de Professores de Educação Física da Republica Argentina proporcionou excelente oportunidade à nossa Escola que já possuía luminosos florões, conquistados no I Congresso Pan-Americano, em 1943, no Rio de Janeiro, com aquela atuação notável que toda a Fôrça Pública já conhece.

---

Você sabia que durante a revolta da Armada, de 1893, o Almirante Gonçalves, Comandante da Esquadra Legal, solicitou ao Coronel Jardim o envio para Paranaguá de “UM BATALHÃO FORTE E DISCIPLINADO”, e que foi para ali enviado o 2.º B.I. da Fôrça Pública que se encontrava em Santos ?

# Abertura do ano escolar na Escola de Educação Física

Com a presença do Exmo. Snr. Cel. Eleutherio Brum Ferlich, Cmt. Geral da Fôrça, Cel. Coriolano de Almeida Junior, Inspetor Administrativo, Ten. Cel. Anibal de Andrade, Diretor Geral de Instrução, Ten. Cel. Djalma Ribeiro dos Santos, Cmt. do 1.º B.C. e representantes de diversas Unidades da Capital, tiveram início as solenidades da abertura do ano escolar, na E.E.F., às 8 horas do dia 8 de março.

O programa que constou de uma formatura de toda a Escola, a qual foi passada em revista pelo Exmo. Snr. Cel. Cmt. Geral e da leitura do boletim alusivo à data, veio marcar dentro da sua simplicidade, o início de mais uma etapa de trabalhos a ser vencida, em prol do engrandecimento da nossa tradicional Corporação.

Lutando corajosamente com os seus próprios meios, diante dos poucos recursos materiais de que dispõe, aliados a um reduzidíssimo corpo de instrutores e monitores, a Escola não mediu sacrifícios, mesmo assim, para por em funcionamento quatro dos seus seis cursos existentes, no sadio interesse de dotar a Fôrça de novas turmas de instrutores e monitores de diferentes modalidades desportivas, que saberão aplicar dentro das casernas e em benefício do serviço, os conhecimentos que lhes foram ministrados com entusiasmo, honestidade e devotamento. E o apreciável número de candidatos recentemente matriculados nos diferentes cursos, após a rigorosa seleção por que passaram, e cuja relação publicamos abaixo, vem dizer do grande interesse que anima a mocidade das nossas fileiras, no sentido de bem servir à Fôrça, aprimorando-se no desenvol-

vimento do físico e buscando conhecimentos sólidos, para que possam, com mais eficiência, formar os verdadeiros soldados de que ela carece.

## *Curso de Mestres d'Armas*

- 1.º ten. Élio Afonso da Cunha
- 1.º ten. Adérito Augusto Ramos
- 2.º ten. Francisco A. Bianco Junior
- 2.º ten. Cláudio Gomes da Costa Neto
- 2.º ten. Maurício de Macedo Cardoso
- 2.º ten. Domício Silveira

## *Curso de Instrutores de Educação Física*

- 1.º ten. Luiz Grant
- 2.º ten. José Geraldo Arantes
- 2.º ten. Roldão Nogueira de Lima
- 2.º ten. Alberto Gonçalves de Moura
- 2.º ten. Leonidas Coveli
- 2.º ten. Eurico José Cola
- Asp. Mário Rodrigues Montemor
- Asp. Valdemar Nogueira

## *Curso de Monitores Especializados em Esgrima*

- 2.º sgt. Daniel Pereira Maia
- 2.º sgt. Joaquim da Lapa Lima
- 3.º sgt. Francisco Ferreira C. Matias
- 3.º sgt. Jorge de Melo Furlaneto
- 3.º sgt. Arnaldo Oliveira Castro

## *Curso de Monitores de Educação Física*

- 3.º sgt. Orlando de Souza
- 3.º sgt. Osvaldo Alexandre de Carvalho
- 3.º sgt. Diáulas Pereira dos Santos
- 3.º sgt. Emério Benedito Monteiro
- 3.º sgt. Canuto de Souza Gandra
- 3.º sgt. Thiers Lima e Silva
- 3.º sgt. Roque Rodrigues Cruz,



Formatura da Escola de Educação Física, por ocasião da reabertura dos cursos

## Escola Electro-Técnica "SÃO PAULO"

RUA BRESSER, 1349

Cursos diurnos e noturnos

**Electro-Técnica:** — Aulas Teóricas, Práticas e cálculos sôbre ENROLAMENTOS DE MOTORES, TRANSFORMADORES, etc.

**Rádio-Técnico:** — Aulas Teóricas e Práticas, Cálculos de circuitos, MONTAGEM E CONSERTOS, MANUSEIO DE APARELHOS DE LABORATÓRIOS, PESQUISAS DE DEFEITOS EM RECEPTORES, AMPLIFICADORES, etc.

**Motores a Explosão:** — Aulas teóricas e práticas sôbre MOTORES DIESEL E A GAZOLINA, REPAROS E AJUSTES DE MOTORES.

Informações detalhadas das 8 às 22 horas à Rua Bresser, 1349

# ... e a vida continúa

*Pery de Alencar*

Sábado! Ha seis dias já que êle se encontra fora de si; não vê os que o rodeiam nem lhes ouve as vózes, não sente o doce afago de sua mãe, as carícias de sua noiva e os carinhos de seu pai. Não ouve os abafados soluços que por êle soltam. Jaz com vida artificial, dada pelos recursos médicos na esperança de uma reacção orgânica; amigos e colegas procuram a todo momento saber qual o seu estado. Como passou a noite? Melhorou? Ficarâ bom?

Não ha mais esperanças, dizem os médicos, sòmente um milagre o reerguerâ.

Onze e trinta. A mesa, todos procuram alimentar um apetite imaginário; procura cada qual dissimular os pensamentos que lhe vão no espirito; conversam sobre futilidades, julgando afastar o assunto sôbre o qual todos desejam falar.

Procuram iludir a sí próprios. Aos poucos o silêncio domina o ambiente. Belisca-se um prato, bole-se em outro, uma colherada que vai à boca, trabalho feito por um braço lento e preguiçoso e por u'a mão, que aparenta firmeza e decisão.

Tudo é feito na mais fingida e calculada calma. Ela pouco comeu, se houve alguma cousa que lhe chegou

à boca. Com um olhar vago esforça-se para vêr o que, em redôr de si, se passa; parece estar só, ouvindo algo distante. Levanta a cabeça, recua o prato, ergue-se e diz com esforçada naturalidade, que vai vêr o filho. Sai com o passo firme e o coração oprimido; abre a porta do quarto e entra; chega-se ao leito, debruça-lhe sobre o corpo e o acaricia com as mãos trêmulas; mira-lhe a face pálida e alisa-lhe os cabelos louros; pega-lhe a cabeça entre as mãos e lhe diz em vóz doce e suave, entrecortada por um soluço que abafado ficou no peito: "Meu filho ouve-me; sou eu tua mãe que aqui está!"

E o milagre se deu. Pela primeira vez em seis dias, êle abre os olhos por um instante, fita o rosto de sua mãe querida e... fecha-os para sempre.

Lágrimas, soluços e desmaios. Passos apressados, vozes confusas e afflitas... um colega a menos em nosso meio. Um cavalariano que se vai...

Lá fora, no bar da esquina, o rádio toca uma alegre música; na calçada brincam as crianças; no bilhar joga-se a carambola, bondes lotados passam velozes, nas copas das árvores sopra a brisa, no céu azul brilha o sol, no quartel toca o clarim... e a vida continúa.

# Minha viagem a Ponta-Porã

1.º sgt. Antonio N. de Araujo

A 10 de setembro de 1945, sexta-feira, estava na Escola de Educação Física da Fôrça, quasi em completa nudez, exposto aos raios solares, praticando diferentes e salutareis modalidades desportivas, atendendo às exigências de minha vontade, quando mais ou menos às 9 horas da manhã, nas imediações do portão principal da Escola, fui surpreendido pelo capitão Guisolfé, que me perguntou se também ia a Ponta-Porã, integrando a caravana contratada pelo governador daquele Território. Como estava alheio a essa situação, procurei inteirar-me logo do caso; momentos depois, recebia um aviso do tenente Aduato para apresentar-me ao capitão Cardoso, no Q. G., afim de tratar de assunto de meu interesse.

Por motivos imperiosos, só pude lá comparecer dia 13 do mesmo mês, segunda feira às 14 horas. Em contacto com o capitão Cardoso, cientifiquei-me mais detalhadamente do que havia. No meu caso, tratava-se de aceitar ou não a proposta para seguir para o referido Território com a comitiva, e cuja resposta definitiva deveria ser dada 48 horas após a entrevista. E assim o fiz, depois de consultar minha família, principalmente a espôsa. Desse instante em diante, meus afazeres costumeiros mudaram de rotina. Passei então a preocupar-me unicamente com a preparação da viagem, pois à 14 do mesmo mês já recebia da Secretaria da Escola, um ofício que me passava à disposição do Q. G.. Aí, então, con-

cretizou-se a certeza de vir a conhecer um novo Território brasileiro.

Alegre pela aventura que dentro em breve se realizaria, locomovia-me óra para aquí, óra para alí, na arrumação da bagagem, sendo, de vez em quando, tomado de grande tristeza, ao voltar o pensamento para os sorrisos inocentes e carinhosos de minhas filhinhas, à meiguice de minha espôsa, à lembrança do meu lar. Cada dia que passava se amiudavam êsses pensamentos saudosos, sentindo meu coração apertando-se cada vez mais.

Chega o dia da partida, e a 25 de setembro, às 7,15 horas, já depositava nos rostinhos inocentes de minhas filhinhas, que há pouco deixavam o leito, abraços e beijos afetuosos; abraços característicos de um pai e de um espôso que pela primeira vez parte para bem longe, levando o coração vasio, saudoso e triste. E com destino à Estação da Sorocabana, desgarréi-me deles, caminhando mudo e sozinho com o pensamento voltado àqueles entes queridos.

Já perto da Estação, trazidos pelo vento, ouviam-se algumas marchas, sambas alegres, etc.; era a nossa Banda que, talvez querendo amenizar a minha dor, tocava incessantemente. Inúmeros oficiais, sargentos, cabos e soldados apresentavam-nos votos de boa viagem, mas o meu pensamento por mais que fizesse não se fundia naquele ambiente alegre, e ia a todo instante visitar os meus que ficavam.

O tempo decorria, e às 8,30 hs., deu-se a saída do trem, numa nuvem de tristeza que cobria aquele ambiente; transformando a fisionomia de Sem querer, meus olhos umideceram todo sob a influência da partida. e grossas lágrimas de saudades rolaram pelas minhas faces. Mas o amigo lenço, não deixando transparecer aquela dor, age com rapidez, permitindo-me assim, em despedida, observar a paulicéa que se distanciava aos poucos.

O trem, com uma velocidade impiedosa, nos mostrava constantemente outras cidades, campos, etc., até que, às 11,15 hs., mais ou menos, nos detivemos, por alguns minutos em Sorocaba, onde se ouvia uma Banda de Música do 7.º B. C., que também tocava em despedida a um oficial ilustre que vinha integrando a nossa caravana, até então composta de seis elementos: capitão Cardoso, Dr. Pageú, que ia ocupar o cargo de oficial de gabinete do governador, srgts. Heitor e Ari, cabo Eridano. Era o 1.º tenente Adauto que assumia alí a subchefia da caravana.

Dentro em pouco o trem deixava Sorocaba com destino a Baurú. Durante êsse percurso, anedotas, histórias, trocas de idéia se sucediam, e às 20,10 hs. chegávamos. Havia baldeação para a Noroeste. Como a parada era longa, foram compradas as passagens e leito até Araçatuba. Em seguida saímos, percorrendo as ruas daquela cidade a procura de um hotel onde pudessemos jantar. Indicado por um guarda civil, fomos a uma boa pensão, sendo otimamente servidos. Pagou-se Cr. - 11,50, por pessoa.

Como à hora da partida se aproximava, voltamos à Estação, para que também tomassemos conhecimento das nossas cabines e leitos.

O nosso carro-leito foi o n.º 12, cabine "B", tendo deixado a cidade às 22hs.. Meu companheiro de cabine, sargento Ari, ocupou o leito superior, e apesar de estranharmos um pouco, após algumas anedotas conseguimos dormir, amanhecendo em Araçatuba, quarta-feira, às 7,15, hs..

Depois do asseio matinal desembarcamos, e num bar da própria Estação tomamos café com leite, pão e manteiga, tendo pago Cr. \$ 1,60. Às 8,10 partimos e às 12,10 almoçamos no carro-restaurante, cuja despesa importou em Cr. \$ 12,00. Às 13,45, mais ou menos, comecei ouvir alguns murmúrios e notei mesmo certa inquietação dentro do trem, tendo alguns passageiros ocupado as janelas e portas do carro. Acompanhando o terço, vim a saber do que se tratava: era a aproximação de uma gigantesca ponte, sôbre o Rio Paraná, na divisa de S. Paulo com Mato-Grosso. Fiquei de fato abismado, pois era mesmo de despertar curiosidade a tôdos essa gigantesca ponte metálica apresentando qualquer coisa de fenomenal. Media nada menos de um quilômetro de extensão, com uma engrenagem de aço cobrindo o comboio, e dando-nos a idéia exata de que estávamos atravessando o esqueleto de um grande tunel. Olhando para trás, tinha-se a impressão de que por onde entramos ia se fechando, à medida que o trem corria sôbre o caudaloso Paraná, que chorava as consequências de uma grande seca. O seu leito descoberto, suportava, resignado, os causticantes raios solares, enquan-



to que em alguns trechos, o "magestoso" deslisava sereno. Assim o transportamos satisfeitos e dali a instantes abordávamos Três Lagoas primeira cidade de Mato Grosso. Ai nos demorámos bastante, só partindo ainda por via ferréa, às 16,15 horas para Campo Grande.

Neste percurso passamos outra noite, e de comum acôrdo com o meu companheiro de cabine, vim ocupar agora o leito superior. O calor nos deixava exaustos e a poeira terrível se encarregava de deixar roupa de cama, chão, paredes da cabine, espêlho, talha d'agua e a nossa roupa, principalmente, em completo estado de sujeira. Mas com toda essa exaustão, após demorada conversa fiada entre os companheiros da comitiva conseguimos às tantas da noite ficar sozinhos. Percebi então que os ponteiros do relógio corriam às minhas vistas. Entreguei-me ao sono, vindo amanhecer em Campo Grande, em completo estado de sujeira, com as fossas nasais revestidas de uma grossa camada de poeira avermelhada, a ponto de prejudicar a própria respiração. Antes do comboio chegar à estação, puzemo-nos em rigorosa limpeza, e às 7,10 hs., tivemos o prazer de conhecer a falada Campo Grande matogrossense. Conforme observei da Estação e de um ponto um pouco afastado, é, de fato, uma cidade ampla, bonita, onde impera a bombaixa, o chimarrão e outros costumes característicos da região. Mais ou menos às 7,30 hs. ouvimos o apito do chefe do trem, dando ordens de partida. Deixamos aquela cidade com destino a Nhandandíu, onde chagamos mais ou menos às 12,45 hs.. E' um lugarejo em for-

mação, de terra bem vermelha, vendendo-se aqui e ali uma casinha de madeira. Fomos recebidos por hoteleiros que faziam concorrência, mas resolvemos acompanhar um nordestista que por ali andava em busca de aventuras. O hotel era seu, e apresentava algumas vantagens aos militares. Durante o trajeto fomos surpreendidos por um grande pé-de-vento, sendo obrigados, si não quisessemos ser arrastados, a nos proteger. Passado o perigo dirigimo-nos ao hotel, tendo sido logo servido o almoço; boa refeição e pagamento Cr. \$ 5,00 por pessoa. Em seguida partimos com destino a Maracajú. Este trajeto foi um dos piores. A poeira vermelha imperava intensamente e o calor era uma coisa assustadora. As janelas dos carros estavam fechadas e assim mesmo a poeira penetrava, deixando tudo com uma cor avermelhada. Assemelhávamos, com suor e poeira, a uns verdadeiros incivilizados, e foi nestas condições, além de exaustos e aborrecidos que atingimos Maracajú, capital do Território de Ponta-Porã. Desembarcamos às 16,15 hs.. A decepção foi grande e um silêncio profundo se apoderou de todos. Olhares tristes e significativos se permutavam pois essa cidade não passava de uma planície avermelhada, habitada aqui e ali por casebres de madeiras e de mau aspecto, onde não existia nada que pudesse agradar à vista. Mas impulsionados por um dever a cumprir, subimos em jardineiras especiais do Território com destino ao Hotel Lusitano, o único no gênero. Esse fica um pouco distante da Estação, motivo por que pudemos aproveitar o percurso para trocar idéias. O es-

tabelecimento é mal dividido e cuidado, e só se aproveitava, mais ou menos, a sala de jantar. E' de tijolos, iluminada por um lampeão ao centro, embora uma lâmpada também dependurada pelo teto e apagada, servisse de enfeite. Os quartos são de madeira já bastante usadas e de aspecto impressionante. No quarto que os sargentos ocuparam havia 4 camas mal feitas, e sobre elas uns colchões sujos, dando-nos a idéia de que por muitos anos vinham sendo ocupados, unicamente por elementos adequados e êles. O hoteleiro, talvez querendo escondê-los incontinentemente cobriu-os com roupas de cama limpas, embora curtas, deixando assim transparecer as pontas sujas. Quando lá entramos, pela segunda vez, fomos surpreendidos por um redemoinho que não deixava nada de pé; folhas de zinco, galinhas, tampas de lata, areia vermelha, folhas, voavam pelos ares. Um cata-vento grande que tirava água para o consumo do hotel rebentou-se, e quando tudo serenou novamente, acendemos duas velas e então vimos que o nosso quarto tinha se transformado num chiqueiro. As roupas de cama estavam cobertas de uma espessa camada de terra vermelha e as outras roupas e malas, em petição de miséria. Tivemos, apesar de cansados, de processar uma limpeza, se quiséssemos dormir; assim o fizemos. Deitamo-nos e tive um sono todo interrompido. Amanhecemos numa linda manhã de sexta-feira, caracterizada pelo sol alegre que aos poucos aparecia, no horizonte, e também por uma gargalhada estranha de um lindo pássaro, cujo nome ainda ignoro. Depois do café pagamos o hoteleiro, cuja despesa importou em Cr. \$ 17,00 para cada

um. Em seguida, já às 7,25 hs., as jardineiras partiam rumo à Ponta-Pocrã, e foi quando, pude observar a beleza campestre do Território, com os seus vastíssimos campos que, de uma beleza inconfundível, pareciam acariciar ao longe o firmamento. Mas a jardineira não olhando para isso atravessava aqueles campos impolutamente, apresentando-nos, a cada instante, panoramas diversos, panoramas de um colorido dotado pela natureza. No decorrer deste percurso notei que não havia estradas; eram trilhos feitos pelas próprias rodas dos carros. Em virtude do nivelamento do terreno outros se formavam, dando assim oportunidade aos veículos de se locomoverem um atrás do outro. Muitas vezes aparecem trilhos abandonados, porque os sulcos feitos pelas rodas atingem uma certa profundidade a ponto de prejudicar, por completo, o trânsito por ali.

Nossa jardineira ganhava terreno velozmente. Aqui e ali, como se fosse a rainha dos campos, apareciam as soberbas emas que, de cabeça alta parrilhavam com elegância o seu terreno. De quando em vez, grande número de bois zebús, assustados pelo barulho da jardineira, atravessavam os caminhos com soberbia. A todo instante, bandos de tucanos, patos selvagens, garças etc., cortavam em diferentes direções, o azulado firmamento de "Ponta Bonita", enquanto que a jardineira, estranha aos nossos sentimentos, corria sem piedade, nos privando assim de uma visão mais demorada. Às vezes, a jardineira que conduzia os oficiais passava na nossa frente, e a nossa, sentindo-se humilhada, levantava o topete, e com confiança absoluta em si mesma, infiltrava-se por outros tri-

lhos, avantajando-se metro a metro. E elas corriam assim, demonstrando que os valores se equilibravam. Numas destas brincadeiras a nossa pegou a dianteira, e sem outras preocupações corria... corria como se estivesse disputando com o vento. Alguns minutos depois, voltando a si, lembrou-se da companheira e ao procurá-la não a viu. Próxima a uma ponte parou. Descemos e impacientes voltamos a sua procura, tendo sido logo encontrada alguns quilômetros atrás. Perdera-se um pedaço do seu molejo, que caíra em virtude da saliência que o terreno apresentava entre os trilhos. Dali a pouco começou novamente a correria até a mesma ponte, para um reparo melhor. Novamente descemos e por longo tempo nos detivemos ali, podendo assim contemplar aquele pitoresco lugar. Que lindo recanto! Uma pequena ponte e sob ela deslizava, de mansinho, um córrego azulado. Vagarosamente passeamos pelas imediações, observando, com curiosidade, as bonitas e diferentes árvores; ouvindo o gorgear da passada que ora voando, ora nas árvores, dava vida àquele maravilhoso recanto, denominado pelos viajantes de "Recanto das Sucuris". Pudemos observar à direita da ponte, de quem vem do poente para o nascente, o esqueleto de um boi que havia sido devorado por uma sucuri. Camalhões cortavam os caminhos e faziam tanto barulho na folhagem que constantemente eu voltava o pensamento para as célebres sucuris.

Só às 11 hs. conseguimos deixar esse lugar, vindo 25 minutos depois, dar entrada em Vista Alegre. Dirigimo-nos a um hotel, denominado "Hotel dos Viajantes". Almoçamos e pagamos Cr. \$ 7,00 cada um, para logo em seguida sairmos, isto já às

12,25 hs., para vermos se assim conseguíamos chegar ainda dia em Ponta Porã. A jardineira com esse objetivo passou a desenvolver maior velocidade, mas às 15 hs., vimo-nos obrigados a parar justamente num lugar onde o amplo campo se estendia plano em todos os pontos, sumindo-se às nossas vistas, dentro de uma vasta bacia azulada, desejamos prestar homenagens a uma enorme e elegante ema que, com soberbia incrível passeava displicentemente em volta de seus trinta e tantos filhinhos. Descemos e fomos ao seu encalço, e precavidos contra uma possível investida, corriamos receiosos ao alcance das eminhas. Conseguimos pegá-las: eu, 3, os companheiros 2, 4, etc.. Na verdade, a ema apresentava algum instinto de defesa, mas não investia, o que nos permitiu liberdade de ação. Acariciamo-las e o observamos com curiosidade, pormenorizadamente. Mas, em virtude do seu estado de recém-nascidos, desenvolvemó-las à sua carinhosa mãe.

Prosseguindo a jornada, novos panoramas nos apareciam, e cada vez mais lindos. Veados, ciriemas, codornas, juritis, jacús, inhambús e outros tantos pássaros, alheios, alegravam aqueles panoramas que a natureza nos apresentava. Velozmente a jardineira se locomovia, até que às 16,20 hs., avistamos um planalto, e sobre êle, o casario da cidade de Ponta Porã. Vinte e cinco minutos depois, entravamos.

A impressão foi ótima e da caravana irradiava qualquer coisa de satisfação. Trocas de idéias confortadoras se processavam entre nós. Finalmente olhava em torno de mim, sentindo-me verdadeiramente chegado, e terminando então a minha viagem à Ponta Porã.

## Colônia de Férias do Clube Militar da Fôrça Pública



Vista da fachada do prédio da Colônia de Férias, em construção

O Clube Militar da Fôrça Pública acaba de receber valioso auxilio do Governo do Estado, de Cr. \$ 200.000,00, destinado ao prosseguimento da construção da sua Colônia de Férias, mediante o qual poderá adiantar apreciavelmente as suas obras, levando-as a um ponto que não ficará longe do de conclusão. Aliás, esse belo empreendimento, que é a Colônia de Férias de São Vicente, tem merecido sempre a boa vontade dos poderes públicos estaduais e graças a tal apóio é que a construção, iniciada há cinco anos, pôde tornar-se a feliz realidade do presente.

Essa contribuição é devida sem dúvida à especial consideração com que o Exmo. Snr. Governador Dr. Adhemar de Barros trata os assuntos de seu governo relacionados à Saude Pública e Assistência Social, setores em que a Colônia se enquadra por suas finalidades.

Devemos mencionar, também, com justiça, a destacada boa vontade com que cooperaram para essa concessão os Exmos. Snrs. Drs. Cáo Dias Batista, Secretário da Viação e Obras Públicas e Joaquim Alcaide Valls, Diretor de Obras Públicas do Estado.

Igualmente o nosso Comandante Geral, Cel. Eleutherio Brum Ferlich, favoreceu-nos com o apóio de seu prestígio e decidido interesse, empenhando-se pessoalmente para que se obtivesse esta solução, brevemente e favorável.

A Diretoria do Clube Militar da Fôrça Pública do Estado deixa, pois, consignados nestas linhas os seus agradecimentos ao Exmo. Snr. Governador Dr. Adhemar de Barros, por esse ato de seu governo, de tanto alcance para nossa entidade social, sentimento de gratidão que se estende aos Exmos. Snrs. Drs. Cáo Dias Batista e Joaquim Alcaide Valls e Cel. Eleutherio Brum Ferlich.

# Reflexões sobre a visita do General Tassigny

A propósito do artigo publicado sob o título acima em o número anterior desta revista, nosso Diretor recebeu do Snr. Cel. A. Buchalet, adido militar francês no Brasil, a seguinte carta:

"Meu caro Coronel

Agradeço-vos a grande amabilidade de me haver enviado o interessante n.º 2, da vossa linda revista "Militia", de São Paulo.

Fiquei extremamente emocionado ao ler o amável e excelente artigo do capitão Arrisson de Souza Ferraz intitulado: "Reflexões sobre a visita do General Tassigny".

E não fiquei menos emocionado, ao encontrar, em toda a Revista, a lembrança daqueles Chefes francezes cuja atividade foi completamente empregada no desenvolvimento de vossa bela "Fôrça Pública".

O discurso pronunciado pelo 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade e o artigo do capitão Arrisson de Souza Ferraz nós fizeram lembrar, com saudade, daquela série de homenagens emocionantes, que o Estado de São Paulo e muito particularmente sua Fôrça Pública prestaram aos nossos Embaixadores, aos nossos Chefes Militares e ao modesto adido militar que sou, por ocasião das visitas que tivemos o prazer de fazer à vossa linda Capital.

E, para todos nós, uma lição magnífica e uma preciosa recompensa qual a de ver, hoje, nossos Representantes francezes colher os frutos do devotamento desinteressado de nossos oficiais que viveram por muito tempo entre

vós. E igualmente uma grande lição, qual a de ver o Brasil, neste mundo moderno, em que tudo passa com rapidez, saber guardar o senso de reconhecimento, da fidelidade e da tradição e a conservação, a despeito de seu moderníssimo, deste culto tocante de amizade e esta delicadeza de hospitalidade.

Queira transmitir nosso mais vivo agradecimento ao capitão Arrisson de Souza Ferraz e ao 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade, e aceitar, meu caro Coronel, com toda nossa gratidão e expressão da nossa amizade e de nossos sentimentos muito devotados.

(a) *Coronel A. Buchalet.*

\*\*\*\*\*

Transcrevemos em seguida a resposta dada a essa carta do Snr. Cel. Buchalet:

"Meu caro Coronel

Acuso o recebimento de vossa amável carta e me apresso em responder, para exprimir o grande prazer que sua leitura me proporcionou e que, estou certo, vai produzir o mesmo efeito no espírito de meus camaradas.

A Fôrça Pública, eu tenho dito em várias ocasiões e o repito agora, deve todo o prestígio de que desfruta no panorama brasileiro e, se pode dizer, na América do Sul, ao devotamento inteligente e fecundo dos oficiais que constituíram as missões francêsas, contratadas em bôa hora pelo Governo de São Paulo, para nos instruir.

Guardaremos dêles, para sempre, as melhores recordações pelos serviços relevantes que prestaram à Fôrça Públi-

ca, dando-lhe conhecimentos utilíssimos de ordem intelectual, moral e profissional. Particularmente ao General Nérel, seremos sempre muito reconhecidos, pela sua bondade, seu alto espírito de justiça, sua educação aprimorada e sua profunda cultura.

Não serão em demasia todas as manifestações de amizade que façamos em torno dos oficiais do glorioso Exército Francês, como justo reflexo de gratidão àqueles camaradas que nos serviram de guias e mestres, durante anos consecutivos. Daí o artigo do nosso colaborador, capitão Arrisson, um de nossos oficiais mais cultos e a quem aludis em vossa carta.

Efetivamente, graças às missões militares francêsas, brilhantemente dirigidas pelo general Nérel e pelo coronel Balagni, o Estado de São Paulo pôde elevar bem alto sua influência, já enorme, no seio da Federação Brasileira, aumentando, num gráu assás considerável, a estima, a simpatia e o respeito de todo o mundo.

Enfim, o que somos, o proclamamos com orgulho e alta voz, o devemos ao esforço e à inteligência de nossos mestres do Exército Francês, cujo empenho e método relativos à instrução servem ainda de guias aos ilustres oficiais do nosso Exército que comandaram e comandam a Fôrça Pública, os quais não cessam nunca de trabalhar, objetivando o seu progresso, ora creando novos meios de instrução, ora estimulando os ho-

mens, por meio de prêmios concedidos àqueles que se distinguem no estudo de seu têma, como ainda os encorajando no desenvolvimento do espírito, fornecendo-lhes gratuitamente todos os recursos para atingir êste objetivo. Disto resultam duas grandes vantagens: uma é o rendimento mais considerável do serviço; outra é a inclusão nos quadros de grande número de oficiais e mesmo de sargentos possuidores de admirável cultura intelectual, de que nossa revista, apesar de modesta, dá uma pequena demonstração.

De outro lado, o Brasil tem muito que se orgulhar da colaboração de muitos franceses que o escolheram para sua segunda pátria ou que vieram constituindo missões, tais como os Taunay, os Debret, os Dumont, os Bilar, etc., os quais, seja pessoalmente, seja por intermédio de seus descendentes, são caracterizados pelos seus atributos de inteligência e seus fecundos trabalhos mentais, concorrendo possantemente para a elevação do nível de nossa cultura nas letras e nas artes. Não é sem motivo que a França é considerada o centro da civilização universal e o foco luminoso cujos raios se propagam por todos os pontos da terra. "*Je seme a tout vent*" ela diz e é verdade.

Queira aceitar, meu caro coronel, a expressão de minha grande simpatia e de meu devotamento.

(a) Cel. Sandoval de Figueiredo

---

Você sabia que ao fim da primeira Grande Guerra, quando a sorte das armas já era desfavorável à Alemanha, o Comando Teuto mandou traduzir e distribuir entre suas tropas trechos das passagens épicas de "A Retirada da Laguna" visando, por meio dessa leitura, confortar e animar seus soldados para melhor suportarem os sacrifícios que naquelas circunstâncias mais lhes eram exigidos ?

# SEARA ALHEIA...

Concluimos neste número a transcrição do artigo, "PSICOLOGIA — RECRUTAMENTO — INSTRUÇÃO", de autoria do cap. do E. N. Octávio Alves Velho, publicado em "A DEFESA NACIONAL" de Março de 1946. Reiteramos, agora, o que de início dissemos quanto ao interesse desse trabalho para a oficialidade da Força Pública, sob o ponto de vista da cultura profissional.

## CURSO DE PEDAGOGIA MILITAR

### A) Fundamentos científicos da educação:

#### 1.º ANO

- 1 — A contribuição filosófica, a sociológica, a biológica e a psicológica, à educação.
- 2 — O problema dos fins da educação — Evolução dos fins educacionais através das idades — Notícia histórica da educação militar, e da educação militar no Brasil.
- 3 — A educação, um problema de socialização dos educandos — Tendências sociológicas da educação — Papel racionalizador da educação militar.
- 4 — A educação em função dos atributos do educando concebido como um ser em desenvolvimento — Tendências biológicas e psicológicas da educação — A educação militar de púberes, adolescentes e adultos.

#### B) O método educativo:

- 5 — O método educativo — Variação do método educativo através das idades — Notícia histórica dos métodos educativos militares, e dos métodos educativos militares no Brasil.
- 6 — A educação como disciplina formal — A transferência absoluta (Locke).
- 7 — A educação como desenvolvimento e criação de massas aperceptivas (Herbart).

8 — A educação como treino sensorial (Pestalozzi e Montessori).

9 — Os modernos métodos de educação: centros de interesse, problemas, projetos, plano Dalton, sistema Winnetka, escolas de trabalho — Influência da renovação dos métodos na educação militar.

#### 2.º ANO

### C) Bases teóricas da educação

- 1 — O problema da variação individual. As diferenças individuais nas Classes Armadas.
- 2 — Métodos de estudo das diferenças individuais. Prática desses métodos no estudo das diferenças individuais nas Classes Armadas.
- 3 — O desenvolvimento do educando perante a educação. Etapas do desenvolvimento e a educação "sob medida".
- 4 — A motivação na aprendizagem. Motivos conscientes e inconscientes. Motivos inatos e adquiridos. Evolução dos motivos. Interesses e educação militar. Aptidões e sua análise. As aptidões para a carreira militar, e, nesta, para as várias Armas e especializações.
- 5 — A aprendizagem e o aprendizado. Teorias. Curvas. A aprendizagem militar.

- 6 — Leis e princípios de aprendizagem.
- 7 — A transferência da aprendizagem. Teorias e moderno conceito. Transferência, para a vida total, do aprendizado militar.
- 8 — O rendimento escolar. Estudo objetivo do rendimento escolar.

### 3.º ANO

#### D) A educação, um processo total (5):

- 1 — Educação cívica.
- 2 — Educação moral.
- 3 — Educação física.
- 4 — Educação intelectual.
- 5 — Educação estética.
- 6 — Educação social.
- 7 — A vida militar e a educação cívica, moral, intelectual, física, estética, social.
- 8 — O militar, como educador.

#### E) Organizações auxiliares da escola e o sistema escolar.

- 9 — As atividades extra-curriculares como agentes de educação: jornais, revistas, associações, clubes, assembléias, nas escolas militares e nos quartéis, e seu papel socializador.
- 10 — Orientação profissional e educacional. Orientação profissional nas Classes Armadas. Orientação educacional dos candidatos ao ingresso nas Escolas Preparatórias de Cadetes. Escola Militar, etc.
- 11 — Princípios de administração escolar. O sistema escolar militar do Brasil.

*Nota* — Êste programa deve ser seguido de um de *metodologia didática*, de tal arte que os alunos possam praticar o que aprenderem.

#### *Metodologia didática geral:*

- 1 — Prática do método de centros de interesse.

- 2 — Prática do método de projetos.
- 3 — Prática do plano *Dalton*.
- 4 — Prática do plano *Winnetka*.
- 5 — Prática do método de problemas.
- 6 — Prática de aulas do tipo tradicional.
- 7 — Prática de administração escolar (matrícula, distribuição de alunos, etc.).
- 8 — Prática de preparação e aplicação de testes.
- 9 — Prática de aulas de orientação profissional e educacional.

#### *Metodologia didática especial:*

- 10 — Prática dos diversos ramos da instrução comum a tôdas as Armas.
- 11 — Prática dos diversos ramos da instrução peculiar à Arma.

### 2.ª PARTE — ESPECIALIZAÇÃO

Para as funções de orientadores da instrução e do ensino no Exército, entretanto, será mister que, além dos oficiais com conhecimentos fundamentais de Psicologia e Pedagogia (comuns a todos), haja os especialistas destinados às funções superiores no Estado-Maior do Exército, na Diretoria Geral de Ensino, nas direções de ensino dos estabelecimentos e nos Estados-Maiores de Grandes Unidades. Isto sem falar no Serviço de Seleção e Recrutamento, que poderia ser creado mediante a conveniente remodelação da actual Diretoria de Recrutamento.

Quanto à formação desses oficiais especializados poderá ser feita, quer em estabelecimento de ensino militar a organizar, quer em estabelecimentos civis destinados à formação de técnicos de educação. O aperfeiçoamento será feito então no Instituto de Estudos Pedagógicos, em cursos especiais nas Faculdades de Filosofia ou

- (5) As análises só para fins lógicos.



por meio de bôlsas de estudo no estrangeiro, para os que realmente se revelem mais capazes e dedicados, nos cursos e trabalhos realizados.

Damos abaixo as sugestões para a elaboração do programa correspondente, no que se refere aos pontos essenciais.

### 1.º) Mensurações e Estatística

#### I — Parte Geral (Recordação e atualização dos conhecimentos básicos):

- 1 — Diferenças individuais. Natureza e fatores. Técnicas de estudo. As diferenças individuais nas Fôrças Armadas.
- 2 — Inteligência. Tipos de inteligência: mecânica, verbal, social. Medida da inteligência.
- 3 — Aptidões. Estrutura e avaliação. Análise fatorial. Aptidões para a vida militar.
- 4 — Aprendizagem de adultos. Tipos, leis, transferência, motivação e verificação dos resultados. Diferenças individuais na aprendizagem.
- 5 — Personalidade. Natureza e diagnose. Métodos de estudo. Utilização da mensuração da personalidade na seleção para as Fôrças Armadas.
- 6 — Testes. Espécies. Construção e aferição (aplicações da Estatística).
- 7 — Aplicações das mensurações: vida militar, orientação e seleção profissional, educação, serviço público, etc.

#### II — Parte especial:

- 1 — Testes de inteligência geral. Emprêgo na seleção para as Fôrças Armadas.
- 2 — Testes de capacidade.
- 3 — Testes de atitudes e interêsses.
- 4 — Testes de personalidade e de caráter.
- 5 — Testes de rendimento: provas tradicionais e objetivas. Vantagens e desvantagens.

- 6 — Análise do trabalho nas Fôrças Armadas para fins de seleção e de treinamento. Técnicas de análise do trabalho: observação direta, questionários, entrevistas, etc.
- 7 — Baterias de testes — fases de construção: bateria preliminar, experimentação, intercorrelações, ponderação dos testes.
- 8 — Testes — aspectos da construção: escolha do conteúdo, análise de itens, tipos de itens (complemento, alternativa, etc.). Regras de elaboração de itens.
- 9 — Aplicação de provas: cuidados especiais. Avaliação, uso de chaves e de processos estatísticos.
- 10 — Validade dos testes: fatores, técnica de verificação. Critérios.
- 11 — Precisão (fidedignidade). Técnicas de verificação.
- 12 — Aferição de testes. Escolha da população. Escalas e normas. Interpretação dos cálculos estatísticos.

#### III — Parte de Estatística:

- 1 — Método estatístico. Emprêgo em mensuração. Fases do método estatístico. Levantamentos: plano, coleta, sistematização e análise da dados.
- 2 — Quadros ou tabelas: tabulação de dados, representação de classes. Simbolismo estatístico.
- 3 — Distribuição de freqüência: freqüência de classes, total, acumulada, intervalos de classe.
- 4 — Representação gráfica: gráficos em barras, em colunas, lineares, em setores, histogramas e polígonos de freqüência.
- 5 — Medidas de tendência central, média aritmética simples e ponderada, mediana e moda. Cálculo e emprêgo desses valores.

- 6 — Medidas de variabilidade: afastamento quartil, intervalo quartil e semi-quartil, afastamento médio, afastamento quadrático médio (o). Região central e normalidade. Coeficiente de variação. Assimetria. Percentilagem.
- 7 — Cálculo das probabilidades. A curva normal. Aplicações da curva normal: percentagens da área, ponderação de itens, etc.
- 8 — Precisão das medidas. Amostragem. Representatividade dos dados.
- 9 — Correlação linear: significação do coeficiente de Pearson e seu cálculo. Equação de regressão. Predição.
- 10 — Aplicações do cálculo de correlação: validade e precisão dos testes.
- 11 — Correlação de Spearman. Correlação bi-serial, de contingência, etc..
- 12 — Correlação parcial e múltipla.

## 2.º) *Psicologia social*

### A

- 1 — Objeto, campo e método da Psicologia Social.
- 2 — Papel de um curso de psicologia social numa escola de preparação de oficiais do Exército.
- 3 — O indivíduo e a sociedade. A falsa separação entre o indivíduo e o grupo social. Integração do civil no grupo social militar. Contactos primários e secundários.

### B

- 4 — Diferenças individuais: diferenças raciais e sociais. Estudo das diferenças individuais nas classes militares.
- 5 — Os fatores e hereditariedade na formação da personalidade. "Mores" e "folkways". Estudo do caso individual nas Classes Armadas.

- 6 — As forças motivadoras do comportamento humano. As várias teorias sobre motivação: dos motivos humanos universais hereditariamente adquiridos aos motivos socialmente adquiridos. Algumas concepções: Mc Dougall, W. I. Thomas, G. W. Allport. Análise da influência da cultura na motivação. A motivação na organização militar.
- 7 — Valores e atitudes. Aquisição e modificação de valores e atitudes. Relatividade dos valores e atitudes. As "vivências culturais". Papel dos grupos a que o indivíduo se ajusta. Pessoas como valores e fonte de valores; conformidade aos valores institucionais. Valores profissionais. O "ego", como valor. Estereótipos.

### C

- 8 — Incentivos sociais. Punição e recompensa. Conhecimento dos resultados do próprio trabalho. Competição e cooperação. Contrôlo social. A disciplina nas organizações militares.
- 9 — Mecanismos psicológicos nos processos de interação social: imitação, sugestão, facilitação social, inibição, identificação. Aspectos típicos desses processos na vida social militar.
- 10 — Processos de interação social. Satisfação mútua, conflito, acomodação, assimilação, competição e cooperação. Mecanismos psicológicos fundamentais desses processos.

### D

- 11 — Grupos sociais. Natureza, tipo, distribuição ecológica. Evolução dos grupos sociais. Análise de grupos sociais militares.

### E

- 12 — Evolução e progresso social.

13 — Comportamento coletivo. Seus diferentes tipos; mecanismos de formação respectivos. Os processos de interação e os mecanismos psicológicos fundamentais envolvidos. O indivíduo em face da multidão. O tipo de líder e seu papel.

14 — Psicologia das organizações. Princípios de organização. Os indivíduos que constituem a organização: seus motivos e as formas de interação que mantêm entre si. "Filiação" como valor para o indivíduo. A organização militar.

15 — Liderança. Tipos de líderes e de subordinados. Situações de liderança. Problemas de liderança. O líder como valor e fonte de valores. O traço de dominação. Influências no seu desenvolvimento. Técnicas de estudo desse traço. Os processos de interação e seus mecanismos psicológicos fundamentais, na relação líder-liderado. Tipo de liderança na organização militar.

16 — Opinião pública. Natureza da opinião pública. Seus órgãos. Formação da opinião pública. O papel da propaganda na formação da opinião pública.

17 — Propaganda. Princípios de propaganda. Técnicas de propaganda contemporânea. Modificação de atitudes pela propaganda.

#### BIBLIOGRAFIA

Damos a seguir o extrato de uma indicação bibliográfica de livros básicos, apresentada pelo ilustre professor norte-americano *Adrian Rondillau, Ph. D.*, por ocasião do curso de "Testes e Mensurações" que o mesmo realizou em fevereiro do corrente ano (\*) na Universidade de São Paulo, sob os auspícios da União Cultural Brasil-Estados Unidos.

1 — *Bingham, Walter, Aptitudes and Aptitude testing.* New York: Harper, 1941.

2 — *Brown & Thomson, Essencials of mental measurement.* Cambridge, England; University Press, 1940.

3 — *Burt, H. E., Principles of employment psychology.* Boston; Houghton Mifflin, 1942.

4 — *Garret. H. E., Statistics in psychology & education.* New York; L. Gre-en, 1937.

5 — *Guilford, J. P., Fundamental statistics in psychology & educacion.* New York; Mc Graw-Hill, 1942.

6 — *Hawkes & Lindquist, Construction & use of achievement examinations.* Boston; Houghton Mifflin, 1936.

7 — *Linquist, E. F., First course in statistics.* Boston; Houghton Mifflin 1938.

8 — *Mc Call, William A., Measurement.* New York; Century, 1930.

9 — *Patterson, D. G., Physique & intellect.* New York; Century, 1930.

10 — *Thurstone, L. L., Primary mental abilities.* University of Chicago Press, 1938.

11 — *Walker, H. M., Elementary statistical methods.* New York; Holt Co., 1943.

12 — *Walker, H. M., Mathematics essentials for elementary statistics.* Henry Holt & Co., 1935.

13 — *Walker, H. M., Statistical Inferences.* New York; Holt Co., 1944.

14 — *Wechsler, D., The measurement of adult intelligence.* Baltimore; Wilkins & Wilkins, 1939.

(\*) — Desenvolvido em 1944 e frequentado por vários oficiais da Força.

## CONCLUINDO

Para finalizar, apresentamos, a seguir, as nossas sugestões para as novas bases do ensino fundamental da Escola Militar de Rezende, que, atualmente, estão sendo estudadas por uma Comissão especialmente designada para esse fim.

### EXAME DE ADMISSÃO

- 1 — Matemática Elementar (Aritmética. Algebra, Geometria e Trigonometria Retilínea).
- 2 — Desenho Projetivo e Noções de Geometria Descritiva.
- 3 — Português (especialmente desenvolvida a parte de redação).
- 4 — Geografia e História do Brasil. (\*)
- 5 — Física e Química. (\*)
- 6 — Noções de Biologia Geral (que atualmente é ministrada no ensino secundário). (\*)

### 1.º ANO

- 1 — Geometria Analítica e Noções de Cálculo Infinitesimal.
- 2 — Noções de Cálculo Vetorial.
- 3 — Aplicações Militares da Mecânica. da Física e da Química.

- 4 — Estatística (Noções elementares).

### 2.º ANO

- 1 — Eletrotécnica.
- 2 — Fortificação.
- 3 — Psicologia Geral e Noções de Pedagogia.
- 4 — Balística de Efeitos.
- 5 — Geografia Militar da América do Sul.
- 6 — Estatística e Noções de Organização.

### 3.º ANO

- 1 — Tática da Arma e Noções de Co-  
operação das Armas.
- 2 — História Militar do Brasil.
- 3 — Psicologia Geral e Introdução à Psicologia Social.
- 4 — Noções de Pedagogia e Didática.
- 5 — Noções de Sociologia.
- 6 — Noções de Direito Constitucional e Internacional.

(\*) — Dependendo da reorganização do ensino secundário, ou então, das fontes de recrutamento dos candidatos a Cadete.

---

## O Problema do Petróleo Nacional

---

*O petróleo deve ser por nós considerado uma questão de vida ou de morte, moral e econômica, para o Brasil, senão um verdadeiro caso de salvação pública. As palavras de Wilson: — “Exércitos, Armadas, Nações inteiras, e todo o dinheiro do mundo, nada valem, contra aquele que fôr senhor do petróleo” — dizem eloquentemente, da altíssima relevância desse mineral estratégico.*

(Trecho de conferência pronunciada no Clube Militar, no Rio de Janeiro, pelo Deputado Artur Bernardes, ex-presidente da República).

# Acompanhemos a Evolução

1.º ten. P. Monte Serrat Filho

O atual Comando da Fôrça tem se caracterizado pelo firme propósito de, para a Milícia Bandeirante, atingir o nível de eficiência que o grande desenvolvimento do Estado exige.

São Paulo cresce vertiginosamente na Capital e no Interior. Na Capital, segundo os últimos dados fornecidos pela Prefeitura, constroi-se 6,8 casas por hora, ou sejam, 150 por dia. Antes da guerra o paulistano se orgulhava da construção horária de um prédio, e houve mesmo uma revista ilustrada carioca que publicou reportagem sôbre o fato, com o título "Uma casa por hora". Outro dado impressionante é o do *acréscimo da população paulistana*: a cidade, já se pode assegurar, é um aglomerado de dois milhões de habitantes.

Enquanto isto se passa na urbe-trabalho, no interior paulista povoações surgem como do dia para a noite, tornando-se em poucos anos centros populosos importantes. Aí estão a atestar o que afirmamos — entre outras — Marília, Tupan, Glicério, Rancharia e Andradina, cujas largas avenidas cortam o mesmo chão onde há vinte anos enfileiravam-se verdes cafezais.

Os serviços públicos, em geral, não têm seguido o crescimento prodigioso do Estado, não se encontrando conseqüentemente à altura das exigências atuais. Entre êstes desta-

ca-se o serviço de policiamento, assegurador da ordem interna.

De tempos em tempos, quando recrudescce o número de roubos e de assaltos, aparecem nos jornais as reclamações contra a falta de policiamento. Alguns articulistas lambram com saudades a época dos respeitáveis guardas cívicas. (A S. Paulo de então contava pouco mais de 600.000 habitantes). Qual a razão, perguntam êles, dos malandros andarem a solta? Onde estão os nossos policiais? E aparecem até os que acusam de estar a Fôrça Pública entregue a exercícios bélicos, quando sua missão primeira é policiar. A êles responderemos em poucas linhas: A tropa esta empenhada no policiamento como há trinta anos atrás. Acontece que naquela quadra São Paulo não era a metrópole de hoje, e as terras da alta sorocabana e da noroeste, eram assinaladas nos mapas com os seguintes dizeres: "Zona habitada por índios". Acresce ainda que, o efetivo da tropa policial ao envés de acompanhar o desenvolvimento das atribuições, minguiu, reduzindo-se de 14.000 homens em 1925, a 10.000 efetivo fixado para 1948. Cidades há, cujos destacamentos eram integrados por 50 ou 60 praças, comandadas por oficial, e que hoje não contam com mais de 15 soldados. Ora, se a cidade cresceu, aumentando portanto o serviço, e o número de soldados reduziu-se a um terço e mesmo a um quarto do efetivo anti-

ção, à eficiência do organismo policial, na preservação e repressão do crime, tornou-se forçosamente menor.

Com esta resposta provocamos a fácil conclusão lógica do aumento de efetivos, para remediar o mal. Não estando o Tesouro Estadual em condições de fazer face a novas despesas, só nos resta procurar outra solução para o problema, e dentro dos quadros atuais, a única será a de desdobrar a eficiência do policial em serviço, segundo seu emprêgo.

No serviço de policiamento preventivo e repressivo a distúrbios populares, demos um grande passo com a criação dos grupos policiais. Se a nós não se apresenta a solução apropriada, apesar de estarmos todos empenhados a encontrá-la, em nada seriam diminuídos os nossos méritos de servidores do Estado, se fossemos procurar em outras terras mais adiantadas, ensinamentos que pudessem ser aqui aplicados com êxito. Os Estados Unidos, encontram-se bastante adiantados no concernente às últimas conquistas científicas, e, no entanto, sempre que têm notícia de organização modelar entre nós ou em outros países, enviam seus técnicos para estudá-las. Assim é que junto ao Instituto Agrônomo de Campinas, conhecido em toda a América pela sua notável projeção, existiam há bem pouco tempo agrônomos ianques estudando a "tristeza", praga desconhecida que dizimou os laranjais da Califórnia e cujo meio de transmissão foi descoberto pelos agrônomos patricios.

Outras nações vizinhas têm nos procurado. A Escola do Estado Maior recebe oficiais das repúblicas irmãs da América Latina, aos quais

ministra conhecimentos de estratégia moderna, adquiridos na última grande guerra por oficiais superiores brasileiros. A Escola Técnica de Aviação conta entre seus alunos, jovens do Uruguay, Paraguay, Bolivia e Chile, para cá mandados a fim de participar do nosso adiantamento, nesse setor técnico.

Mesmo entre nós, os cursos da Força Pública — Centro de Instrução Militar, Escola de Educação Física e Departamento de Equitação de idoneidade reconhecida além dos limites estaduais, têm atraído apreciável número de elementos de outras polícias militares, todos com a louvável intenção de conhecer o que temos de melhor, para levar às instituições congêneres dos seus Estados.

Se no que diz respeito a organização somos tomados por modelo, no policiamento devemos investigar o que se faz lá fóra.

Onde buscar ensinamentos? Ha trinta anos iríamos à Europa. Hoje, é na América do Norte que os encontraremos. Sabemos que o policiamento de New York, Chicago, Washington e outras metrópoles norteamericanas se processa satisfatoriamente. Sabemos ainda que a Real Polícia Montada do Canadá, com 3.464 homens policia admiravelmente um vasto território de 9.500.000 quilômetros quadrados, com uma população de 15 milhões de habitantes.

Resta-nos pois ir até lá, estudar "in loco" essas corporações policiais que são padrões no gênero.

E' bem verdade necessitarem nossos problemas soluções próprias. Não se trata, no entanto, de ir ao estrangeiro para copiar, mas para estudar

como foram nesses países resolvidas as dificuldades que ora nos assoberbam, adotando aqui, apenas o que nos convenha.

Consiga S. Excia. o senhor Comandante Geral, enviar aos Estados Unidos e ao Canadá uma comissão de oficiais, selecionados previamente, e assim terá dado, sem dúvida, passo decisivo para que a centenária mi-

lícia do Estado, de posse de novos métodos, se encontre em condições de desempenhar brilhantemente sua nobre e imprescindível missão.

A polícia civil já nos antecedeu na iniciativa. Não nos quedemos na contemplação passiva do desenvolvimento e progresso da nossa co-irmã, se não quizermos tornarmo-nos aboletos e dispensáveis.

## BANCO DO BRASIL S/A

RUA ALVARES PENTEADO N.º 112  
SÃO PAULO

**COBRANÇAS — DEPOSITOS — EMPRÉSTIMOS — CAMBIO — CUSTÓDIA — ORDENS DE PAGAMENTO — CRÉDITO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL — CARTEIRA DE FINANCIAMENTO**

### TAXAS DAS CONTAS DE DEPÓSITO :

— Populares (limite de Cr. \$ 10.000,00) .....	4-1/2 % a.a.;
— Limitados — até Cr. \$ 50.000,00 .....	4 % a.a.;
— — — até Cr. \$ 100.000,00 .....	3 % a.a.;
— SEM LIMITE .....	2 % a.a.;

### DEPÓSITOS A PRAZO FIXO: DEPÓSITOS DE AVISO PREVIU:

12 meses .....	5% a.a.;	90 dias .....	4-1/2% a.a.;
6 meses .....	4% a.a.;	60 dias .....	4% a.a.;
		30 dias .....	3-1/2% a.a.;

### CONTAS A PRAZO FIXO, COM PAGAMENTO MENSAL DE JUROS:

6 meses .....	3-1/2% a.a.;
12 meses .....	4-1/2% a.a.;

**DIREÇÃO GERAL E AGÊNCIA CENTRAL: — Rua 1.º de Março, 66  
RIO DE JANEIRO — END. TEL. "SATELITE"**

Agências em todas as capitais dos Estados e principais praças do País  
Correspondentes nas principais praças do País e do Exterior  
Agências no Exterior: Assunção (Paraguai) e Montevidéu (Uruguai)

### AGÊNCIAS LOCALIZADAS NO ESTADO DE SÃO PAULO:

Andradina — Araçatuba — Araguaçu — Araraquara — Assis — Avaré —  
Bariri — Barretos — Baurú — Bebedouro — Botucatu — Bragança  
Paulista — Cafelândia — Campinas — Catanduva — Chavantes — Duar-  
tina — Franca — Itapetininga — Itapira — Ituverava — Jaboticabal —  
Jaú — Limeira — Lins — Lucélia — Marília — Matão — Mirasól —  
Mogi das Cruzes — Monte Aprazível — Nova Granada — Novo Horizon-  
te — Olímpia — Orlândia — Pederneiras — Piracicaba — Pirajú — Pi-  
rajui — Pirassununga — Presidente Prudente — Promissão — Rancheira  
— Ribeirão Bonito — Ribeirão Preto — Rio Claro — Sta. Cruz do Rio  
Pardo — Santo Anastácio — Santo André — Santos — São João da  
Boa Vista — São José dos Campos — São José do Rio Pardo — São  
José do Rio Preto — Sorocaba — Taquaritinga — Taubaté — Tupã —  
Valparaíso — Votuporanga.

# Uma história entre muitas

Escreveu NÚBIO

A figura, cambaleante, assomou à porta entreaberta.

Era um sábado. O expediente terminára ao meio-dia. Na secção, vasia de gente, matraqueavamos na máquina de escrever, datilografando uma carta particular.

O adjunto de dia, ao fundo da sala, protocolava uns documentos. O carrilhão da Luz bateu as 15 horas; o corneteiro do 1.º B.C. executou um toque de rotina.

O homem continuava à porta, amparando-se nos batentes.

— O que deseja? interrogamos.

— Quero falar com o adjunto de dia.

— Borges. E' com você.

Dêmos graças a Deus: não gostamos de tratar com ébrios.

Os olhos vermelhos, passos hesitantes, a voz tropeçando nas palavras, tudo nos indicava uma profunda embriaguês.

Ficámos prevenidos.

— Sêo sargento — começa êle — cheguei atrasado para o pagamento das praças reformadas. Móro no interior, e preciso voltar hoje.

A roupa, pobre e surrada, dansava-lhe no corpo emagrecido.

Nos pés, um chinelo de corda, e uma simples camisa de meia sob o paletó de brim.

Estava sem chapeo; exhibia ao sol a neve dos seus cabelos brancos.

De nossa parte, tínhamos uma íntima censura, enquanto continuávamos a carta: velho, devia fazer-se respeitavel. Embriagado e sujo, é uma velhice deploravel, quasi degradante.

— O senhor demorou-se muito pelos botequins. Chegou atrasado.

— O senhor se engana, sêo sargento. Vim da estação pra cá; sem parar em lugar algum. Não bebo. Nunca bebi. Se hoje eu me encharcasse de bebida, teria razão

Um tom diferente na sua voz chamou-nos a atenção; suas palavras pareciam embebidas em angústia; seus olhos se marejaram de lágrimas, e o semblante como que se mais tornou.

Suspendemos uma frase em meio, e dispuzemo-nos a ouvir o homem.

Cheguei atrasado, é verdade. Nos meus 30 anos de serviço nunca me aconteceu isto. Mas também, sêo sargento, é a primeira vez que tenho que providenciar no mesmo dia, na mesma hora, o enterro dos entes que mais caros me eram.

Parou.

Agora as lágrimas deslizavam francas, por entre os sulcos da face cavados pelas rugas. Era visível o seu baldado esforço em reprimí-las, como que envergonhado delas. Depois, mais sossegado, prosseguiu:

— Um homem não deve chorar. E eu não quero chorar, mas não posso evitá-lo.



A história, sincopada de soluços, saiu dos seus lábios trêmulos.

Reformado, residia em Taubaté, onde a vida era mais fácil para os seus mesquinhos proventos. Ainda assim, precisava fazer algo, compatível com a sua muita idade e poucas forças, para aumentar os míngua-dos recursos.

A morrer de fome, que fosse com alguma dignidade.

Aceitou o lugar de vigilante no turno de uma fábrica. As vigílias, as responsabilidades de guarda, a importância de suas funções noturnas eram, nada mais nada menos que o prolongamento, na vida civil, das missões outróra desempenhadas como soldado.

A ronda trazia-lhe doces recordações, tanto mais vivas quanto mais pesado fosse o silêncio da madrugada.

Ainda era útil a si, aos seus e à coletividade.

À velha companheira, si bem que entrevada e doente, pouco transtorno causava a sua vida de noctâmbulo, velada que era por dois filhos já crescidos.

Aquela noite...

O Cruzeiro do Sul passára resfolegando, salpicando a escuridão com as estrelas cedentes de suas fagulhas. Um apito, já longe, e a serpente de aço sumiu-se na curva.

Uma centelha apagadiça, pequena, um quasi nada, cái sobre a cobertura de sapê sêco do cochicholo, à beira da estrada de ferro.

Penetra sorrateiramente por entre as hastes delgadas do capim.

Rasteja, tímida, a princípio. Agora, crepita e faz fumaça, enquanto uma primeira labareda ensaia as primeiras contorções da dança macabra do fogo. O vento, soprando, avivou o ritmo dos primeiros compassos, e já são muitas as linguas de chama a falar a linguagem do inferno, numa saramba demoníaca.

Esparrama-se no quadro negro da noite um borrão carmezim, que se vai diluindo nas extremidades, gradativamente, até confundir-se, de novo, nas trévas.

O vigia, no interior da fábrica, não testemunhára o início do espetáculo, que se desenrolava a meio quilômetro.

Ao voltar da inspeção interna, um companheiro de trabalho o informou:

Sêo Silvestre, aquele fogo é perto de sua casa.

E apontou, com a indiferença de pessoa não ameaçada de perigo iminente, o incêndio que lavrava.

Silvestre não falou. Um aperto no coração, um pressentimento terrível, e a carreira para o local do sinistro, com as forças que lhe permitiam as pernas já cansadas.

Onde fôra casa era um montão de escombros incandescidos.

Curiosos procuravam removê-los, à procura das vítimas.

Subia no ar, com a fumaça asfixiante, o cheiro nauseabundo da carne queimada.

Cadaveres retorcidos, encolhidos, enegrecidos pela combustão, irreconhecíveis, sem cabelos, sem vestes, eram retirados dentre a fogueira.

Silvestre chegou, espavorido, alucinado.

Teve urros de dôr de fera mal ferida.

A casa incendiada fôra a sua.

Perdêra no fogaréo a mulher e os dois filhos; perdêra também os seus trapinhos, os cacarécos de pobre, com aqueles que eram a razão de sua vida.

— A desgraça foi esta madrugada, sêo sargento. Cheguei atrazado para o pagamento, que necessito agora, só Deus sabe pra que. . .

Ficámos silenciosos, amargando um sentimento misto de piedade e vergonha. Mais vergonha que piedade, por termos confundido com um ébrio um homem que sofria.

E a vida não parou.

A sugerir tragédias, o rumor do frear de um carro em disparada chegá-nos da rua, num ruído horrisono de ranger de ferros; o relógio da Luz assinalava horas; no batalhão de frente, perfura o ar, com a verruma de suas notas estridentes, um toque de rotina. . .



## O Problema do Petróleo Nacional

Só os lucros advindos da distribuição do petróleo no Brasil, exclusão feita dos que decorrem do comércio do petróleo bruto da refinação e do transporte, dariam ao governo margem cerca de um bilhão de cruzeiros.

(Trecho de conferência pronunciada no Clube Militar, no Rio de Janeiro, pelo Deputado Artur Bernardes, ex-presidente da República'.

# Oficiais de Administração

Cap. adm. JOSÉ ARIMATHEA DO NASCIMENTO

A nossa Corporação passa por uma reorganização geral.

Atestam-na as diversas resoluções recentemente tomadas.

Fala-se até em restabelecer o quadro de oficiais de administração.

Esse quadro foi criado em 1932 e constituído com a supressão do quadro de intendentes, criado em 1917.

Os oficiais para este último quadro eram recrutados mediante concurso realizado entre os sargentos que contassem mais de doze anos de bons serviços prestados à Fôrça.

Em -932 o Regulamento do Centro de Instrução Militar (R.C.I.M.) estabeleceu que os alunos do 2.º ano do curso de oficiais podiam passar para o curso de oficiais de administração (C.O.A.). Dessa forma formou-se a 1.ª turma de oficiais de administração propriamente dita, composta de 13 elementos.

No ano seguinte somente funcionou o C.O.A., com duração de dois anos e podiam concorrer ao exame de admissão os sargentos de boa conduta.

Constitui-se a 2.ª turma, 15 oficiais:

R.C.I.M. de 1936 estabeleceu que o C.O.A. seria de um ano e que à êle somente poderiam concorrer os portadores de diploma de perito-contador ou de curso superior de administração e finanças. Sob. este regime formaram-se 4 turmas, num total de 14 oficiais apenas.

Em 1942, depois de diversas transformações, foi extinto o Q.A..

A supressão opera-se de baixo para o alto, isto é, à medida que vai havendo a promoção os postos mais baixos vão sendo preenchidos por oficiais combatentes.

Terá a Fôrça necessidade de um quadro de oficiais especializados em administração, como as organizações congêneres?

Tem. Tanto tem que foi criado, modificado, extinto e fala-se agora no seu restabelecimento. Todos sentem que é imprescindível à eficiência da tropa um quadro de oficiais de administração e poderiamos alinhar aqui uma série de argumentos, tais como a sua existência em outras instituições semelhantes, a autonomia administrativa de que goza a F.P. e o desenvolvimento da técnica administrativa nas funções públicas, principalmente na esfera financeira.

Um quadro de oficiais especializados neste mister muito auxiliará os chefes na consecussão dos seus planos de comando.

A extinção do atual quadro foi por causa dos inconvenientes que a divisão do quadro de oficiais trouxe. O Q.A., conquanto seja um quadro de especialistas, não se estrema tanto do Q.C. como os demais (médico, dentista, veterinário, etc.). A função da administração é prover a tropa do que ela necessita.

Entre a função técnica policial-militar e a administração existe uma

correlação bem acentuada; elas estão intimamente ligadas.

Mas como será restabelecido o Q. A.?

Como antes de 1932, recrutando os sargentos mediante certas condições?

Como em 1932, transferindo para um curso especial os alunos do penúltimo ano do C. O. C.?

Como em 1933, mediante curso de dois anos para sargentos?

Como de 1936 para cá, curso de um ano para contadores?

Como é feito o recrutamento dos médicos, dentistas e veterinários? Ou criando uma nova modalidade?

Não analizaremos os diversos sistemas já praticados. O resultado aí está e eloquente: o quadro extinto, com todos os seus inconvenientes morais e administrativos.

Não será possível dotar-se a F. P. de oficiais especialistas sem os inconvenientes gerados pelo atual Q. A.?

Isso será perfeitamente viável se houver a especialização dos próprios combatentes.

Todos os oficiais fariam o curso de formação normal. Depois, de acordo com a necessidade e com o pendor de cada um haveria a especialização. Assim como há curso de educação física, de transmissões e de equitação, haveria também o curso de administração. Nesse curso seriam ministradas matérias de relevante importância, tais como Contabilidade (mercantil e pública); Direito administrativo e Ciência da Administração; Economia e Finanças; Estatística; Geografia Econômi-

ca e Mobilização Econômica; Organização Funcionamento dos Serviços na paz e na guerra; Psicologia geral e aplicada ao Trabalho; Organização Racional e Técnica do Trabalho; Higiene do Trabalho...

Para a F. P. haveria as seguintes vantagens em manter um curso dessa natureza:

1.º) Elevar o nível cultural dos oficiais num ramo de conhecimentos de relevantes utilidades para a Corporação e para os indivíduos em particular.

“Administrar é uma função natural na vida em sociedade. Um homem e uma mulher se casam, ambos vão praticar atos de gestão para adquirir uma casa, para educar os filhos... uma centena de decisões administrativas. A gestão se pratica em todos os níveis, no governo do Estado e na habitação”.

E' esse um dos objetivos da Organização Científica do Trabalho: procurar o melhor modo de executar uma ação e saber escolher a pessoa mais indicada para realizar essa ação. Esse estado mental não se improvisa, aprende-se. O pendor natural, como em tudo na vida, é de grande importância, mas não decisivo.

2.º) Ter, no quadro de combatentes, boa porcentagem de oficiais com conhecimentos de administração. E' sabido que à medida que se sobe na escala hierárquica a importância atinente à capacidade administrativa aumenta. A capacidade essencial dos chefes é a administrativa. Fayol demonstrou esse fato claramente quanto às empresas privadas. No operário a capacidade administrativa é mínima, mas no diretor suplan-

ta todas as outras qualidades. Fácil é transportar êsse pensamento para o meio militar. Na vida de caserna a atividade administrativa começa com o posto de capitão, na administração da companhia.

No posto de major essa função aumenta consideravelmente. E em tempo de paz, que felizmente é o mais longo, a maior parte do expediente dos comandantes é ocupado com a administração do batalhão.

Administrar não se confunde com comandar. Administrar é prever, organizar, dirigir, coordenar e controlar; visa, de preferência, o material.

3.º) Formar oficiais especialistas para as funções administrativas tanto para os serviços técnicos de que a Corporação não pode prescindir como para as unidades administrativas, (tesourarias, almoxarifados e aprovisionamento...).

4.º) Evitaria a fragmentação do quadro de oficiais e a formação de um quadro de administração estanque, completamente separado do de combatentes. O oficial de administração não pode conhecer somente a sua especialidade; êle precisa ter também conhecimentos peculiares aos combatentes. O Sr. major Ruben Brissac, por ocasião de inauguração do Pavilhão de Intendência da Escola Militar de Rezende, proferiu um discurso de onde extraímos o seguinte: "A guerra moderna, confundindo na sua brutalidade frentes e retaguardas, armas e serviços, impondo novas alterações à tática em consequência dos grandes aperfeiçoamentos técnicos e ainda mais, exigindo o máximo conforto para o homem, alterando assim velhos conceitos que impunham ao soldado

sacrifícios inúteis e prejudiciais, abriu novos rumos à Intendência, exigindo do seu pessoal um maior conhecimento técnico-especializado a par de um perfeito conhecimento das ações bélicas em geral. Consequentemente, novas responsabilidades puzeram sobre os ombros dos responsáveis pela instrução e formação dos oficiais intendentess e nossos chefes em boa hora criaram o Curso de Intendência da Escola Militar. Foi preconizado novo regime didático onde sem descurar os conhecimentos técnicos indispensáveis ao exercício de suas funções na retaguarda ou na paz, teria o cadete Intendente conhecimentos das cousas militares. O entrelaçamento das relações entre os futuros oficiais das armas e da intendência, um melhor conhecimento mútuo das suas responsabilidades e atividades foram objetivos iniciais a alcançar; o treinamento do intendente visando o trabalho em campanha, a sua preparação complementar objetivando o apóio dos serviços às armas em qualquer situação, num entrosamento perfeito da máquina militar, outra conquista a obter".

Já que a nossa organização não nos permite fazer oficiais de administração meios combatentes, realizemos o inverso, isto é, dos oficiais de tropa, façamos oficiais de administração.

Os serviços têm por finalidade servir a tropa.

Para que êsse escopo seja satisfeito é preciso que aqueles órgãos saibam quais são essas necessidades, quais as suas deficiências materiais e em homens.

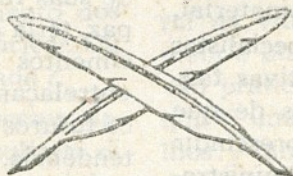
A F.P. tem a dupla missão policial-militar.

Em campanha os serviços têm sua tática que só pode ser aprendida em cursos especiais e exercida por militares.

Por outro lado, na questão policial, às vezes rompe-se de súbito uma questão policial represiva de grande envergadura. A F.P. precisa mobilizar de momento o máximo de seu poderio. Nessa hora não há oficial de administração, todos são e devem ser policiais e estarem em condições de funcionar, sob pena do ridículo. Por causa desse entrosa-

mento existente entre a administração e a tropa é que não nos parece viável formar oficiais de administração como é o dos médicos, mediante simples concurso. Para o médico exige-se que ele seja sobretudo e principalmente bom médico. Para as funções administrativas não basta ser exímio contabilista. Outros requisitos são indispensáveis.

Parece-nos que será de grande vantagem para a Corporação e para os próprios oficiais a manutenção do curso aqui preconizado.



---

## Telegrama truncado

Certo cidadão, de Goiás, transportou a esposa para Belo Horizonte, a fim de submetê-la a exame médico, porquanto parecia estar sofrendo gravemente do fígado. Como o resultado demandasse alguns dias para ser conhecido, e como o cidadão tivesse necessidade de regressar imediatamente para tratar de negócios urgentes, deixou a senhora em casa de uns parentes e voltou, indo aguardar o resultado em Goiás, por meio de telegrama que lhe remeteriam conforme acertou.

Passado alguns dias o espôso recebe, em Goiânia, o seguinte telegrama, ido de Belo Horizonte:

“Veículo cheio pedras preciosas; mande buscar”.

Confuso e curioso o nosso homem pede a Belo Horizonte confirmação do despacho que lhe enviaram, tendo recebido então um segundo telegrama, agora nestes termos:

“Visícula cheia de pedra; precisa operar”.

## Bebemos Câncer na Torneira ?

Os raios cósmicos serão deutérios enviados pelo sol ? A rádio-estesia será charlatanismo ? — O carbono rádio-ativo será o responsável pelo cancer ? — As guerras podem ser determinadas por fenômenos cósmicos, como diziam na Idade Média ? — Haverá um campo magnético no fluxo hidráulico ?

*Tenente Rolim de Moura*

Milhares de perguntas permanecem, hoje, sem resposta e cada descoberta nova determina o aparecimento de outras tantas milhares. Cada vez que se respondem algumas séries delas, o resultado do conjunto de verificações é a revelação de uma nova descoberta.

O que era charlatanismo no passado, é hoje coisa rigorosamente científica. Fenômenos que foram descobertos ao acaso, dando origem a positivamente empíricas e que foram ridicularizados pelos céticos, foram, mais tarde, reverificados pela ciência e comprovados rigorosamente por reações, análises espectrais e trabalhos de laboratório.

Na Idade Média foi tentada a transmutação da matéria. Redicularizada a pretensão por séculos, realizou-se, ao cabo de investigações pacientes, culminando com o aparecimento da bomba atômica que, na verdade, é mais uma bomba tômica, pois declara paradoxalmente em seu nome ser indivisível, quando resulta de um fenômeno de natureza especificamente divisionista.

Pretendemos lançar uma grande pergunta e respondê-la à nossa maneira, na expectativa de que a ciência, que é às vezes brincalhona e não

se ofende com as impertinências dos leigos, tire conclusões justas sobre a mesma e retifique as herésias proclamadas pelo "curioso": Trata-se de saber si bebemos cancer na torneira.

Antes de dar a atrevida resposta, torna-se necessário desenvolver algumas considerações sobre energia atômica intra e extra-nuclear, em cujas leis pretendemos alicerçar o nosso humilde ponto de vista.

Depois de Becquerel, do primeiro casal Curie, de Rutherford, Einstein, Chadwick, Fermi e do Casal Curie número dois, a física nuclear percorreu uma distância que foi desde a desintegração espontânea da matéria, sua constituição, a equivalência entre energia e matéria, com os "quanta" de Plank, o "quatum" de energia de Bohr e o "quatum" de luz se não nos enganamos de Heisenberg, o aparecimento dos corpúsculos novos (positrons e neutrons) a transmutação de elementos leves até a verificação de que o urânio, isótopo rádio-ativo, poderia desenvolver, desintegrado, energias tremendas. Frich em Copenhague e Fermi em Nova Iork, simultaneamente, chegaram às mesmas conclusões: Depois disso foi o que vimos, em Hiroshima, fato aliás profetizado, segundo os protestantes,

no capítulo 13 e versículo 13 do Apocalipse!

Essa fase de verificações cobre, exatamente, 50 anos e serviu para alertar-nos contra os que estão sempre a sorrir superiormente quando alguém, sem explicar as causas, constata um fenómeno surpreendente, inexplicável, em face das nossas pobres noções de História Natural, as quais constituem o lastro do precencioso conhecimento médio.

E' a história da física que nos autoriza a afirmar que ninguém se encontra em condições de fazer afirmações irrecorríveis sobre os milagres da natureza. No atual estágio do conhecimento, podemos dizer, por exemplo, que o calor é o produto da energia cinética das moléculas como deixaram a entender Sadi Carnot e Boltzmann, ou da dilatação das órbitas eletrônicas, e portanto da mesma energia cinética, contrariando o centripetismo que lhe advém das solicitações do núcleo? Estaria certo Newton com a sua concepção da luz corpuscular ou Huygens com a sua luz-onda? A mecânica ondulatória de Schrodinger apoiará a relação ou a negará? O que for ensinado hoje não será condenado amanhã e o que for condenado amanhã não poderá vir a ser a formulação do mais puro veio científico?

A física nuclear está começando a nos explicar o porquê da fabulosa fonte de energia do sol. Trata-se de uma cadeia de desintegrações lentas, comparável ao trabalho da combustão que, uma vez iniciado, não se interrompe enquanto houver os três elementos fundamentais que o alimentam: combustível, comburen-

te, calor. No caso do sol, que é um fenómeno de natureza nuclear, pode-se supôr que as desintegrações se verificam na superfície da esfera, a qual é composta quasi exclusivamente de hélio. Este, desintegrado, daria deutérios os quais, mercê da espantosa energia libertada, seriam lançados pelos espaços siderais, constituindo êles, ou seus elementos resultantes, os raios cósmicos, que ainda não estão bem conhecidos.

Em certas épocas, em que as crateras do sol se voltam para a Terra, fenómenos elétro-magnéticos de toda a ordem são constatados, inclusive orgânicos e nervosos e as chamadas tempestades magnéticas, tudo fazendo crer que nessas ocasiões as crateras, como verdadeiros canhões, despejam maiores concentrações de elementos desintegrados sobre a superfície da terra. Isso explicaria a idéia de que, quando um cometa passa pelas proximidades do nosso planeta, desgraças sem conta como guerras e pestes se verificam. Será, talvez, a formação de um campo de natureza desconhecida, arrastando para aqui maiores porções de corpúsculos nocivos. Os casos de neurose, consequentes, determinariam maiores precipitações no tratamento diplomático, inquietações nas côrtes, desconfianças, medo, ódio, etc., dando origem a leviandades guerreiras e às suas trágicas consequências, outrora sem dúvida traduzidas em epidêmias indebeláveis.

Certa vez, desejando beber água, dirigimo-nos à torneira da cozinha e, quando acabámos de encher o copo, alguém nos disse: "Daí, não. Beba da torneira do tanque que é



mais fresca e mais gostosa". Obedecemos-lhe sem raciocinar, como todos o faziam, sem pensar que a água era a mesma, do mesmo reservatório, e constatamos a verdade. Mais tarde um nosso irmão foi atacado de uma colite atroz e, após consultar muitos médicos inutilmente, verificamos que êle, por preguiça, era o único que bebia da água da cozinha. Um dia resolveu seguir o exemplo dos demais e acabou sarando da colite.

No quarto onde dormiam os oficiais de prontidão do Corpo de Bombeiros havia uma extraordinária e inexplicável anormalidade. Todos os oficiais se queixavam de que, ao levantar, sentiam mal estar, tonturas, dores de cabeça, etc. e o que é mais curioso, durante a noite ouviam um ruído nítido e exatamente igual ao dos relógios de bolso dentro do travesseiro. Como connosco se deu a mesma cousa, procuramos toda a sorte de explicações para o fenómeno, nada conseguindo. Um dia submeteu-se o cômodo a um estudo rádio-estésico e o resultado foi deslocar a cama do oficial de prontidão para outra sala. Depois disso ninguém mais notou nada de anormal. Este é um fato conhecido de todos os oficiais antigos do C. B. e que nos deixou preocupados por meses, até que pudemos formular as primeiras idéias sôbre o assunto.

Quanto à rádio-estesia, concluímos que se trata de uma faculdade semelhante à do radar, visto que é possível ao homem emitir um fluido de natureza ainda desconhecida, possivelmente em forma de vibrações de frequência superior às constatadas

em laboratório, o qual, tomando a direção do sub-solo, retornará como reflexo, modificado na sua frequência, conforme o corpo encontrado, dando ao indivíduo alterações neuropsicológicas tais que lhe permitirão identificar o que há debaixo dos seus pés. Quanto ao fóco por êle constatado, debaixo do quarto de dormir, é muito possível que o lençol de água, (o fóco), ali existente, seria uma espécie de condensador de irradiações de natureza cósmica como aquela possivelmente enviada pelo sól permanentemente, ou intermitentemente, conforme a sua posição em relação ao planeta.

Estudando posteriormente o caso da torneira da cozinha e de outras torneiras, chegamos à conclusão de que o sentido do fluxo hidráulico tem muito que ver com os focos do sub-sólo, podendo gerar, não só distúrbios do sistema nervoso, tais como neurastenias e loucuras, como doenças do aparelho digestivo, tais como colites, cancer, úlceras, gastrites e moléstias gastro-intestinais em geral.

A explicação estaria no seguinte: Conforme a orientação da irradiação do fóco, êste determinaria, nos encanamentos, um campo de fenómenos análogos aos descobertos por Oerstedt relativamente ao fluxo elétrico junto à agulha magnética. Essa irradiação, cortando em sentido desfavorável o fluxo hidráulico, iria predispor, por assim dizer ionizar, os elementos rádio-ativos contidos na água e que seriam o carbono e porque não dizer o deutério, também, que se encontra na proporção de uma grama em cada cinco litros, provo-

cando a sua desintegração posterior dentro do organismo. Sabe-se que o cancer tem origem, também, nas desintegrações atômicas, nas emanações dos aparelhos de rádio, etc. Assim como uma célula atingida por um corpúsculo pode se cancerar, poderia, eventualmente, também predispor-se a infecções, como uma forma de lesão.

Falou o leigo, o curioso e, quem sabe, o charlatão exêntrico. Falem agora os cientistas. Em todo o caso é interessante saber que o leigo, modificando a instalação hidráulica segundo as suas fórmulas charlatanescas, acabou transformando a sua torneira em fonte de água saudável...

---

---

## 12.º aniversário do "Observador Econômico e Financeiro"

Em fevereiro de 1936 nascia "O OBSERVADOR", no Rio de Janeiro, fundado por Valentim Bouças, com o propósito de ser "um frio laboratório de análises, no qual o número passe a ser examinado, sem paixão e sem idéias preconcebidas...", destinado a "incentivar nas academias e universidades brasileiras, um estudo mais aprofundado da disciplina econômica".

Nascida assim com esse escopo, tornou-se dentro dos doze anos de atividades, em a revista-líder do nosso mundo econômico e financeiro, indispensável às bibliotecas das empresas e das repartições públicas, porque em cada número seu, existe um repositório de acontecimentos e de análises, atingindo o terreno de aplicação prática da ciência econômica:

O número comemorativo dos seus doze anos de labuta se encontra em nossas mãos. Como sempre, artisticamente paginado, e contando colaborações das mais elevadas, destacando-se a de Apolônio Sales sobre "A Eletrificação Rural".

E, ao registrar aqui, tão grata efeméride, "MILITIA" se congratula com "O OBSERVADOR", fazendo-lhe votos

para que continue a enriquecer o nosso patrimônio cultural, continuando em ser uma enciclopédia econômica brasileira.



# Modernismo e Classicismo

1.º ten. Péricles Nogueira Santos

Tendo lido, aliás com prazer, o interessante artigo "A poesia moderna e seu conceito", da brilhante articulista Susana Amaral, no jornal "Ecos Universitários", permito-me, todavia, discordar da autora em parte do ponto de vista que defende. Preliminarmente, entendo que não existe Poesia antiga, nem moderna. Ela é uma só. Aprecio-a igualmente seja num decassílabo perfeito de Bilac, seja num verso moderno de Ronald de Carvalho. Assim, não devemos ser nem contra uns, nem contra outros. Devemos, isso sim, é combater os cabotinos de uma e outra ala, bem como a teorização exagerada que grande parte dos "novos" e "novíssimos" pretende estabelecer para o conceito de Poesia. Veja o leitor alguma entrevista dada por algum modernista aos jornais e ficará abismado ante tanto palavreado difícil e técnico acêrca de cousa tão simples e intuitiva qual seja Poesia.

Dizem os modernistas que esta depende da métrica e da rima. E estão certos. Mas recomendam o ritmo. Para que? Se ela independe também do ritmo? Vamos mais longe. Ela prescinde dos próprios versos. Por que, então, não os abolirmos de vez e cultivármola na prosa?

Poesia é êsse imponderável que sentimos contemplando o céu, bordado de estrelas; as ondas verdes do mar quebrando-se ao longe numa

praia deserta; ou, melhor que isso tudo, quando dansamos um "fox" lento num salão de luzes abafadas, tendo nos braços u'a mulher bonita... Para que analisármola, esmiuçarmos frias e cerebrais fórmulas matemáticas ou teorizações científicas que a expliquem e definam? Já Pousseau afirmava que a análise sistemática das cousas acaba por roubar o encanto das mesmas. Vejo u'a mulher que passa. Acho-a bonita. Mas vem o pseudo-esteta e diz: "Não, você está errado. Essa mulher é feia. Repare que suas linhas não obedecem rigorosamente às proporções da divisão áurea". Êsse é o erro em que têm incidido clássicos e modernistas. Uns impondem regras para os versos. Outros, fórmulas para a Poesia. Esquecendo-se ambos de que Poesia e Belesa a gente sente e não analisa. E de que "In medio virtus stat".

Concordo plenamente com Susana Amaral quando escreve: "Ciência é valor lógico, racional, intelectual. Poesia é valor alógico, suprarracional, intuitivo. Ela não está nos elementos intelectuais e racionais do verso, mas no resíduo misterioso que permanece e inebria". São palavras lapidares. Mas, se os clássicos nos impõem meia dúzia de regras fáceis de versificação, são justamente os modernistas exagerados que, após nos oferecerem "poemas" completamente despídos de Poesia, nos vêm com ex-

plicações científicas e teorizações complicadas, procurando provar por  $a + b$  que aquilo, sim, é obra de arte.

Por isso e por outras razões é que prefiro o classicismo não exagerado. Reconheço o sabor de um vinho puro e delicado, seja qual fôr a vasilha em que o sirvam. Mas prefiro evidentemente sorvê-lo em lípida e transparente taça de cristal, a tomá-lo em rústico e opaco vasilhame de barro. Às vezes, sujo. E é, infelizmente, o que se verifica. Estão na moda os copos de barro. E quem desobedecerá a essa tirana implacável que é a Moda, a que as próprias mulheres se sujeitam? Quem não concordar comigo que olhe para a volta das saías compridas...

\* \* \*

Mas, voltando ao princípio: a Poesia é uma só. Os versos é que variam. Ela, é certo, prescinde deles, pois, conforme afirma Orígenes Lessa, há muita Poesia sem verso e muito verso sem Poesia. Mas a métrica uniformiza o ritmo, agradando ao ouvido. E “a rima, diz o grande Bilac, chama idéias, reclama maior atenção para o trabalho, encanta finalmente”.

Não seria, pois, mais inteligente se, ao envez de estarmos a nos hosti-

lizar improfiquamente, clássicos é modernistas, adotássemos um meio termo, sem a severidade do classicismo rigoroso e a desordenação do modernismo exagerado? O Romantismo, por exemplo, adaptado às circunstâncias atuais? Porque o Modernismo da chamada Semana de 22, já atingiu seu objetivo, que foi o de quebrar as cadeias exageradas do hiperclassicismo. E todo movimento, diz Luiz Washington, uma vez atingido seu objetivo, se exaure. O Romantismo, opondo-se aos exageros do classicismo rigoroso, acabou degenerando no ultra-Romantismo, de poetas descabelados, sonhando com luas opalescentes. Houve então a reação do Naturalismo. E assim por diante. E é o que acontece com o Modernismo degenerando em cubismo, surrealismo, dodatismo e outros ismos exóticos.

Cultivemos, senhores poetas, a Poesia, seja em versos metrificados ou não. Porque o verso é o anteparo onde melhor podemos fixá-la. E combatamos os falsos vates, sejam os artezões do verso trabalhado, sem Poesia, sejam os aventureiros da Poesia “sophisticated”. Por isso que a diferença existente entre ambos êsses pseudo-artistas é apenas esta — os primeiros fazem versos e não fixam Poesia. E os últimos não fixam Poesia e nem, sequer, fazem versos...

### Despachos impossíveis... mas acontecidos

... Um ex-soldado está recolhido à Penitenciária e requer da Fôrça uma certidão de assentamentos.

DESPACHO: — “Apresente-se ao Q.G. para prestar esclarecimentos...”.

Um Cmt. de Unidade pede permuta do luar 25 com o de número 74 do R.C..

DESPACHO: — “De acôrdo, após ouvidos os interessados”...

# O Reverso da Medalha

Ten. Aduato F. Andrade

(Publicado no "Correio do Vale do Paraíba", sob pseudônimo).

Não nos ocorre nenhuma idéia de crítica tão pouco a de rebuscar, nas obscuras páginas da pré-história, a origem interjectiva ou onomatopáica da nossa linguagem falada. Tenha ela nascido de um simples grito de dor, do rugido do homem primitivo ou da imitação dos gritos dos animais, etc., vem sofrendo, como tudo que é susceptível de mudança, sua evolução natural. E neste sentido ela jamais procurou contrariar as sábias leis da natureza ou o artificialismo dos homens. Estes é que têm querido complicá-la cada vez mais.

Também não pretendemos descobrir um inventor para o alfabeto que tantos benefícios trouxe, à humanidade. E muito menos discutir as regras e modificações nele introduzidas, para melhor servir aos povos. Queremos, apenas, fazer alguns comentários desprezenciosos, acêrca do desconforto que a nós tem trazido, às vezes, o nosso próprio idioma, em seus diferentes aspectos.

Como sabemos, a língua portuguesa não é nossa. Tomamô-la emprestada aos lusos, apesar de que o Brasil, por ocasião do seu descobrimento, já possuía o seu próprio idioma: o tupi-guarani. Mas não o aceitamos, convictos, que já estávamos, da nossa tão decantada grandeza. Acontece, porém, que essa decisão não agradou a todos que já sentiam a influência perniciosa para a nossa cultura, dos criminosos da Côrte, que emavas sucessivas chegavam a nos-

sa terra. E arrependidos, talvez, do empréstimo efetuado, de certa forma desvantajoso, resolvemos fundir a primeira, num cadinho indo-afró-europeu, a fim de remediarmos um pouco o mal. Surgiu dai toda a complicação. E hoje, ao falarmos ou escrevermos um trecho qualquer, não sabemos, de pronto, em que terreno estamos pisando, tais são os inúmeros elementos estrangeiros que a integram.

Observemos êste exemplo: Nem valsa, nem fox, nem bolero ou lundu, pudemos ouvir daquele cigano imbecil, que por alguns shillings apenas, satisfazia os desejos de um caipira nababo, fantasiado de mandarim ou pachá. Pois bem, só aqui temos a concorrência de onze idiomas diferentes. Senão, vejamos: valsa (walsa-germanico); fox (americano); bolero (espanhol); lundu (africano); cigano (russo); imbecil (francês); shilling (inglês). caipira (tupi-guarani); nababo (indú); mandarim (chinês); pachá (turco). E o interessante é que nós nos expressamos nestes e em outros mais, como verdadeiros políglotas, e finalmente não sabemos, isto é, nem todos sabem a origem do próprio "português". Imaginemos também um individuo curioso que, sofrendo de terrível dor de dentes, desejasse, primeiramente, conhecer a origem remota da "dor", antes de tratá-la com o seu dentista. Ficaria apalermado, logo no início de sua explicação: *dolorem, dolore, dolor, door* e finalmente, *dor*.

Mas tudo isso se resolveria muito bem, se não surgissem, para nos atrapalhar ainda mais, as intermináveis reformas ortográficas. Presentemente, muita gente tem dificuldade em pronunciar ou escrever mesmo determinadas palavras, tão instável tem sido, em particular, a acentuação. Não é exagero. Analisemos, por exemplo, a palavra "autopsia": autopsía (grego); autópsia (latim); autopsia ou autópsia, em português. Mas acontece que se pronunciarmos ou escrevermos autopsia, corremos o risco de ser criticados por muitas pessoas. E como provarmos que também estamos com a razão se desconhecemos a história toda? E nem todos têm obrigação de conhecê-la!

Quanta diferença se falassemos o "guarani", simplesmente!... Teríamos, na verdade, um idioma menos rico, mas em compensação uma gramática mais fácil. Vejamos, rapidamente, alguns dos seus pontos interessantes, baseados na obra de P. A. Guash. S. I., "El Idioma Guarani", editado no Paraguai. As vogais, em guarani, são as mesmas que usamos, podendo, entretanto, receber o til para o som nasal. Ex.: ã, e, i, õ u, além do "y" gutural e do "y" gutural nasal. As consoantes não são numerosas: c, ch, g, k, m, ñ, p, r, (re), s, t, v, y. Na divisão fonética encontramos as palavras denominadas: estáveis, nasais oscilantes e aspiradas. Somente as palavras exdrúxulas e as agudas são acentuadas, e uma ou outra diferente, para evitar alguma dúvida. São empregados os sufixos e prefixos próprios da língua. Não se usam os artigos definidos ou indefinidos, com exceção de alguns casos especiais, em que os

pronomes demonstrativos os substituem. Até mesmo o gênero é dispensável, uma vez que, para o sexo dos animais, existe a palavra equivalente à mulher (cuñá), para o feminino, e "macho" para o masculino. A idéia do possessivo é dada por uma simples juxtaposição de nomes na ordem inversa. Ex: "yara" (senhor, dono); "oga" (casa). Invertendo-se os termos teremos: oga yara (o senhor da casa).

Enfim, parece-nos, diante destes pouquíssimos exemplos, que havia mesmo uma certa vantagem em termos adotado o "guarani", ao invés de andarmos tateando numa língua estrangeira, com as suas inúmeras "regras" e incontáveis "exceções", e que só nos tem causado aborrecimentos e dúvidas. E tinha razão Eloy Fariña Nunes, quando assim se expressava:

"Cuidemos com amor la lengua madre

El guarani rudimentario y dulce,

Formado de susurros de la selva

De cantos de aves, de rumor de fuente

.....

En el los sentimientos som más hondos

Las voces del querer som más cordiales

Y las melancolías som más trágicas".

Mas com aquela paciência enervante dos nossos selvícolas, podemos acrescentar ainda agora: "Ndahiaréi upe oguãheva" (não tarda quem chega).

# COCA-COLA, INFLAÇÃO, Complexo de inferioridade & Cia.

S. Excia., o Snr. General Presidente está seriamente preocupado com a atual situação de intranquilidade nacional e acha-se disposto a tomar providências adequadas contra o principal fator dessa intranquilidade, que é a queda da produção, tendo já apresentado um plano de reforma agrária, dentro de cujas linhas pode-se entrever uma reação contra a nossa perigosa decadência econômica.

Em diferente setôr, entretanto, pretende S. Excia. atacar outro problema, êste tão grave quanto o primeiro, já tendo estudado a possibilidade de estancar a tremenda evasão de nossa moeda através da aquisição imoderada de artigos não essenciais, originários do estrangeiro.

\* \* \*

Nós sabemos que o ponto de partida da pobreza de um país é a inexistência de produção ou a sua queda, considerando a relação entre o volume por ela atingido, e o número de consumidores desse país. E' claro como água. Sabemos, ademais, que o fim do processo de empobrecimento, coincide, geralmente, com o ponto alto da inflação, que no seu caso mais comum e típico, é o meio com que contam os governos para cobrir o deficit e assim satisfazer compromissos que de outra forma não seriam cumpridos. Por fim, estamos absolutamente convictos de que

há deficit, porque as rendas provenientes dos impostos não se elevam até o montante das despesas e si essas rendas são poucas, é porque não há produção. Aparentemente há um círculo vicioso sem causa, conduzindo o país, aos poucos, para o abismo. Não há, entretanto, nenhum círculo vicioso sem causa, assim como não é possível o funcionamento do moto-contínuo, justamente porque essa máquina pretende tirar do nada a sua marcha, sem considerar que a mesma gravidade, que atrai os corpos para o centro da terra, impede, também, os corpos de se afastar desse centro.

\* \* \*

Um camarada muito espirituoso apostou 1000 cruzeiros com outro (trata-se de um fato real) em como êste não passaria 24 horas sem mandar dinheiro para o estrangeiro. Imaginai, agora, a ginástica do que aceitou a aposta para, a partir do dia seguinte, não usar o sabonete Lever, não gastar o tubo de Kolinós, pôr de lado a escova Tek, deixar de tomar o café com leite Klim, ir à pé ao escritório para não usar o bonde da Light, nem gasolina do autolotação, privar-se da sua Coca-Cola, não aplacando a sêde que a canícula e a marcha à pé lhe proporcionaram, nem distrair-se com a caixinha de passas sem semente, ir deitar-se morto de cansaço no escuro para não girar o comutador da luz, enfim ima-

ginai-o passando 24 horas primitivas, paleolíticas, só para não perder os seus preciosos mil cruzeiros, ligai êsse fato ao nosso fabuloso empobrecimento e tereis aí a causa motora máxima do falso círculo vicioso que emagrece o Brasil.

\* \* \*

Indivíduos insensíveis aos problemas de sua Pátria, anti-patriotas declarados, costumam lançar a culpa dos nossos insucessos ao próprio brasileiro que é considerado mandrião, inferior, sem considerar que o que há a respeito é que somos apenas um povo pobre e, em consequência, atrasado e doente.

Um engenheiro norte-americano que montou aparelhos de prospecção e lavra nos Estados Unidos, na Arábia, na Rússia e em vários outros países, foi encarregado de uma missão idêntica no Brasil, na Baía, precisamos. Reuniu uma turma de caboclos brasileiros, deu-lhes instruções e os colocou no trabalho. Meses depois êsse engenheiro fez uma declaração pública, dizendo que, tendo experimentado trabalhadores de todas as nacionalidades do mundo, jamais encontrara homens tão inteligentes, tão faceis de se adaptar a um metier desconhecido, tão traba-

lhadores e ao mesmo tempo tão abnegados no sacrifício, como aqueles.

Volta Redonda e a Nitro-Química têm revelado, aliás, que a declaração do engenheiro norte-americano foi justa e correta.

No plano das figuras excepcionais, também, o brasileiro tem demonstrado ser um povo extraordinário. Quem foram Santos Dumont, Carlos Chagas, Rui, Carlos Gomes? Quem são Cesar Lattes, Carlos Niemeyer e outros que fazem o mundo dobrar-se ante o Brasil?

Quem não crê no brasileiro não passa de um indivíduo dominado pelos mais inferiores complexos, um vencido e antes de tudo um desconhecido da nossa história, da nossa arte e da nossa ciência.

A culpa, pois, não é do povo brasileiro.

E não há força neste planeta capazes de impedir que o colosso brasileiro venha a se tornar, um dia que não está longe, uma das três mais ricas e prosperas nações do mundo onde viverá um dos povos de mais elevado nível de bem estar, mas sempre o mesmo povo cristão e solidário que tem se revelado o brasileiro, como legítimo expoente da raça de artistas e sentimentais que é a raça latina.

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA  
DO

**Dr. João Francisco da Cruz**

Advocacia em geral e especialmente em assuntos militares.

EXPEDIENTE: DAS 13 ÀS 17 HORAS

Praça da Sé, 87, 1.º — Sala 2 — Fone 2-7994 — S. PAULO



# “EU SOU AQUELE QUE NEGA”

2.º ten. Hildebrando Chagas

Recebi com verdadeira satisfação o segundo número da “mignon” coletânea do sentir da Fôrça Pública. Ei-la, enfim, em plena luta, arrostando dificuldades tão bem conhecidas quando se tenta movimentar a arte, sob quaisquer das suas formas, alcançando-se no tempo para a consecução da trajetória brilhante de sua vida benfazeja.

Lí-a quase que de um fôlego, menos pela esperança de encontrar galardões da ciência e literatura nacionais, do que pela certeza absoluta de sentir manifestações modestas de homens que, mesmo ante a convulsão deste nossos dias, ainda não morreram em idéias, em esperanças. E lá, em suas páginas modestas, como que a protestar contra a onda de ceticismo que se alevantou avassaladoramente em todos os cantos de todas as terras, fomos encontrar dois esboços, em artigos ligeiros, de idéias novas, demonstração incontestante de fé nos destinos da milícia piratingana.

Certo receberei críticas pelo apôio incondicional às idéias ali expendidas. Mas, certo estarei, também, entre uma minoria que pensa e crê no reerguimento das cousas que já foram grandes. Entretanto, quero crêr que entre essa minoria, instigados por uma bôa vontade não aconselhavel ante as sutilezas do momento, indivíduos acreditem na impossibilidade da existência de quem contrarie normas definidoras do bom

senso. E para êsses, que ainda não foram arrastados ao cáos do pessimismo disassociador, que não compactuam consciente ou inconscientemente com aqueles que, sob influência de complexos, só querem destruir, é que eu escrevo.

Passo agora, efetivamente, a uma digressão, porque não concebo a viabilidade de estudos, por menores que sejam, sôbre êsse estado de entorpecimento geral das reservas espirituais do homem, senão no âmbito universal. Não podemos tratar do ceticismo adstringindo-nos a uma classe social, a um povo, a um aglomerado de povos consubstanciado num todo continental. O problema é mais amplo, abrange mais espaço, flutua no tempo, infiltra-se nos pensamentos que dirigiram épocas, tisnando umas, reverberando outras.

O cáos político, moral, econômico e social dos nossos dias, é reflexo do que pensaram e de como agiram os homens do século XIX. E' evidente que algo se encontra no século anterior, operando como inspiração: o individualismo de Rousseau foi a pedra angular do movimento.

No alvorecer deste século, olhando retrospectivamente para as conquistas científicas do século XIX, Buchner, enebriado, disse, quiçá erradamente: “O século XX terá, sem dúvida por papel... levar enfim à humanidade atormentada pelas dúvidas e incertezas, essa paz de espírito, êsse equilíbrio moral que

lhe fazem falta desde tão longo tempo". E não só êle foi acometido dessa certeza quanto aos destinos da humanidade. Rico em inovações científicas, projetando-se no desconhecido com uma celeridade espantosa, transformando tudo, julgou o homem ter encontrado a felicidade, a paz de espírito almejada, o supremo bem. E materializou-se.

Surgiram então as correntes filosóficas do século XIX, analistas, vendo os problemas humanos sob prismas particularíssimos. Em verdade o surto científico daquele século, que suscitou a grande exposição internacional das indústrias em Paris, no ano de 1867, jogou na arena do pensamento teóricos materialistas em abundância: Spenser com o evolucionismo; Conte com o positivismo; Willian James com o utilitarismo, além de Lamarck, Darwin, Wallace e Haeckel com o cientifismo experimentalista. Depois, como consequência lógica da preferência da época, Frederico Nietzsche e Karl Marx, o primeiro com o seu Super-Homem cruelíssimo, o segundo com o seu miserável Homo Economicus. E o interessante é que, negativistas, aparentam objetivar fins opostos quando, na realidade, Nietzsche e Marx se completam. Sim, porque não se pode conceber a existência do Super-Homem, dominador, sem a massa escravizada dos Sub-Homens-Máquinas. E vice-versa.

Porém, reagiu o espiritualismo. Grande, magnífico nas suas exortações que bem profetisaram a angústia dos nossos dias, mas desprezado e caluniado, insurge-se Pio IX, firme no propósito de bem dirigir os homens às idéias boas. Não obs-

tante o materialismo propagou-se século XX a dentro. Confundindo todos, menospresando ou negando o que de mais sublime sustenta a fé no espírito do homem. Daí, em suas consequências as mais desoladoras, êsse estado onde predomina as atitudes indecisas, a inconstância dos atos, a complacência demasiada, a deturpação do bem, o liberalismo excessivo que, infelizmente, vêm provocando, por sua vez, a imolação de idealistas, a exaltação de mediocridades, o ódio aos bons, os louros aos maus, uma multidão tristonha de céticos.

O século XX, por tudo isso, é também o século da incredulidade.

A Babel que vivemos, boquiabertos, é evidentemente o resultado de grupos desordenados sustentando princípios fundamentalmente antagônicos. Mas, serão êsses princípios defendidos à luz das doutrinas que os geraram? Não. O que vemos é u'a miscelânea generalizada sob um agnosticismo constrangedor. Poucos se definem. A maioria faz o jôgo do mal, inconscientemente, quando o certo, o imprescindível, é uma definição de princípios que, dando rumo único ao homem, leva-o à consciência da retidão dos seus atos. E êsses princípios estão, incontestavelmente, consubstanciados numa concepção da vida.

Ninguém acredita em cousa alguma. E' mais cômodo integrar-se à onda cataclísmica daqueles que, quando da apreciação de qualquer cousa, se estribam no "quem sabe", "é provável", "pode ser que seja"... No religioso vamos encontrar o homem querendo uma religião científica, aceitando o economismo-ateu de

Marx, admitindo, às vezes, o "herói" de Nietzsche. No materialista-ateu vamos encontrá-lo com medo, no mistério das elucubrações íntimas, daquilo que exteriormente nega. E a confusão se espraia. Demagogos charlatães investem doidivamente contra o que de mais respeitável fundamenta a espiritualidade de todos e de tudo.

O problema não é de uma classe, não é de um povo, não é de um Continente. Entretanto a sua solução tem que partir do indivíduo; resultados benéficos certo encadear-se-ão no seio da família, no âmbito da so-

cidade, no recesso da comunidade universal.

Termino a digressão. Volto aos esboços de idéias tão bem traçados pelos bons amigos Tenentes Feliciano e Olívio Franco Marcondes.

Que bela demonstração de fé nos desígnios da Força Pública, que manifestação cristalina de esperança nos desígnios dos homens de boa vontade.

Ainda é possível a reconstrução. Mas, para tanto, é necessário que desprezemos o "espírito das trevas", àquele do poema de Goethe que, frente a Fausto, se apresenta declarando: "Eu sou aquele que nega".

Sociedade Comercial de Tecidos

**ARGUISO LTDA.**

FORNECEDORES DA FÔRÇA PÚBLICA,  
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144

Caixa Postal, 4062

Fone 6-2397

End. Teleg. "ARGUISO"

SÃO PAULO

Você sabia que pelo Aviso 150, de 8 de abril de 1901, da Secretaria da Justiça e da Segurança Pública, foi o soldado n.º 68, Manoel José de Souza, da 1.ª Cia. do 2.º B.I. autorizado a usar, "MESMO EM SERVIÇO PÚBLICO", um apito de ouro com corrente de prata que lhe foi oferecido pelo jornal "A Tribuna" de Santos, por bons serviços prestados naquela localidade?

# educação física e DESPORTOS



## Na Escola de Educação Física

### ANIVERSÁRIO

A exemplo dos anos anteriores e dentro da extremada singeleza de que se revestem todos os acontecimentos da sua vida interna, a E.E.F. comemorou, à 9 de março, mais um aniversário de sua fundação.

Estabelecimento que tem sabido se impor, não só dentro da Fôrça, como também perante as demais entidades congêneres do país e do exterior, pela sua reconhecida eficiência, vem norteando sempre os seus passos num desejo incontido, entusiasta e animador de bem servir à nossa Corporação e cooperar pela melhoria das condições físicas da nossa gente.

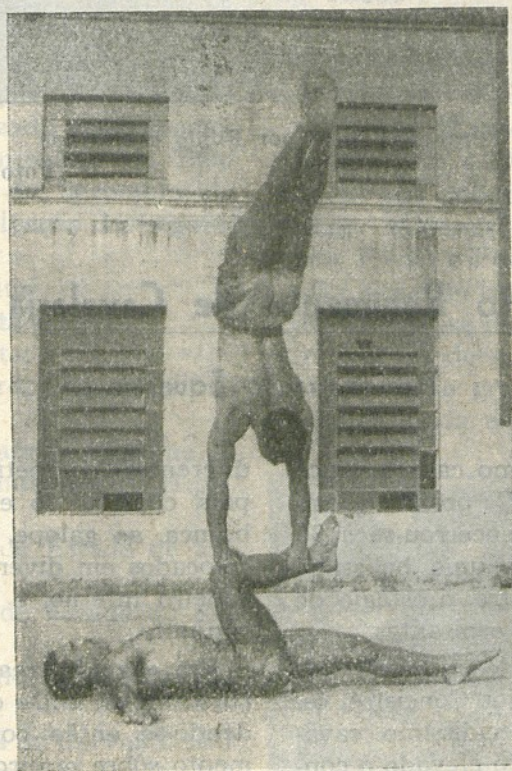
Seu trabalho tem sido uma trajetória belíssima de conquistas e glórias no terreno físico-educacional. Seus ensinamentos têm atravessado fronteiras, revolucionando métodos e modificando princípios. Suas iniciativas têm merecido o apôio e os aplausos de todos quantos se interessam pelas questões da educação física — isto porque na E.E.F. ainda brilha com a mesma intensidade e calor aquela mesma luz com que a França de Balagny, coronel do Exército Gaulez, iluminou os seus primeiros passos em nossa terra. Alí sente-se em tudo o mesmo

entusiasmo de outrora... Lampejam agora como antes, e com o mesmo esplendor, as lâminas invencíveis do capitão Balancie, coronel Pedro Dias de Campos, tenente Marques, transmitindo aos futuros mestres d'armas, os ensinamentos da esgrima moderna. A ginástica acrobática reviveu, arancando aplausos frenéticos como nos tempos inesquecíveis do saudoso tenente Bernardelli. A educação física geral toma novos rumos, mediante uma nova e judicious orientação. E as nossas recentes vitórias nos últimos Congressos de Educação Física que vêm sendo realizados nestes anos, podem muito bem atestar e de maneira insofismável, o grau de eficiência da nossa E.E.F., que sem favor nenhum se coloca entre os primeiros estabelecimentos de cultura física do país.

E "Militia" que tudo procura ver e acompanhar dentro do quadro geral das nossas múltiplas atividades, não podia deixar de gravar em suas páginas, êsse acontecimento tão agradável para todos nós, fazendo votos para que a E.E.F. cresça cada vez mais, para servir sempre em melhores condições no importante setor de suas atividades.



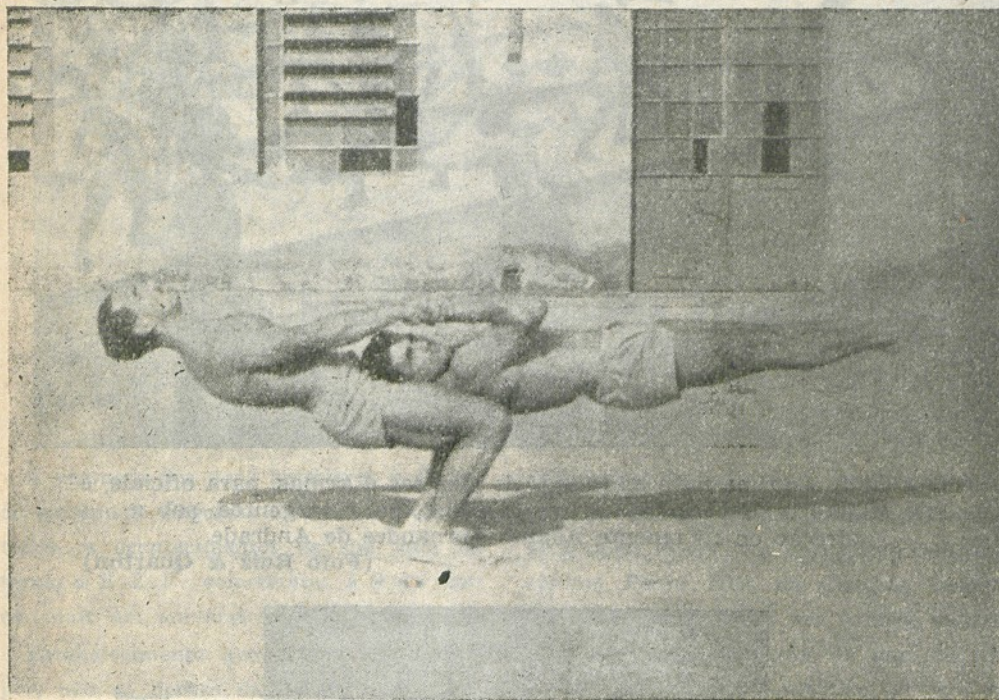
Uma aula de esgrima para os Cursos de Mestres d'Armas, para oficiais, e de Monitores Especializados em Esgrima, para sargentos, sob a direção do 1.º tenente Adauto Fernandes de Andrade.  
(Foto Ruiz & Quartim)



I  
N  
S  
T  
A  
N

T  
A  
N  
E  
O  
S

Plínio e Miranda demonstram, nesta parada difícilíssima, o valor de um treinamento físico bem orientado.  
(Foto Ruiz & Quartim)



"Prancha" feita por Plínio e Miranda

(Foto Ruiz & Quartim)

## No Regimento de Cavalaria

### Demonstração Equestre

Com o brilhantismo característico com que o nosso R. C. promove sempre as suas festas, encerrou-se à 30 de março p.f., com uma belíssima demonstração equestre, o estágio de mais uma turma de aspirantes.

A primeira parte do programa, sob a orientação do major Concistré, êsse perfeito e conhecidíssimo cavaleiro que tão alto tem elevado o conceito da nossa Fôrça, através das suas espetaculares vitórias alcançadas em

diferentes competições hipicas no país, constou do emprêgo da arma branca, ao galope, sôbre manequins colocados em diversos pontos do picadeiro interno, e de evoluções em conjunto.

Em seguida, realizou-se um concurso hipico entre os estagiários, podendo-se então completar o julgamento sôbre o aproveitamento geral da turma, que sem nenhuma dúvida mereceu os mais elogiosos comentá-

rios. Aliás, o R.C. é uma das Unidades da Fôrça onde a chama de um entusiasmo sadio e construtivo ainda não se apagou. Ali o trabalho é norteado por um desejo incontido de cooperar, de construir, de realizar, em benefício da Corporação, da sociedade, olhos voltados sempre por um S. Paulo cada vez maior.

Fiador valoroso das nossas sagradas tradições, tem o R.C. sabido impor-se dignificadamente como verdadeira Unidade de escôl.

Dos seus modestos picadeiros têm saído exímios e inegaláveis equitadores, e uma leva incontável de campeões hipicos, cuja fama já ultrapassou fronteiras em clarinadas evocativas de glórias. Ainda ecôam festivamente em nossas casernas, os aplausos calorosos com que Minas Gerais saudou a nossa equipe representativa ao "Campeonato Brasileiro de Hipismo", realizado em comemoração ao "Cincoentenário de Belo Horizonte", à 12 de dezembro de 1947, com a participação das seguintes entidades:

- 1.<sup>a</sup> Região Militar
- 2.<sup>a</sup> Região Militar
- 3.<sup>a</sup> Região Militar
- Federação Metropolitana de Hipismo
- Federação Mineira de Hipismo
- Federação Fluminense de Hipismo
- Polícia Militar do Estado de Minas Gerais
- Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro
- Fôrça Pública do Estado de São Paulo.
- Tenentes Dirceu de Carvalho Bruno e Felix de Barros Morgado, únicos integrantes da nossa equipe, sou-

beram dignificar não só a Corporação a que pertencemos, como o próprio S. Paulo ali representado por êsses denodados companheiros, entre as valorosas equipes concorrentes, sagrando-se vencedores. Os resultados magníficos que envaidecidos abaixo transcrevemos, são o testemunho insofismável dêsse feito que marcou época no hipismo nacional, eternizando-se em letras de ouro nas páginas já gloriosas da nossa centenária Fôrça Pública.

#### Campeonato Brasileiro de:

##### Salto em altura

2.<sup>o</sup> lugar: alt. 1,85 — tenente Felix, montando "Malandro".

##### Energia

2.<sup>o</sup> lugar: Tenente Felix, montando "Alado";

3.<sup>o</sup> lugar: Tenente Dirceu, montando "Corcovado".

##### Equipe

1.<sup>o</sup> lugar: Tenentes Felix de Barros Morgado e Dirceu de Carvalho Bruno que montaram os cavalos: Congo, Malandro, Alado e Corcovado, Pavão e Fâzendeiro.

E é por tudo isto que "Militia" procura inteirar-se da vida íntima dessa Unidade modelar, tão rica em sua modestia, tão grande em sacrifícios e maior ainda em abnegação.



## No 5.º Batalhão de Caçadores

### TIRO

Tem sido motivo de indagações constantes, por parte dos afeiçoados ao Tiro, o motivo por que o nosso 5.º B.C. vem se colocando admiravelmente nos diferentes concursos que neste ramo de instrução, a Fôrça tem realizado ultimamente. A resposta tem sido outra surpresa, quando ainda lhes acrescentamos que essa valorosa Unidade nem mesmo quartel próprio possui, quanto mais um "stand" preparado para os exercícios normais de tiro. Entretanto, há aquilo que poucos ainda hoje cultivam: honestidade profissional.

O 5.º B.C., como sabemos, vem lutando há tempos com sérias dificuldades para atender aos programas desportivos de que é obrigado a cumprir anualmente. Não possui quartel adequado, e sem um campo de esporte, sem um lugar favorável para a realização dos seus tiros, etc., é um verdadeiro milagre o que vem fazendo e conquistando com esforço próprio.

Para os exercícios de tiro com F.O. ou Mosquetão, improvisou-se um "stand", ao lado da estrada Taubaté-Ubatuba, mas que só pode ser utilizado nos períodos da seca. Os tiros de pistola ou revólver, são executados num terreno próximo ao Largo de Sta. Terezinha. Tudo é improvisado. Contudo, os resultados são surpreendentes, isto porque a administração do Corpo intervem diretamente nesses exercícios, principalmente. Não ha êsse comodismo doentio e pernicioso de que se acercam os indolentes, os irresponsáveis. Todos, indistintamente, oficiais e praças, procuram facilitar a ação do chefe. Há espírito de iniciativa. Há boa vontade de trabalhar. Há co-operação.

Registrando êstes fatos, "Militia" presta uma justa homenagem ao valeroso 5.º B.C., nesta luta pelo engrandecimento da nossa Corporação e na qual devemos todos estar empenhados.

## No 6.º Batalhão de Caçadores

### Campeonato Desportivo

No último Campeonato Desportivo da Guarnição de Santos, S. Vicente e Guarujá, realizado no ano passado, o 6.º B.C. da Fôrça Pública obteve ótima classificação, o que já tem acontecido nos anos anteriores na disputa do mesmo.

Êsse campeonato, além de uma competição inaugural, consta mais de

uma olimpíada da referida guarnição, com provas de atletismo, tiro e esgrima.

Tomaram parte na disputa dessas provas as seguintes Unidades:

— 6.º Grupo de Artilharia de Costa Motorizada

— 5.º Grupo de Artilharia de Costa



— 3.<sup>a</sup> Bateria de Obuzes de Costa

— 38.<sup>o</sup> Batalhão de Caçadores

— Base Aérea de Santos

— 6.<sup>o</sup> Batalhão de Caçadores da Fôrça Pública

— 6.<sup>a</sup> Companhia do Corpo de Bombeiros, sediada em Santos que concorreu pelo 6.<sup>o</sup> B.C..

#### Classificação do 6.<sup>o</sup> B.C.

1.<sup>o</sup> lugar - Atletismo e jogos

2.<sup>o</sup> lugar - Tiro

3.<sup>o</sup> lugar - Esgrima

1.<sup>o</sup> lugar - Voleibol . . . . . (oficiais)

1.<sup>o</sup> lugar - Basquetebol (sargentos)

4.<sup>o</sup> lugar - Futebol . . . . . (praças)

5.<sup>o</sup> lugar - Bola Militar . . (praças)

Além desse Campeonato, há ainda anualmente a disputa de um campeonato de Tiro, da mesma guarnição, tendo o 6.<sup>o</sup> B.C. conseguido classificar-se "Unidade Vencedora", dessa prova, em 1947.

Foi a seguinte a classificação geral:

1.<sup>o</sup> lugar - 6.<sup>o</sup> B.C., com 30 pontos;

2.<sup>o</sup> lugar - 6.<sup>o</sup> G.A.C.M., com 16 pontos;

3.<sup>o</sup> lugar - 3.<sup>a</sup> Bia. O.C., com 10 pontos;

4.<sup>o</sup> lugar - 5.<sup>o</sup> G.A.C., com 3 pontos;

5.<sup>o</sup> lugar - 38.<sup>o</sup> B.C., com 2 pontos.

Esse campeonato consta das seguintes provas:

a) - Revólver . . . . . oficiais

b) - Fuzil . . . . . oficiais

c) - Fuzil . . . . . sub-tenentes

d) - Fuzil . . . . . sargentos

e) - Fuzil . . . . . cabos e soldados

As vitórias acima representam um grande esforço daquele batalhão, que tem os seus elementos distribuídos pelos destacamentos, no litoral do Estado, sendo reduzido o número de homens na séde, os quais ainda concorreram intensamente nos serviços de policiamento da cidade.

Na parte desportiva propriamente dita, deve o 6.<sup>o</sup> B.C. grande parte das seus vitórias, ao 1.<sup>o</sup> tenente Rafael Peres Buzato, oficial regimental de Educação Física, diplomado pela nossa Escola que, com os seus sólidos conhecimentos e entusiasmo, não poupou esforços para treinar os elementos concorrentes de sua Unidade, a fim de bem representá-la, como realmente aconteceu.

Aos valentes do 6.<sup>o</sup> B.C., "MILTIA" apresenta as suas felicitações, por tão auspicioso acontecimento, certo de que assim interpreta o desejo de toda a Fôrça Pública, fazendo votos para novas e constantes vitórias no terreno desportivo.

## Laboratório Farmacêutico "EROS" Ltda.

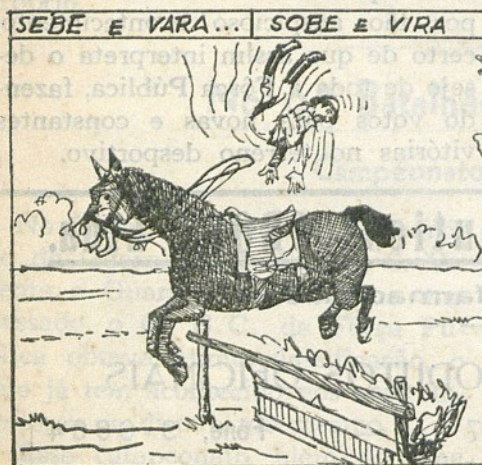
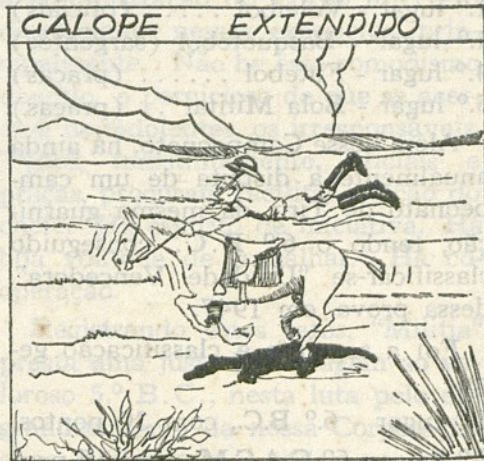
Especialidades farmacêuticas

HIPODERMIA — PRODUTOS OFICINAIS

Avenida Guilherme Cotching n.<sup>o</sup> 817

Fône, 9-6664

SÃO PAULO



# Nossa Organização Dentária

— Diretor Técnico: M. SERRANO Cirurgião Dentista —

POSTO 1 — Vila Maria	—	Av. Guilherme Cotching, 819
POSTO 2 — Penha	—	Avenida Celso Garcia, 6183
POSTO 3 — São Bernardo	—	Rua Marechal Deodoro, 394
POSTO 4 — São Caetano	—	Rua Pará, 179

## ==== Tabela de Preços ====

### PLANO A

Obturação .....	Cr. \$ 5,00	Recolocação .....	Cr. \$ 5,00
Extração .....	Cr. \$ 5,00	Limpeza .....	Cr. \$ 10,00
Pulpetomia .....	Cr. \$ 10,00	Faceta "Steel" .....	Cr. \$ 10,00
Abcesso .....	Cr. \$ 5,00	Dente incluso .....	Cr. \$ 30,00
Alveolotomia .....	Cr. \$ 5,00		

### PLANO B

Incrustação de ouro ..	Cr. \$ 60,00	Dentadura de Paladon com dentes Translúcidos:	
Pivô simples .....	Cr. \$ 30,00	Superior .....	Cr. \$ 300,00
Pivô de Palacril ....	Cr. \$ 65,00	Idem, inferior .....	Cr. \$ 400,00
Corôa de ouro .....	Cr. \$ 65,00	Idem com dentes de 1. <sup>o</sup> :	
Elemento em ponte ..	Cr. \$ 65,00	Superior .....	Cr. \$ 200,00
		Idem, inferior .....	Cr. \$ 350,00

NOTA : — Nossos trabalhos são todos garantidos, realizados por uma equipe de dentistas proficientes, empregando-se os melhores materiais. Nossos preços são os menores possíveis, limitando-nos a um lucro reduzido, pois desejamos cooperar com o esforço nacional para a redução do custo-de-vida das classes pobres.

# A Cruz da Estrada

SILVIO PEREIRA, 2.º sgt. do 7.º B.C.

A cruz ereta, que se ergue ocupando as adjacências da estrada, oferece algo significativo ao viajante que por ali passa.

Não é preciso que se diga... ali alguém empreendeu viagem para os mistérios da Eternidade.

A existência daquele madeiro de braços abertos tem demandado muitas interrogações.

Muitas perguntas foram feitas e outras o serão formuladas por certo.

A quem é dado a incumbência de trafegar diuturnamente por aquele caminho umbroso e solitário, encontrará ao cair nostálgico do crepúsculo uma velhinha em fervorosa prece aos pés da cruz.

Maria da Glória... ante as vélas e o símbolo sagrado, numã atitude de verdadeira contrição... permanece estática elevando o seu pensamento ao Altíssimo.

Os lábios daquela religiosa não se movimentam.

Suas preces são feitas com o pensamento... colocando o seu "eu" num verdadeiro grito d'alma.

O seu cérebro pouco aclarado de palavras lantejoulantes, de expressões sonóras e buriladas, dir-se-ia forjado para elevação da alma a Deus.

Sua viuvez se remonta ha muitos anos...

Seus cabelinhos vergastados por flócos de neve, seu rosto delicado e

macilento, já está sulcado de rugas que representam o reflexo do passado da desventurada creatura.

Não obstante a sua decrepitude... Maria da Glória conserva os resquícios de sua beleza anterior

Casou-se muito nova.

Enviudara muito cedo.

Dir-se-ia que o seu coração simples e terno não foi moldado para dar guarida a dois amôres.

Permaneceu viuva durante todo o tempo.

A castidade representava a sua virtude... a oração diária o seu dever!

Viveu sempre obscura e pobre.

Desconhecia tudo que é substancial na vida moderna.

Não acreditava nas virtudes miríficas do dinheiro que "pode muitas vezes representar o cancro da nossa própria alma".

Sentia-se feliz em sua desgraça... já que "a felecidade não é mais que o estado de alma da pessoa".

Uma cruz... uma véla acêsa... uma velhinha em contrição.

Painel mudo que nos toca o imo... e que encerra a odisseia de um amôr puro e sacrossanto.

Amôr! Eterno têma que se aninha em corações bem formados!

# Cerâmica São Caetano S. A.

(FUNDADA EM 1912)

Telhas: "COLONIAL" — "MARSELHA" — "ESCAMA" e "GREGA"

Únicos e exclusivos fabricantes das afamadas telhas  
" B R I L H A N T E S "

Ladrilhos:

Quadrados, Retangulares, Sextavados e Losangos  
Vermelhos, Amarelos, Morrons e Pretos  
Ladrilhos, Lajotas, Lajotinhas e trotoir

Tijolos prensados para:

PISOS, DEGRAUS, PINGADEIRAS, COLUNAS E OUTROS  
PARA RISCAR UM LADRILHO "SÃO CAETANO" ...  
SO' OUTRO LADRILHO "SÃO CAETANO"

MATERIAIS REFREATÓRIOS PARA QUALQUER TIPO DE  
INDÚSTRIA

Todos os produtos  
"SÃO CAETANO"  
levam esta marca



A marca  
que exprime  
QUALIDADE

## SEÇÕES DE VENDAS:

Praça (Loja) Rua Bôa Vista, 25 — Fone 2-3429 - Chefia 2-4329  
Interior Viad. Bôa Vista, 68 - 6.º — " 2-4229 - Gerência 2-7636  
Refratários " " " 68 - 6.º — " 3-4952 - Chefia 3-4708

## ESCRITÓRIOS:

Viad. Bôa Vista, 68 - 6.º andar - Telefones: (Secretaria 2-4229  
(Compras 2-7636  
(Tesouraria 3-2047  
(Diretoria 3-4708

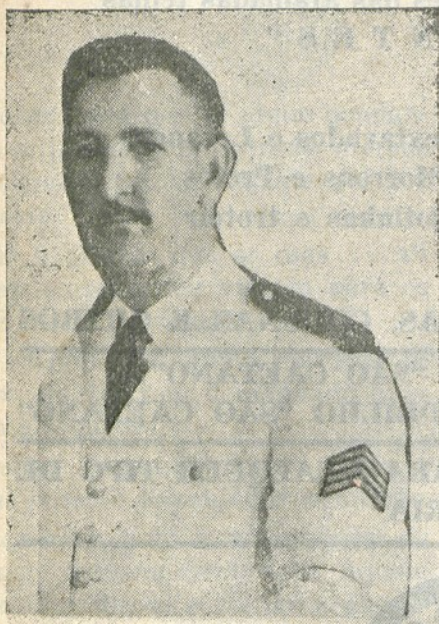
Caixa Postal, 278 — End. Telegráfico: — "ACIMAREC"

## FABRICAS EM:

São Caetano (E. F. S. J.) Rua Casemiro de Abreu, 4  
Telefone: 1-124 — Linha, 140

SÃO PAULO — B R A S I L

# SOCIAIS



2.º Sgt. José Angirama, impressor desta revista, o qual festejou seu natalício a 22 de abril p. findo. Parabens ao aniversariante.

Aniversariou a 8 de maio o 3.º sgt. Miguel Rodrigues, nosso auxiliar nesta Revista, ao qual, pela passagem dessa data, consignamos nestas linhas nossos cumprimentos.



## Nascimento

Acha-se em festa, desde o dia 8 de março do corrente ano, o lar do jovem casal MARIA AMELIA PENTEADO CORDEIRO, e Ten. AUGUSTO DOS SANTOS CORDEIRO, com o nascimento de seu primogénito AUGUSTO PENTEADO CORDEIRO.



**SORTES GRANDES!!!**

**FASANELLO**

**E... NADA MAIS**

ADQUIRA  
UM

**"CLÁSSICO"**

E FAÇA A SUA  
INDEPENDÊNCIA

DIREITA, 52

— CAIXA, 3088

— SÃO PAULO

# A Carta da Criança

A Inglaterra recebeu sua "Carta da Criança" — uma espécie de dez mandamentos dos pais — redigida por 228 meninos e meninas de 8 a 12 anos.

Organizado por professores, esse questionário foi respondido por crianças da escola Preparatória, de escolas da classe intermediária e de escolas do Condado de Londres. Com as respostas enviadas elaborou-se a "Carta da Criança" ou o que se pode chamar também de "os dez mandamentos do pai e da mãe ideais".

São os seguintes os dez mandamentos: 1.º — Os adultos jamais devem discutir em presença de seus filhos; 2.º —

Os pais devem tratar os filhos com igual afeição; 3.º — Os pais não devem mentir para uma criança; 4.º — Os pais devem tolerar-se mutuamente; 5.º — Deverá haver camaradagem entre os adultos e as crianças; 6.º — Os pais devem tratar os amigos de seus filhos como hóspedes em sua casa; 7.º — Os pais devem responder sempre às perguntas de seus filhos e nunca dizer "não me aborreça"; 8.º — Os pais não devem censurar ou punir seus filhos na presença de crianças estranhas; 9.º — Os pais devem concentrar-se nas virtudes e não nos pontos falhos de seus filhos; 10.º — Os pais devem ser constantes na sua afeição para com os filhos.

## O Problema do Petróleo Nacional

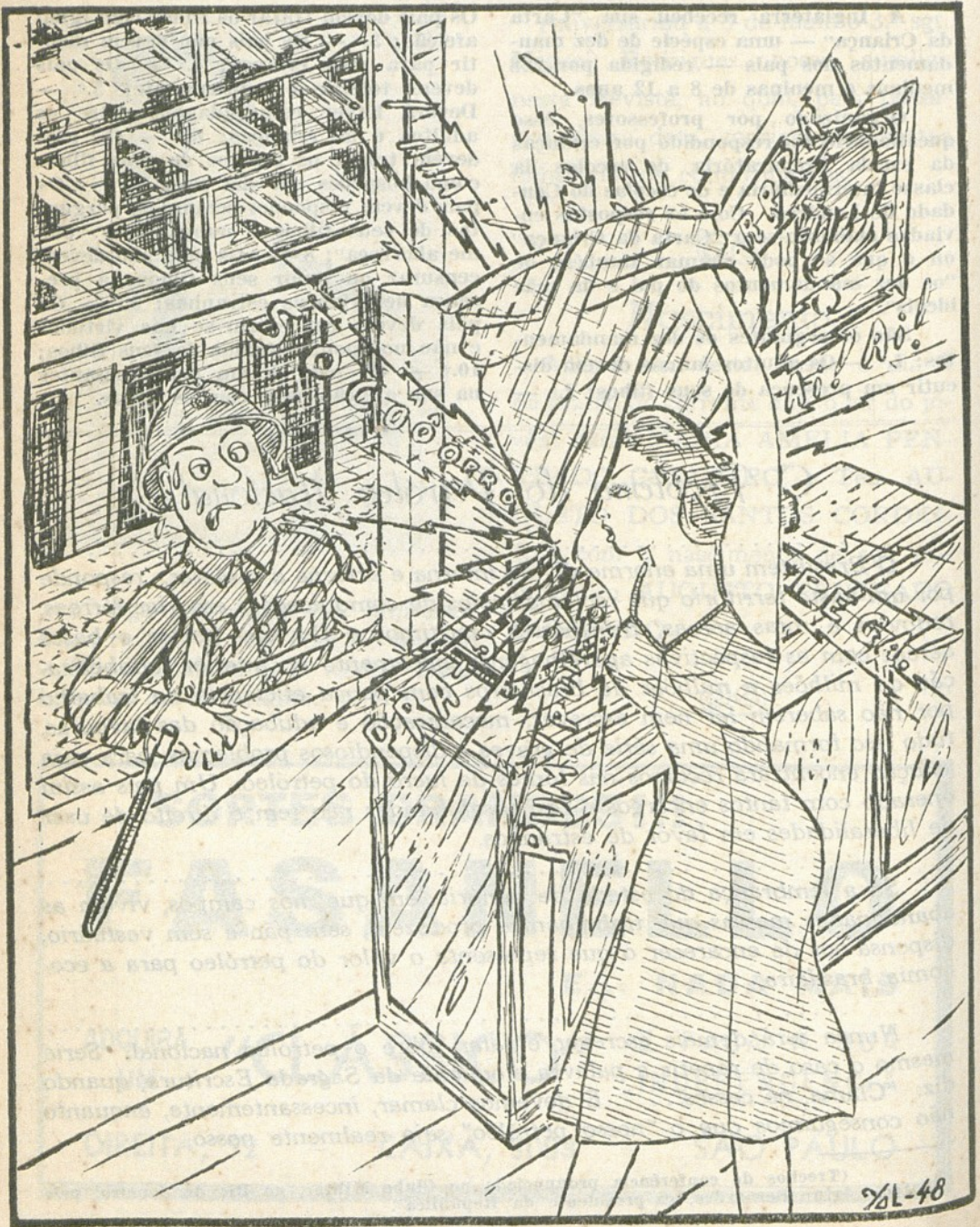
O Brasil tem uma enorme dívida interna e externa a resgatar: responde por um vasto território que reclama meios de comunicações em vias férreas, rodovias e rotas aéreas; transportes marítimos e fluviais; portos e bases aéreas com as respectivas aparelhagens; saneamento no interior; alfabetização de milhões e milhões de brasileiros com pouca eficiência no trabalho por não saberem ler nem escrever; mecanização e adubação das lavouras, tudo isso formando uma série de graves e dispendiosos problemas, para cuja solução encontrará recursos nas fontes de lucro do petróleo. Um país assim onerado com tantos encargos e responsabilidades não tem o direito de usar de liberalidades em favor de estranhos.

Só a lembrança do estado de penúria, em que, nos campos, vivem as abandonadas massas que trabalham e produzem, sem pão e sem vestuário, dispensa-nos de encarecer o que representa o valor do petróleo para a economia brasileira.

Nunca será demais escrever e falar sobre o petróleo nacional. Seria mesmo o caso de repetir a palavra eloquente da Sagrada Escritura, quando diz: "Clama, ne cesses!..." E devemos clamar, incessantemente, enquanto não conseguirmos que o "nosso petróleo" seja realmente nosso.

(Trechos de conferência pronunciada no Clube Militar, no Rio de Janeiro, pelo Deputado Artur Bernardes, ex-presidente da República).

# O Botinha num equívoco



7/L-48



# Revista Feminina

MARIA LUCIA

## BISCOITOS PARA COQUITEL

**Ingredientes:** 200 gramas de manteiga; 400 gramas de farinha de trigo; 100 gramas de açúcar e 2 gemas.

Amassa-se todos os ingredientes juntos e faz-se os biscoitos em forma de palitos que devem ser passados em açúcar cristal.

Vão ao forno em assadeiras untadas com manteiga.

\* \* \*

## DOCE DE LEITE "PUXA-PUXA"

Para 3 litros de leite, 1 quilo de açúcar e 1 colherinha de bicarbonato.

Mistura-se tudo e vai ao fogo brando; não se meche até amarelar; quando começar a amarelar não se pode parar de mecher até ficar no ponto; aí retira-se do fogo e bate-se de 3 a 5 minutos despejando-se depois numa vasilha porém, sem raspar o fundo da panela para não açucarar.

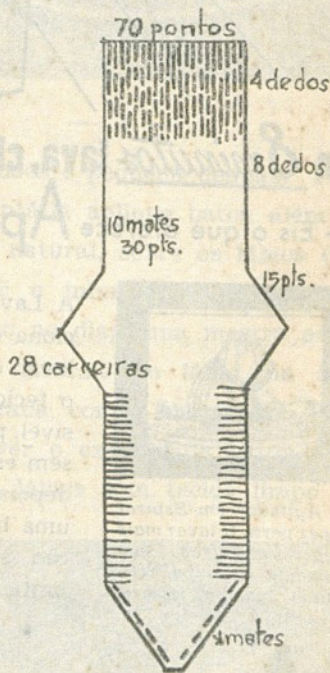
\* \* \*

Para amolecer a carne das aves deve-se esfregá-las por fora e por dentro com limão.

O MEL: um alimento que não deveria faltar em nenhuma mesa; tem propriedades curativas e vigorizantes excelentes, tanto para o sangue como para o corpo em geral.

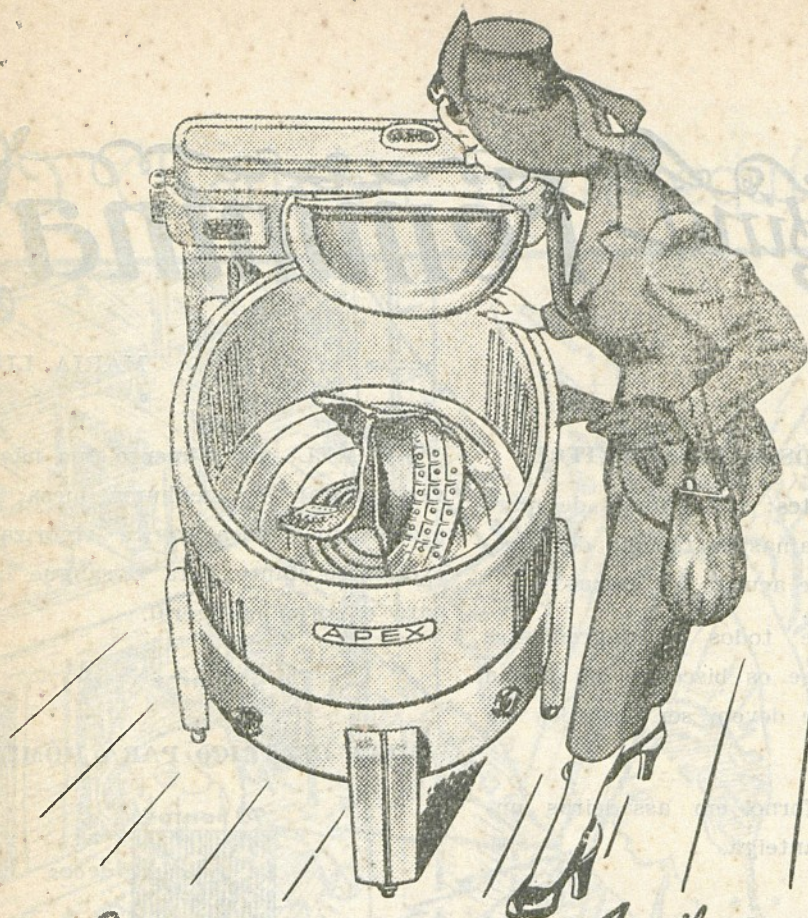
\* \* \*

## MEIA DE TRICÔ PARA HOMEM



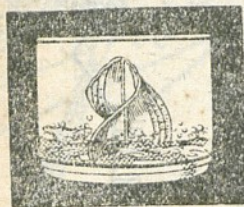
(Feitas com 2 novelos de lã Sams, 5 fios Mescla)

Começa-se com 70 pontos e traba-



Em 8 minutos lava, clareia e seca 4 quilos de roupa!

— Eis o que oferece **Apex** — a lavadeira que nunca falha!



O Agitador em Espiral Apex perm telavar mais depressa. Esfrega suavemente a roupa, retirando toda a sujeira

A Lavadeira Elétrica Apex, Modelo 390-P, proporciona o mais rápido, fácil e econômico meio de lavar qualquer roupa, por mais delicado que seja o tecido. Cilindros de borracha, de controle sensível, permitem enxugar completamente as roupas, sem estragá-las e sem quebrar os botões. A água depois de usada é retirada automaticamente por uma bomba especial, exclusiva de Apex. Construção sólida. Visite-nos, para uma demonstração prática, sem compromisso.

LAVADEIRA  
**Apex**

**LAVA 31% MAIS DEPRESSA E 43% MELHOR!**

Comparada com outras máquinas do gênero, em recentes experiências feitas pelos "Electrical Testing Laboratories", de Nova York, Apex provou que lava, clareia e seca uma quantidade e maior de roupas, em menos tempo e com o máximo de perfeição.

Distribuidores Exclusivos: **CASSIO MUNIZ S. A.**

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO

Praca da República, 309 - S. Paulo



lham-se quatro dedos em ponto de sanfona (agulhas n.º 2 ½).

Diminuem-se 10 pontos durante a perna que deve ter 5 dedos de comprimento.

Devide-se o trabalho em 3 partes: a do centro com 30 ptos e a dos lados com 15 ptos. Trabalham aos lados separadamente em meia durante 28 carreiras, diminuindo-se 4 ou 5 ptos nas últimas carreiras para arredondar o calcanhar.

Os 30 ptos do meio continuam-se em meia; pegam-se os 15 ptos nas partes dos lados e trabalha-se em tricot. Quando o pé estiver em bom tamanho trabalham-se 2 carreiras inteiramente em meia.

Na carreira seguinte tricoteam-se os 13 ptos, um mate de 2; 2 ptos de meia; 1 mate de 2; os pontos do meio; 1 mate de 2; 2 pontos de meia; 1 mate de 2 e os 13 ptos em meia.

Continua-se a diminuição até restar 24 ptos. na agulha. (Deve formar um V).

O centro pode ser em qualquer ponto.

### SAUDE E BELEZA

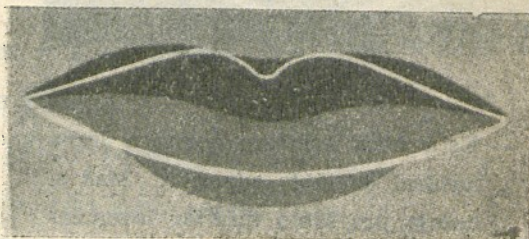
Para limpar e clarear as mãos: esfrega-se caldo de limão até sentir a mão livre de impurezas; depois, com um sabão de coco, ensaboa-se as mãos até formar bastante espuma; junta-se, então, uma colher de açúcar e com êste

“suspiro” nos dedos e na palma das mãos; faça uma ligeira massagem; lave com água pura e admire-se do resultado obtido.

\* \* \*

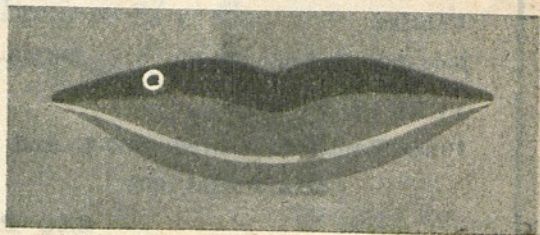
### COMO PINTAR OS LABIOS

Para você pintar os lábios não basta “cobri-los” de baton, nem aumentar ao seu bel prazer o tamanho de sua boca. Siga estas regras ditadas pelos mestres da “maquillage” do cinema americano.



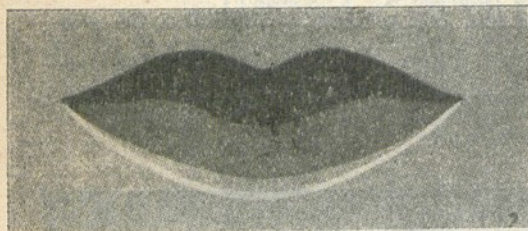
— 1 —

- 1 — Sua boca é pequena demais. Para aumentá-la aplique baton além da linha natural, sôbre os lábios (superior e inferior). A linha em branco no diagrama mostra as linhas naturais do lábio, na área sombrada, com a maquillage. Para remover o excesso de baton, limpe os lábios com tecido limpo.



— 2 —

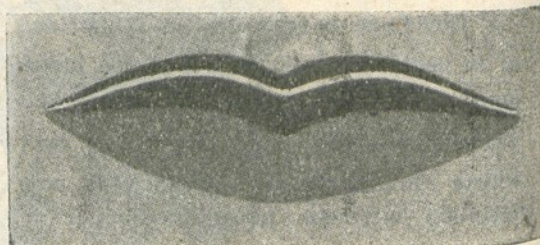
2 — Ao passar o baton, siga a linha natural exterior do lábio superior, conservando o baton dentro da linha natural do lábio. O baton dá à sua face o mais importante acento colorido; escolha, portanto, cuidadosamente o próprio matiz (tonalidade).



— 3 —

3 — Esta boca também segue a linha natural do lábio superior. Mas si deseja um lábio inferior levemente carregado, então, espalhe baton além da linha natural. O lábio inferior mais carregado, conforme

o diagrama, contradiz com queixo e maxilar fortes. Uma pequena prática com uma passagem de baton torna fácil tal mudança. Conserve os lábios limpos.



— 4 —

4 — Lábios provocantes. Porém, se quiser aumentar o lábio superior trace baton além da linha real, seguindo pela linha natural exterior do lábio inferior. Isto dá equilíbrio aos lábios (inferior e superior), como mostra o diagrama, e fornece mais simetria à face.

— :: —

## Indústrias de Chocolate **LACTA S. A.**

CHOCOLATES, BOMBONS, BALAS, CONFEITOS E DOCES FINOS

Fábrica

Rua José Antonio Coelho, 276 - 326/40

VENDAS

Praça Ramos de Azevedo, 209-7.º and.

Caixa Postal, 668

End. Telegráfico: "LACTA"

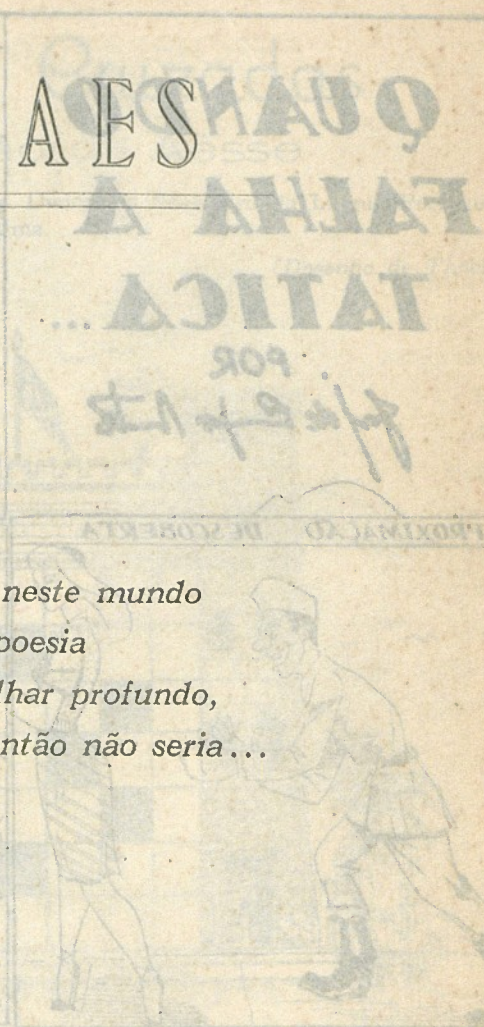
FONES	}	Diretoria	6-3454
		Vendas	6-2582
		Fábrica	7-5872

SÃO PAULO



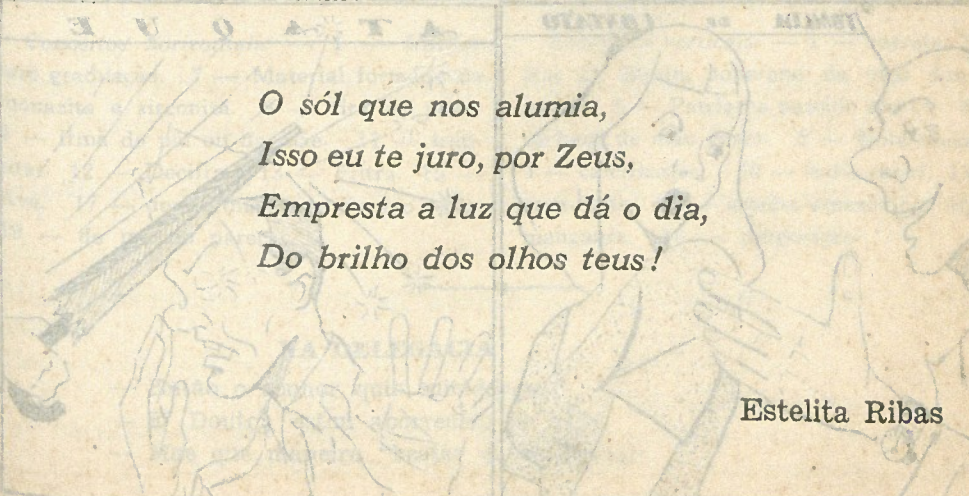
# VITRAES

*Os teus olhos divinaes  
São duas sétas aiadas  
Que eu tenho, como punhaes  
No coração, bem cravadas.*



*Se todo olhar neste mundo  
Tivésse tanta poesia  
Como o teu olhar profundo,  
Que encanto então não seria...*

*O proprio sól não se peja  
De aos astros todos contar  
Que só tem, no mundo, inveja  
Do brilho do teu olhar.*



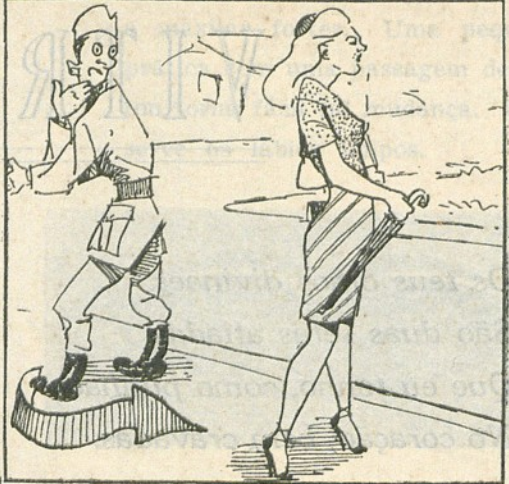
*O sól que nos alumia,  
Isso eu te juro, por Zeus,  
Empresta a luz que dá o dia,  
Do brilho dos olhos teus!*

Estelita Ribas

# QUANDO FALHA A TÁTICA...

POR  
*Frederico de Barros*

DIREÇÃO DE MARCHA



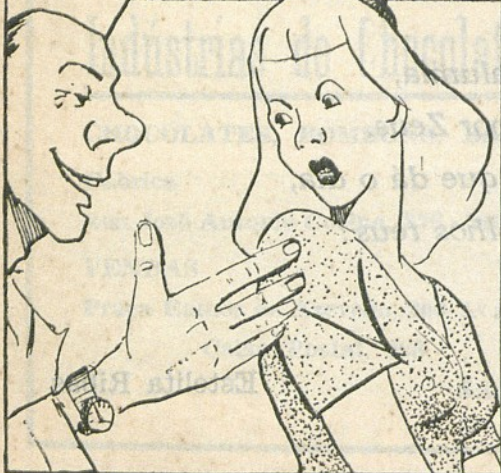
APROXIMAÇÃO DESCOBERTA



PREOCUPAÇÕES  
ANTES DE  
AVANÇAR



TOMADA DE CONTATO



ATAQUE

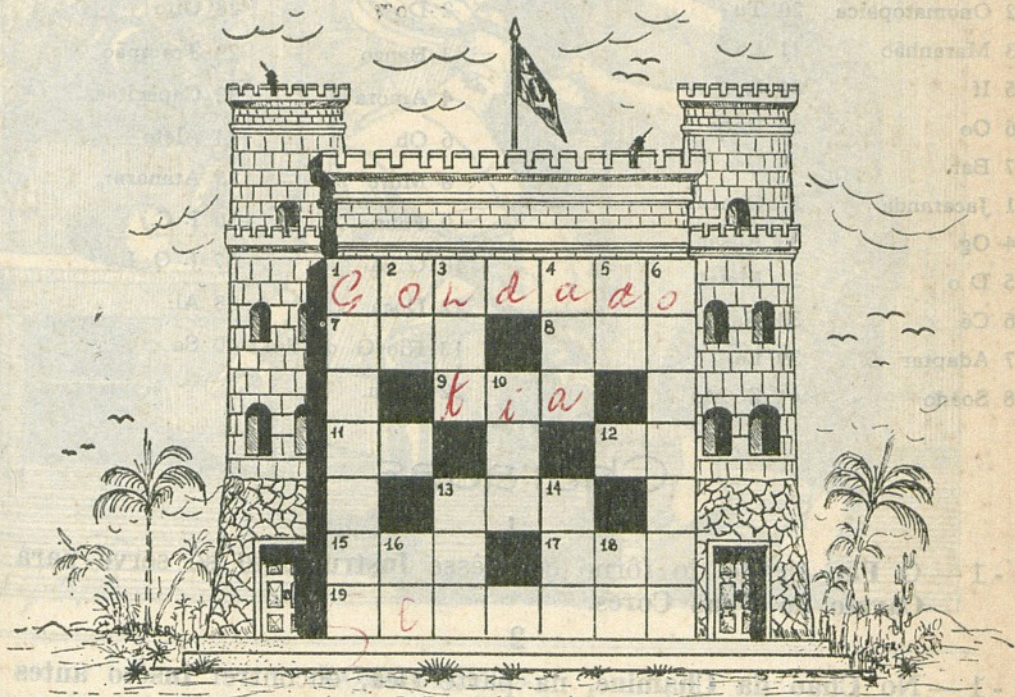


# Palavras Cruzadas

## Composição de Aésse

FONTES DE CONSULTA: — Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa de H. Lima.

(Desenho de Tancler)



**Conceitos horizontais:** — 1 — Militar sem graduação. 7 — Material formado de monazita e zirconita. 8 — tira de pano. 9 — irmã do pai ou da mãe. 11 — transitar. 12 — Decifra. 13 — Filtra. 15 — Ave. 17 — doudécima parte do ano solar. 19 — do mesmo parecer.

**Conceitos verticais:** — 1 — barrete. 2 — Rei de Basan, soberano da raça dos gigantes. 3 — Patriarca nascido em Ur. 4 — cachaça de mau gosto. 5 — Nota musical. 5 — calcificação. 10 — índio carirí. 13 — erva-mate. 14 — aranha amazônica. 16 — manganês. 18 — preposição.

### NA DELEGACIA

- Então o senhor quis suicidar-se ?
- E' Doutor, estou aborrecido da vida.
- Mas que maneira "besta" de se distrair...

# PROBLEMA "BRASIL"

(Publicado no número anterior)

## SOLUÇÃO

Horizontais		Verticais	
1 Furada	19 São	1 Ali	23 Adato
2 Onomatopaica	20 Tu	2 Do	28 Oito
3 Maranhão	21 Lo	3 Banzo	29 Trampão
5 If	24 Io	4 Amora	32 Capacitas
6 Oo	25 Itatú	6 Oh	34 Aleto
7 Bar.	26 Usa	8 Muro	35 Atanazar
11 Jacaranda	27 Opacas	9 Fauno	36 I. C.
14 Og	30 Alisar	10 G. A.	37 J. O. L.
15 D o	31 Metal	12 Doca	38 Al.
16 Cé	33 Na	13 Rio G. do Sul	40 Sa
17 Adaptar	39 La	22 Miau	
18 Soado	41 Z. M.		

## Charadas

1

1-1—O Pão tirado do forno com esse Instrumento só serve para Cavallo de Duas Cores.

2

1-1—No Chão da Chaminé, na parte Oca, encontrei Inseto antes de Criar Azas.

3

2-1—Na Planta Brasileira peguei o Batráquio que levei para a Aldeia de Indios.

4

2-2—Na Ilha achei a Planta que me foi aconselhada por Diogo Alvares Corrêa.

5

1-1-1—Nem Alí nem Aquí a Amada de Jupiter conversava com o Criado.

### NA RESERVA DO CAPITÃO

Sargento: — O senhor vai custar muito para arranjar outro sargenteante como eu.  
Capitão: — E quem disse que pretendo arranjar outro como você ?





### LOGOGRIFOS

13 — O jogo (1 — 10 — 11 — 12) faz com que se gastem (6 — 9 — 8 — 8 — 4), em grande quantidade (1 — 12 — 3 — 2), o tempo e o dinheiro. Para o jogador, o mundo é um deserto (5 — 8 — 6 — 7). Só lhe interessa jogatina que o conserva esquecido de seus deveres. —

: : —

14 — E' ilusão (10 — 9 — 7 — 8 — 9). E' lenda (10 — 2 — 1 — 4). Aquele homem (1 — 4 — 10 — 3 — 2 — 9) não sabe desenhar cogumelos (5 — 6 — 7 — 1 — 9 — 10), só sabe fazer uns pobres rabiscos.

#### O ESCRIVENTE

- Pois é chefe, escrevi com a mão esquerda.
- E nós aqui estávamos pensando que o senhor o havia feito com os pés.

# Um conceito sobre "MILITIA"

Em seu número de Fevereiro p. passado, IMPRENSA POLICIAL, jornal especializado em assuntos policiológicos, criminológicos e de legislação penal, que se edita nesta Capital sob a direção de Euclides Santana, fez a respeito do aparecimento de "MILITIA" as referências abaixo transcritas, pelas quais somos muito gratos, em particular quanto à forma esperançosa com que é previsto o nosso futuro.

## "Uma Revista que surge

"Militia", órgão cultural da Fôrça Policial do Estado, possui todos os predicados para vencer dentro e fóra do âmbito militar

Temos em nossa mesa de trabalho um exemplar da excelente revista "Militia", órgão que vem de surgir no seio da nossa garbosa Fôrça Policial do Estado como veículo de propaganda da cultura e intelectualidade de seus membros

O que dizer dessa publicação senão o que a verdade manda que se diga, isto é, que é perfeita em todos os sentidos. De confecção excelente, contendo texto de matéria escrita por verdadeiros conhecedores do vernáculo e que estão acostumados a manejar a pena em favor do bom jornalismo, à primeira vista sente-se que os seus organizadores são perfeitos idealistas, que visam tão somente trabalhar pela cultura da gloriosa milícia paulista, não medindo sacrifício de nenhuma espécie.

Aliás, numa época em que o papel constitui o mais sério problema para qualquer jornal ou revista, forçando o uso de material de qualidade inferior mercê da falta de produto melhor e barato, a novel e perfeita revista "Militia" apresenta-se vestida de rica roupagem isto é, está impressa em papel assetinado, com isso conquistando inicialmente a simpatia geral.

E o que se dizer da parte redatorial? Ótima também. Artigos excelentes, bem escritos e que tratam unicamente do interêsse da coletividade a que se destina.

"Militia" é uma revista, pois, que nasceu fadada aos maiores sucessos e que há de triunfar em tôda a linha. Não dizemos isto à título de elogio aos seus distintos obreiros, mas sim com a sinceridade que fazemos questão de demonstrar em todos os momentos. "Militia", para a sua grandiosa vitória, antes de mais nada conta com o es fôrço e a tenacidade dos elementos que a lançaram no mundo jornalístico bandeirante, e com a bôa vontade da totalidade dos bravos milicianos da gloriosa Fôrça Policial.

Não visando o mercantilismo que, infelizmente, impera na maioria das publicações diárias ou periódicas, "Militia" poderá se estender ainda mais, muito além da maneira com que se apresentou em seu número inicial.

A Fôrça Policial do Estado de São Paulo desde muito tinha necessidade de um órgão cultural assim perfeito. O sonho de muitos, dessarte foi realizado, e quem ganhou com isso não

foram alguns poucos sonhadores: ganhou aquela organização policial que doravante terá como arauto de seus feitos a revista "Militia", a qual sem dúvida alguma se constitui uma jóia de bom gosto literário e de arte gráfica:

"IMPrensa POLICIAL", que tem um destino a cumprir quase idêntico, pois se especializou na difu-

são de artigos policiais e de defesa da legalidade e da ordem, não pode fugir à satisfação de cumprimentar os seus diretores, o seu corpo redatorial e, ao mesmo tempo congratular-se com todos os elementos da nossa querida Fôrça Policial pelo fato de possuírem em seu seio um órgão de tão perfeita feitura:

"Militia", na verdade, é uma revista que nasceu para triunfar!"

# Banco do Estado de São Paulo S. A.

AS MELHORES CONDIÇÕES  
AS MELHORES TAXAS  
TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS  
CÂMBIO — COBRANÇAS  
DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS

MATRIZ: SÃO PAULO:

**RUA 15 DE NOVEMBRO, 251**

CAIXA POSTAL 789

Endereço Telegráfico: "BANESPA"

## NA ÓPERA

- Vamos embora, êsse tenor está "enchendo".
- Espere, êle será assassinado no 2.º ato... e eu não quero perder êsse prazer.

# DUAS TRAGÉDIAS

Cel. Sardoal de Figueiredo

(Continuação do número anterior)

Homem de espírito retrógrado, possuído atavicamente da idéia de posse, entendia, inspirado em seu cérebro obtuso, que tal circunstância o dispensava de mais formalidades; nem lhe ocorreu ao pensamento que a denúncia podia ser infundada. Nada perguntou à mulher. Não procedeu a nenhuma investigação preliminar como o ordenava o mais comedido dever de lealdade e justiça. Assim como nos domínios da física os corpos patenteiam suas propriedades quando se encontram em ambiente propício, assim também o homem destituído de instrução revela suas adormecidas tendências para a ferocidade quando privado momentaneamente de suas faculdades deliberativas por efeito de cólera ou de ingestão de bebida alcoólica. De braços erguidos, fê-lo descer violentamente, mergulhando a faca, repetidas vezes, no corpo da desgraçada mulher, com gestos de alucinado. Terminada a obra, limpou a faca, mudou de roupa e foi confessar seu hediondo e imperdoável crime à igreja, da qual obteve absolvição mediante gorda espórtula e algumas penitências. Estava limpo de culpas e pronto para reproduzir a façanha. Mas o castigo dessa hediondez não vinha longe. Ninguém se exime à expiação de suas culpas.

Um ano após contraiu novo matrimônio. Sua segunda mulher, de nome Cleide, não era docil como a primeira: reagia energicamente às suas grosseirias habituais; exprimia-

lhe os seus sentimentos de revolta diante de suas crueldade para com os animais.

— Ó gente, estou eu agora inibido de fazer o que me vem à cabeça?

— Está, sim senhor, — respondeu veementemente Cleide. Porque você é um bruto que de gente só tem a forma. Os animais são de carne e osso como nós. Sofrem como nós quando maltratados fisicamente. Toda a pessoa que tem um pouco de raciocínio enxerga isso. Mas você não tem raciocínio: é uma espécie de irracional.

— Eu, irracional? Você está é louca. De uma boa tunda é que você precisa.

— De uma tunda! Ah! seu canalha! Pois venha bater-me, se é capaz!

Cleide correu para o interior da casa e logo regressou com a mão direita oculta atrás das costas. Armara-se de um revólver.

— Venha, seu cachorro, venha me dar a tunda, se é homem.

A surpresa de tal procedimento de sua nova esposa lhe gelou o sangue nas veias e desarmou-o. Pretendeu reassumir o direito de senhor que seu cérebro rombo, impermeável à razão, lhe dizia possuir sobre tudo o que vivia debaixo de sua autoridade despótica. Em vão. Fazia-lhe sentir a mulher, clara e positivamente, que não era sua escrava; que perdesse aquela mentalidade de selvagem porque eram iguais os direitos de ambos, quer encarados à luz das

leis humanas, quer das leis naturais ou da razão; que não fosse idiota e se lembrasse de que viviam em século de riquintada civilização e ampla liberdade incompatível com as suas idéias dos tempos pre-históricos.

O bruto ficou manso. Foi dominado. Tal é o poder da reação operada de surpresa e o da superioridade intelectual e moral sobre os espíritos brancos.

Sabia Cleide que, na vida social, as almas delicadas e humildes que se abaixam, servem de montaria aos bastardos de consciência ou tarados. Para estes a educação não é virtude, digna, portanto, de respeito; é covardia e a insultam.

Não vacilou então: ergueu a cabeça. Vulcanizou-se. Dente com dente.

Tinha outras razões para isso. Casara-se com Eurial por obedecer à vontade paterna, vontade que, ainda em nossos dias, vergonhosa e despoticamente, se impõe, em casos tais, nos rincões desertos do Brasil, ermos de civilização.

Cleide nunca sentira por êle a menor simpatia. Tinha-lhe até horror por lhe conhecer os maus precedentes de desumanidade.

Nascera no mato e lá se criara à lei da natureza, mas esta a dotara de qualidades inteiramente incompatíveis com o ambiente em que vivia. Era inteligente, com decidida vocação para as cousas do espírito. Não pudera, entretanto, dar expansão a êsses nobres predicados naturais: não lho permitiu o meio retrógrado aliado à falta de escola. Era inteligência que, como muitas outras, se estiolava naquelas quebradas insula-

das do hinterlande brasileiro. Aprendera meramente a ler e a escrever. Como se vê-instrução resumidíssima. Sua inteligência, embora inculta, instruiu-a suficientemente acerca dos direitos de liberdade que lhe assistiam para a escolha daquele que devia ser seu companheiro na rude caminhada pela vida fóra e que essa escolha se inspirava unicamente no amor recíproco.

Escolheu um, de nome Sinval, homem já de certa idade mas cujas qualidades de espírito, de inteligência e de coração se harmonizavam perfeitamente com as suas próprias.

Tais qualidades lhe despertaram viva simpatia que, com o correr dos tempos, degenerou em profunda paixão. É a fôrça e a eloquência da afinidade de sentimentos. A tal afinidade eletiva a que aludem as leis da química.

Era a êsse homem que Cleide desejava unir o seu destino.

Pediu-a Sinval em casamento, mas como era pobre seu pedido foi repellido.

— Senhor Teótonio (nome do pai de Cleide), é verdade que sou pobre, mas posso assegurar-lhe de que à sua filha nada faltará. Lutarei heroicamente para fazê-la feliz. Considero-me homem honrado; não faltarei à minha palavra. Sou um homem a quem a fortuna não sorriu, embora tenha sido sempre esforçado, mas daí não se deve concluir que eu seja indigno do amor de sua filha. Cleide será feliz em minha companhia. Dou-lhe o penhor de minha honra.

— Não lhe estou perguntando a idade, disse o pai de Cleide, de mui-

tó mau humor. Não tenho filha para casar com desclassificado. Não me aborreça e vá procurar noiva entre gente de sua qualidade e condição. E virou-lhe as costas com ares jupiterianos.

— Senhor, seja ao menos delicado, disse Sinval com veemência; a pobreza não merece insulto de ninguém; ela só póde inspirar piedade dos ricos e nunca afrontas. Recuse-me a mão de sua filha, mas não me trate grosseiramente; seja mais educado.

Surpreendido com êsse altivo movimento de reação, Teómenes retrocedeu indignado.

— Como se atreve o senhor a censurar-me o procedimento e a dar-me conselho? Será que está louco? Perdeu o uso da razão? Se assim é seu lugar não é aqui mas no hospício. Retire-se imediatamente ou ordenarei aos meus criados que o expulsem daqui a pontapés.

— Senhor, tenha cuidado. Respeito-o por ser o pai de Cleide, mas não avance demasiado no caminho das indelicadezas. Jamais supportei injúrias de ninguém. Seja comedido, peço-lhe no seu próprio interesse.

— Retire-se imediatamente, ordeno-lhe, retrucou Teómenes.

E, estendendo o braço nervosamente, indicou-lhe a saída.

Ódio mortal se desenhou no semblante de Sinval. Fazendo esforço supremo sobre si mesmo, patientou-se. Dissimulou seus sofrimentos e aguardou os acontecimentos que foram bem funestos, não a Teómenes, como seria para esperar diante de

seu procedimento agressivo, mas a Eurial, cujo pedido surgiu em seguida e foi logo e prazenteiramente deferido, realizando-se o casamento algum tempo depois.

Para Eurial só hivia um culto: o do dinheiro. Era a avareza feita homem. Por isso mesmo conseguira amañhar alguns pacotes e foram estes a causa direta da desgraça da pobre Cleide.

Era também o genitor desta ávido de riqueza. Obrigou a filha àquele sacrifício por saber que Eurial possuía recursos financeiros. Obedeceu Cleide à vontade paterna para não abrir lutas no seio da família, mas sua alma sangrou e sofreu os tormentos do inferno. Resignou-se àquele gorpe inexorável que o destino lhe desfechava implacavelmente, mas dentro de seu espírito, feito le luz, perdurava, crepitante, o fogo daquela sua primeira e única paixão, dominadora e inestinguível.

Veio Sinval para êste Estado de S. Paulo, afim de ver se conseguia sufocar aquela paixão avassaladora que, aos poucos, o ia matando.

Tempos decorreram sem que nenhum efeito dissipador ou siquer atenuador, se produzisse no seu estado d'alma. Muito ao contrário: cada vez mais se acentuava sua paixão, tornando-se mais viva e ardente.

Era dessas paixões violentas que a tudo resistem e ainda hoje com os rincões brasileiros aonde a civilização não chegou com as suas mentiras e aberrações. Integrados nas leis da natureza o homem alí pratica o mal por ignorância mas conserva, radicado no espírito, o sentimento da sinceridade: é bom, sim-

ples e sem artificio. Não podia Sinval compreender que os sentimentos do amor e da amizade pudessem estar subordinados a interesses de ordem subalterna. Seu coração sangrava diante do inqualificável procedimento do pai de Cleide. Ver sua estremecida amiguinha possuída por aquele monstro do Eurial afigurava-lhe verdadeira ignomínia, pois entre o caráter superior de sua amada e o do sórdido Eurial havia um abismo intransponível. Regressou.

Procurou meios de falar com Cleide. Tiveram um encontro. Ao vê-lo Cleide experimentou intenso prazer; abraçaram-se ternamente; demorado beijo festejou o encontro dos dois namorados.

Depois de tais expansões de alegria, sombreou-se o rosto de Cleide. Sinais visíveis de grande sofrimento aí se estamparam.

Inesperadamente Cleide caiu em copioso pranto, apoiando-se ao ombro de Sinval. A custo lhe disse que já não podia suportar a vida

— Sinval, ampare-me, pelo amor de Deus! Já não posso com o peso das amarguras que dia a dia se acumulam sobre meu pobre espírito!

— Tenha paciência, Cleide, tudo se póde acomodar.

— Não, estou cansada. A vida, para mim, é um calvário. Meu sofrimento é muito grande. Você não o póde avaliar. Tenho vontade de me libertar desta infame escravidão moral, desertando da vida. Já o teria feito se não fôra a lembrança de que um dia lhe pertencerei e serei feliz. Esperança vã, bem o sei, mas a ela me agarro como o naufrágo à tábua de salvação. Sinval, eu sou a mu-

lher mais infeliz deste mundo! Eu não merecia o destino que Deus me atribuiu. Sou boa, tenho bom coração, não faço mal a ninguém. Acudo sempre às dores alheias com o alívio que está ao meu alcance. Por que foi a sorte tão cruel para comigo? Esteja certo de que qualquer dia eu me mato! Enoja-me um mundo tão infame como êste em que um pai sacrifica o futuro de sua filha por amor ao dinheiro. A felicidade das almas sensíveis não reside na riqueza mas sim na paz do espírito e esta não se obtem na companhia de uma pessoa que odiamos. A vida para mim se transformou em doloroso fardo.

Sinval estava profundamente abatido com esta acabrunhante confissão. Lágrimas lhe marejaram o semblante. Sufocava-o a dor testemunhando o sofrimento de Cleide.

— Não chore, meu amor. Para tudo ha de haver remédio. Cumpre, também, não exagerar as causas para não aumentar os efeitos. Você é uma alma extremamente sensível e daí vem a intensidade do sofrimento. Procure ver as cousas por um prisma menos carregado. Dizem os mestres que quem não sabe dissimular não sabe viver. Houve um rei que, embora incapaz para o govêrno, soube manter-se no poder por meio da dissimulação. Lembre-se de que os fingidos não encontram dificuldades em abrir caminha na vida. É legítima a dor que a acabrunha, mas não convem exagerá-la. Sei muito bem que é tarefa árdua e difícil aos corações leais vencer seus sentimentos diante da injustiça da sorte. Mas ha casos em que a gente se vê obrigada a transigir, a pacientar-se para

obter melhores dias. A esperança não a deve abandonar. Não chore porque isso me mata. Os céus hão de oferecer oportunidade para a solução do caso. Tenha confiança em mim; não se desespere nem se deixe consumir pela dôr.

Foram as únicas palavras trocadas entre ambos.

Evadiam-se os últimos raios de sol no horizonte.

Na cópada árvore a cuja sombra se abrigaram, cantava a passadeira alegremente, despedindo-se do dia que morria com lentidão.

Tambem eles se despediam depois de demorados beijos e ternos abraços...

Alguns dias depois convidou Sinval a Eurial para um passeio à mata virgem à procura de mel de abelhas. Relutou Eurial em aceitar o convite: encontrava-se doente, tinha febre, estava fraco. Não se sentia com forças para caminhadas. Insistiu Sinval, argumentando que o ar fresco e oxigenado do bosque lhe faria bem à saúde. Acedeu Eurial, embora a contra gosto. Foram. Penetraram na densa mata. Eurial, efetivamente aí se sentiu mais disposto ao aspirar aquele ar puríssimo e contaminado de perfumes agrestes. Depois de muitas marchas e contra marchas encontraram o que desejavam. Aproximou-se Eurial da colmeia. Nem por sombra desconfiava do fim trágico que o esperava. Via o céu liberto de nuvens. Toda a natureza estava em festa. A passarada emitia seus belos sons. Seu companheiro lhe inspirava cega confiança.

A natureza, às vezes, tem seus paradoxos. Raramente a felicidade nos chega de imprevisto. Só a al-

cançamos após muitos anos de luta e de espera. As cousas trágicas, pelo contrário, precipitam-se sobre nós, como se fôra um aerólito, quando menos as esperamos. A euforia precede sempre à morte, isto é, chega no momento exato em que temos a ilusão perfeita de vida nova, do início de fagueira felicidade.

Eurial avançou os dois braços musculosos para envolver a casa das abelhas e arrancá-la da árvore. Nesse momento expeliu um grito de alucinado, um grito agudíssimo, pois sentiu um choque violento e a penetração de corpo estranho no ombro direito, que lhe provocou dor das mais violentas: voltou-se rapidamente e viu que Sinval lhe mergulhava uma faca longa em seu sangradouro até ao cabo. Quis reagir ao golpe traiçoeiro; faltaram-lhe as forças. Cambaleou como a rez atingida de golpe mortal, e caiu de borco ao chão nos estertores da agonia, mascarando pragas contra o amigo infiel. Diz a Bíblia sabiamente: É infeliz o homem que deposita sua confiança noutro homem.

Sinval, como que dementado com a lembrança da queixa de Cleide, não se limitou a êsse golpe: montou a cavalo no corpo já quase sem vida de Eurial e crivou-o de facadas.

Terminada a façanha sentiu-se aliviado de grande peso. Libertara Cleide daquela companhia odiosa e repulsiva. Já antegozava as delícias do prazer nos braços de sua apaixonada.

O homem ignorante é assim: alucinado por paixão supõe poder alcançar a posse do objeto que a inspira removendo violentamente os obstáculos que lhe embargam o caminho



ao mesmo conducente. Não lhe ocorre à mente que os processos drásticos e contrários aos interesses de terceiros chegam sempre a resultados negativos, ainda que em época remota, e que só produz efeitos perduráveis e salutares o que se obtém tendo a razão como guia.

Seguidamente ao crime procurou Sinval sua amada, narrou-lhe o ocorrido e convidou-a para fugirem juntos. Não esperava Cleide aquele desfecho trágico. Sinval não a prevenira do que pretendia fazer, e, se o houvesse feito, evidentemente ela o teria dissuadido de tal empresa.

Recebendo, assim de chofre, a notícia da morte trágica do marido, sentiu que nuvem escura lhe obscurecia a vista e desmaiou, caindo ao solo sem que Sinval tivesse tempo para ampará-la.

Voltando à vida mostrou-se profundamente acabrunhada. Tal era a sua desgraça pela incompatibilidade de gênio e de caráter com o marido que, às vezes, nos momentos de dôr cruciante, sonhara na emancipação por êsse processo violento. Mas era apenas sonho. Nunca se animaria a empregá-lo nem consentiria que outros o fizessem. Aos seus sentimentos de retidão e de bondade repugnavam os processos violentos como meio de redenção ou solução de casos delicados. Morreria de remorsos; tinha disso absoluta certeza. O pouco que lia a instrua da reciprocidade de direitos existentes entre os homens e que constituía a base do equilíbrio social. Diante da realidade brutal daquilo que, para ela, não passara de mera fantasia, fraquejou, deslembrou-se de seu grande amor para só pensar na desgraça de

que fôra causa direta e involuntária. Parecia-lhe que sua alma estava irremediavelmente perdida e condenada às penas infernais. Pediu a Sinval, sem ódio, como que mergulhada em sonho místico, que a deixasse meditar, explicando-lhe que não estava absolutamente preparada para tão estranho revés. Seu desespero na vida conjugal a fizera prever muita cousa atinente à realização de sua utopia de felicidade, menos aquilo. Queria ficar só. Não lhe quisesse mal por isso. Abaixou a cabeça e continuou engolfada em profunda reflexão.

Sofreu Sinval, então, grande desilusão diante da frieza com que recebeu Cleide a notícia. Não o esperava de modo nenhum. Caiu em si. Mediu toda a extensão de sua desgraça. Arrependera-se do que fizera. Sua ignorância de psicologia humana fôra a causa da vilania que praticara. Se houvesse estudado bem o caráter de sua amada, ter-se-ia, evidentemente, convencido de que ela não era mulher para o acompanhar passando por cima do cadáver do marido. Tinha sentimentos elevados, alma delicada, consciência pura sem embargo de viver naquele meio de ultramontanos e jecas. Não era frívola. Em suas conversações Sinval jamais ouvira de Cleide palavras que o pudessem induzir à prática de atos desonestos para poder possuí-la. Se, ao ouvir-lhe os lamentos, no dia de seu encontro, a houvesse convidado para fugirem, presumivelmente teria aceitado o convite. Não ha crime na fuga ao cativo e ao martírio. É recurso de que lança mão o instinto de conservação, que é a mais forte das pai-

xões, porque é instintivo e independente da vontade. A cegueira de seu amor a Cleide tirou-lhe o raciocínio e fê-lo seguir o exemplo dos que julgavam ser a violência uma credencial junto ao objeto amado. Isso produz, realmente, efeitos producentes, mas junto a mulheres levianas, destituídas de educação, de inteligência e de nobreza de espírito. Não era, positivamente, o caso de Cleide. Ficou esta assombrada com o inesperado caso. Seu espírito modificou-se rápida e radicalmente. Submergiu-se na dôr. O medo da condenação aos sofrimentos eternos lhe transformara o cérebro porque era profundamente religiosa e acreditava piamente na existência de todas as cousas sobrenaturais de que a família lha havia saturado o espírito. Enlouquecera. Vagava pelas estradas e pelos lugares inóspitos, comendo o que o acaso lhe oferecia. Em certa noite foi ao galinheiro pertencente a uma preta, não se sabe com que intuito, mas evidentemente sem o de furtar, pois mesmo assim privada do uso da razão jamais alguém a vira apoderar-se do alheio. Ouvindo o alarido produzido pelas aves a preta aproximou-se e, encontrando-se dian-

te de um vulto que se movia envolvido pela escuridão, desfechou-lhe, com um pau de que se munira, violenta pancada, que acertou na cabeça. Jorrou sangue abundante da fratura e isso, ou o inesperado e violento choque traumático, fez que Cleide recuperasse a sua atividade mental, fenômeno êsse que, por inaudito, impressionou vivamente a imaginação dos habitantes locais. Passou Cleide a viver afastada, em lugares desertos. Quando acontecia encontrar pessoas conhecidas, abstinha-se de conversar, ou então falava muito pouco. Aquele espírito cintilante, vivaz, apaixonado, pronto para a luta na reivindicação de seus direitos, de repente falira, obumbrara-se, morrera para o mundo unicamente pelo receio de castigo só existente em cérebros desertos de conhecimentos científicos. No fim de alguns anos morreu minada pelos desgostos e sofrimentos. Vitimou-a o meio em que viveu, dominado pela ignorância, plétórica de avidez e bestialidade.

Sinval desapareceu; nunca mais houve notícias suas.

FIM.

## OFICINA DE SERRALHERIA

FABRICA DE PORTAS DE CHAPAS DE AÇO ONDULADAS  
Especialidade em trabalhos artísticos — Lustres, Grades, Portões. etc.  
Executa-se qualquer trabalho em ferro batido — Solda autogênica  
e solda elétrica — Preços módicos.

### FRANCISCO CIPOLINI

Trabalha-se tanto para a Capital como para o Interior

Rua Marambáia, 124 — Tel. 5-4592 — SÃO PAULO

# Legislação

## Baixa do serviço

"O Cmt. da 1.<sup>a</sup> Cia. Ind. consultou se uma praça alistada antes da promulgação da Constituição Estadual (9-VII-47), e com mais de 2.º anos de serviço poderá dar baixa antes de completar o 3.º ano.

Em solução, declaro:

— considerando que essas praças, voluntariamente se alistaram por 3 anos, muito embora tenham assegurado o direito de estabilidade após o término do 2.º ano, são obrigadas, por força do compromisso assumido, a completar o 3.º ano de serviço.

Em consequência, os Cmts. de Corpo, Chefes de Serviço e Estabelecimento não devem encaminhar ao Q.G., baseados nesse princípio, requerimentos de baixa de praça que não haja completa o seu primeiro tempo (3 anos)".

(Bol. Geral n.º 62, de 16-III-48).

## Boletins Comemorativos

"Recomendo aos Cmts. de Corpo, Chefes de Serviço e Diretores de Estabelecimento que remetam um exemplar dos boletins comemorativos de aniversários de suas Unidades às demais, sempre que isso ocorrer, a fim de que desse intercâmbio possa resultar um completo conhecimento dos fatos históricos da Corporação, por parte de seus elementos.

Tais boletins devem ser lidos perante a tropa, nas diferentes unidades da Fôrça".

(Bol. Geral n.º 77, de 6-IV-48).

## Caixa Beneficente da Fôrça Pública

Approva o Orçamento para o exercício de 1948. Dec. 18.060-A de 22-III-48, publicado no Bol. Geral n.º 92, de 24-IV-48.

## Corpo de Bombeiros — Campanha contra incêndio

A fim de difundir a instrução contra incêndio o C.B. organizou uma

campanha, cujo programa, aprovado pelo Comando Geral da Fôrça Pública, é publicado em anexo ao boletim citado. (Bol. Geral n.º 56, de 9-III-48).

## Conselho de Disciplina

Recomendação aos oficiais que funcionam em Conselhos de Disciplina quanto à forma de enquadramento dos casos de exclusão de praças.

(Bol. Geral n.º 84, item 21, de 14-IV-48).

## Cruz Azul — Ante-Projeto de Regulamento

E' publicado em anexo ao Bol. Geral n.º 50, de 2-III-48, o ante-projeto do novo Regulamento da Cruz Azul, a fim de receber apreciação dos oficiais da Fôrça, conforme esclarece o item 20 do Bol. Geral n.º 77, de 6-IV-48.

(Bol. Geral n.º 77, de 6-IV-48).

## Desfiles militares quinzenais — Instruções —

(Bol. Geral n.º 76, de 6-IV-48).

## Distribuição e aplicação de verbas do orçamento da F. P. em 1948

Em anexo ao Boletim citado é feita a publicação do Plano de Distribuição e aplicação das Verbas da Fôrça Pública, referentes a 1948.

(Bol. Geral n.º 62, de 16-III-48).

## Economia nos gastos dos Dinheiros Públicos

Resolução n.º 209, de 23-IV-48, do Exmo. Sr. Governador do Estado, sobre medidas de economia em todas as repartições do serviço público.

Contém essa resolução, em resumo, as seguintes determinações:

a) Suspender até o fim do ano: o provimento de cargo público, a admissão de extranumerários, inclusive para obras, qualquer aumento de salário de pessoal extranumerário e para obras, a prestação de serviços extraordinários,

à execução de obras públicas que possam ser adiadas.

b) Proibir até o fim do ano: aquisição de material permanente, nova locação de prédios, instalação de aparelhos telefônicos, reformas e melhorias de edifícios, afastamento de funcionários, passes de favor.

c) Limita ao mínimo: aquisição de material de consumo, transferência de funcionários, viagens, substituições remuneradas, uso de automóveis e ligações telefônicas interurbanas.

(Bol. Geral n.º 93, de 26-IV-48).

#### Engajamento de praças — Instruções sobre

O Boletim citado publica instruções acêrcã do engajamento das praças, em aditamento às instruções anteriormente publicadas no Bol. Geral n.º 37, de 16-II-48, sobre "Alistamento de praças". (Bol. Geral n.º 53, de 5-III-48).

#### Exclusão de praças

"I — toda praça com mais de 2 anos de serviço, cuja permanência na Fôrça não pareça consultar o interesse da Corporação, deverá ser submetida a Conselho de Disciplina;

2 — concluído o processo, se julgada procedente a dúvida, opinará o Conselho se o afastamento da praça deve efetivar-se por ser a sua permanência nas fileiras inconveniente à disciplina e à boa ordem dos serviços da Fôrça, (caso excepcional) ou se a bem da disciplina ou por incapacidade moral;

3 — se a decisão da autoridade convocante harmonizar-se com o parecer do Conselho será ela publicada em boletim regimental, sendo em seguida encaminhado o processo ao Comando Geral e solicitada : —

a) — a reforma da praça no primeiro caso do n.º 2;

b) — a exclusão ou a expulsão nas duas últimas hipóteses do mesmo número, qualquer que seja o tempo de serviço.

4 — Este Cmdo. Geral decidirá finalmente, consoante os artigos 54 e 56

do R.D., ou pleiteará junto à autoridade competente a reforma administrativa da praça;

5 — fica entendido que só deve ser julgada inconveniente à disciplina e à boa ordem dos serviços da Fôrça a permanência de praças que não mais se adaptem ao serviço, em consequência de conduta irregular, embora não sejam elas, de modo contumaz, indisciplinadas ou de mau comportamento ou, ainda, incapazes moralmente. A reforma prevista no artigo 15, letra "d" da lei n.º 2940-37, se destina a casos especiais, nos quais se aconselha, em razão de motivos ponderosos de conveniência administrativa, o afastamento da praça, embora seu procedimento não autorize a aplicação de penas disciplinares;

6 — a exclusão da praça condenada por sentença passada em julgado, à pena privativa da liberdade por mais de 2 anos, será efetivada independentemente do Conselho Disciplinar, por fôrça do art. 52 do C.P.M."

(Bol. Geral n.º 52, de 4-III-48).

#### Gabinete do Governador — Define as atribuições e distribui as respectivas funções

Resolução n.º 205, de 9-IV-48, define e distribui as funções do Gabinete do Governador, dando incumbências à Casa Civil, à Casa Militar, ao Chefe da Casa Militar, ao Sub-Chefe da Casa Militar e aos Ajudantes de Ordem.

(Bol. Geral n.º 82, de 21-IV-48).

#### Licença-prêmio

"Consulta o Cmt. Interino do 4.º B.C., se o militar que ficar preso preventivamente, à disposição da Justiça Pública, por tempo superior a 60 dias, e que é absolvido posteriormente, do crime imputado, faz jús à concessão de licença-prêmio.

Pondera aquele Comando, estando tal caso previsto no C.V.V. em seu art. 19, que manda reembolsar o interessado dos descontos sofridos durante a prisão, deve também, por analogia, não ser levado em consideração o tempo de prisão preventiva sofrida pelo interessado para os efeitos de concessão de licença-prêmio.

Em solução, declaro:

Sendo a licença restabelecida pelo decreto-lei n.º 16550, de 27-XII-46, um prêmio atribuído aos elementos da F.P., em cada período de 10 (dez) anos de contínuo exercício (art. 1.º), e constituindo interrupção de exercício para os fins de sua concessão, entre outras, as prisões sem serviço (letra "d" do art. 2.º), deve ser levado em consideração para os efeitos do precitado art. 2.º o tempo de prisão preventiva sofrida pelo militar na situação da presente consulta".

(Bol. Geral n.º 54, de 6-III-48).

#### Provento dos inativos — Comissão de Revisão

O Diário Oficial vem publicando todos os domingos, e o fará até últimação, o resultado dos trabalhos de referida comissão, ou seja, os nomes dos reformados cujos vencimentos já foram atualizados, de acôrdo com a Constituição do Estado, de 9-VII-47. Os esclarecimentos que porventura forem julgados necessários, poderão ser prestados pelos interessados à referida comissão, no prazo de 15 dias, a partir da data da publicação. Portanto, o reformado precisa estar atento para quando sair o seu nome verificar se está ou não certo o cálculo e dentro do prazo providenciar a respeito.

Os pagamentos decorrentes do benefício só serão processados em caráter geral e após o término dos trabalhos da comissão.

#### Quarta parte de vencimentos dos coroneis Juizes

Cabe aos coroneis Juizes do Tribunal Superior de Justiça Militar a 4.ª parte dos vencimentos, desde que contem mais de 30 anos de efetivo exercício em função pública.

(Item 18 do Bol. Geral 84, de 14-IV-48).

#### Receituário Médico

Instruções para o receituário médico na Fôrça são publicadas no item 21 do Bol. Geral n.º 83, de 13-IV-48.

#### Regulamento para acesso ao posto de sub-tenente

Dá nova redação ao art. 3.º do regulamento aprovado pelo decreto n.º 15.528, de 7 de janeiro de 1946. (Decreto n.º 18.082, de 18 de abril de 1948).

#### Serviço de Engenharia — Organização provisória

"Estando previsto no plano de reorganização da Fôrça Pública modificações estruturais do Serviço de Engenharia, de forma a melhor ajustá-lo à sua finalidade técnica, deixa êsse Serviço de constituir unidade administrativa autônoma, passando a ser integrado no Q.G. e dispondo, entretanto, dos órgãos administrativos indispensáveis à exclusiva gestão do material e fundos que lhe forem atribuídos para a execução dos serviços de obras. Outros encargos administrativos, inclusive providimentos que não digam respeito à execução de obras, ficarão atribuídos aos órgãos administrativos do Quartel General.

Os oficiais e praças do S.E. passam, em consequência, a pertencer ao Quartel General, sendo as praças incluídas no Contingente.

Seguem-se a constituição provisória do S.E. e demais instruções para que se efetive a determinação acima.

#### Serviço de Transporte e Manutenção

"Fica reorganizado, em caráter provisório, autônomo, nos moldes dos demais Serviços, até que se proceda à sua definitiva reorganização, o Serviço de Transportes e Manutenção (S.T.M.).

A composição e o funcionamento desse Serviço se resumem nos seguintes itens:

##### I — Pessoal —

A) Chefia

B) Tesouraria — Almoxarifado —

Aprovisionamento

C) Pelotão de Transportes

D) Pelotão de Manutenção:

1) Secção de Automóveis: —

— Mecânicos, eletricitas, pintores, funileiros, vulcanizadores.

2) Secção de Motociclistas

3) Lubrificação.

E) Serviço de Vigilância

II — Instalações

III — Viaturas e Material em Geral

IV — Missão dos Pelotões

V — Inspeções

VI — Instalação do C. A.

E' também atribuição do S. T. M. prover de combustível e lubrificantes todos os veículos a motor da Fôrça, inclusive os do Corpo de Bombeiros, de acôrdo com a tabela de distribuição aprovada pelo Comando Geral, devendo, em consequência, o Q. G., providenciar a transferência da respectiva verba à-quele Serviço".

(Bol. Geral n.º 80, de 9-IV-48).

#### Sub-chefe do Estado Maior

"Estando em estudo e preparo nova lei de organização da Fôrça à qual terá que adaptar-se, forçosamente o R. Q. G. e por estar previsto no projeto de decreto de distribuição dos quadros e efetivos para o corrente ano o cargo de Sub-chefe do Estado Maior da Fôrça, que será exercido por um tenente-coronel, resolvo fazer funcionar, desde já, o novo órgão, atribuindo ao titular do cargo as seguintes funções:

a) — responder pelo Chefe do E. M. em seus impedimentos;

b) — secundar o Chefe do E. M. no exercício de suas funções, consoante lhe fôr determinado, podendo para isso assinar por ordem — "P. O." — todos os documentos de que trata o art. 14, item I, letra "g", do atual Regulamento para o funcionamento do Q. G., desde que autorizado pela Chefia do Estado Maior;

c) — coordenar a documentação dos órgãos do E. M., esclarecendo o respectivo Chefe, para o necessário despacho com o Comandante Geral;

d) — orientar e fiscalizar os trabalhos de instrução do pessoal do Q. G.;

e) — exercer as atribuições de sub-comandante de corpo para com o pes-

soal do Q. G., sujeito à ação administrativa do Chefe do E. M."

(Bol. Geral n.º 60, de 13-III-48).

#### Torneio de Inverno

"E' instituído na F. P. um torneio "Extra" de voleibol denominado "Torneio de Inverno", cujo regulamento é publicado em anexo ao Bol. supra. Tomarão parte obrigatoriamente todas as Unidades e Serviços, sediados na Capital. Haverá distribuição de prêmios e medalhas para os componentes das equipes vencedoras".

(Bol. Geral n.º 86, de 16-IV-48).

#### Tribunal de Contas do Estado

E' publicado em anexo ao boletim citado, o Provimento n.º 13 de 31-III-48, do Tribunal de Contas do Estado, sobre o processo de registro de notas de empenhos e contratos bem como os requisitos que esses documentos devem contar para que possam ser aceitos. Acompanha ao anexo acima um extrato dos dispositivos legais sobre concorrência, para melhor orientação das autoridades administrativas.

(Bol. Geral n.º 95, de 28-IV-48).

#### Veículos particulares com emblemas, escudos e distintivos

"A Diretoria do Serviço de Trânsito comunica, mais uma vez, aos motoristas em geral, que é expressamente proibido o uso, em veículos particulares, de emblemas, escudos ou distintivos com as cores da Bandeira Nacional, assim como iniciais indicativas de serviço público. Também é proibido o uso de qualquer sinal ou inscrição que possa assemelhar o veículo aos de uso oficial, assim como junto aos bordos das placas não poderão ser colocados emblemas de instituições particulares (art. 95 do Código Nacional de Trânsito).

Visando cooperar com as autoridades de trânsito para rigorosa observância da disposição legal acima citada, o Brigadeiro do Ar Comandante da 4.ª Zona Aérea fez baixar uma ordem (Boletim n.º 42 do Q. G. da Aeronáutica),

às unidades e estabelecimentos subordinados, em que diz: — “Determino que todos os militares e funcionários possuidores de automóveis ou outro qualquer veículo observem a proibição constante do artigo 95 do Código Nacional de Trânsito”.

De acôrdo com o ofício dirigido pelo Comandante da 4.ª Zona Aérea ao Secretário da Segurança Pública, será coibido o uso de distintivo de Oficial Aviador, ou Intendente da Fôrça Aérea Brasileira, sobreposto às placas de automóveis particulares”.

(Bol. Geral n.º 87, de 17-IV-48).

## SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Não é nova a “Substituição Remunerada”. Já existia em 1870. Na Tabela “B”, publicada com o Decreto n.º 64, de 10 de abril que fixava os vencimentos do pessoal da Fôrça Policial, encontra-se a seguinte: — “Os oficiais perderão a gratificação e as forragens

sempre que não estiverem em serviço. Os oficiais que substituírem os Comandante do Batalhão, Fiscal, Ajudante e Comandantes de Companhias; receberão as forragens daqueles e a gratificação do comando destas”.

“No meu tempo...”.

TECIDOS, VESTUARIOS E  
ARMARINHO POR ATACADO

COMPANHIA DE TECIDOS ANTINORI

R. Florencio de Abreu, 328  
Telefones: 2-5633 e 3-7886

São Paulo

End. Teleg. “Antinori”  
Caixa Postal, 1087

Você sabia que Secção de Capturas foi creada pelo aviso da Secretaria da Justiça e da Segurança Pública, n.º 718, de 4 de agosto de 1913, com o efetivo de 1 alferes, 2 sargentos, 4 cabos e 24 soldados anexa ao 2.º B.I. ?

# Regulamento da Colônia de Férias do Clube Militar em São Vicente

Art. 1.º — A Colônia de Férias do Clube Militar destina-se a proporcionar aos seus associados, famílias e demais parentes, alojamento e alimentação, durante suas férias, feriados, fins de semana, etc., na forma do presente regulamento.

Art. 2.º — A Colônia de Férias será dirigida por uma administração sujeita à fiscalização da Diretoria do Clube.

## Atribuições da Administração

Art. 3.º — Fornecer hospedagem de acôrdo com as tabelas organizadas pela Diretoria.

Art. 4.º — Zelar pelos bens pertencentes ao patrimônio da Colônia sendo por êles responsável.

Art. 5.º — Manter asseio e rigorosa higiene nas dependências da Colônia.

Art. 6.º — Fazer observar todos os dispositivos regulamentares.

Art. 7.º — Fazer vêr aos hóspedes que infringirem disposições regulamentares, em têrmos comedidos e reservadamente, a inconveniência de tal procedimento, notificando a Diretoria do Clube, nos casos de reincidência.

Art. 8.º — Prestar contas mensalmente à Tesouraria, até o dia 15.

Art. 9.º — A Diretoria organizará instruções minuciosas e completas para regular outras atribuições e a situação da administração.

## Ingresso e hospedagem

Art. 10.º — O ingresso para hospedagem na Colônia só será permitido ao sócio quite.

§ único — Poderão também ingressar e receber hospedagem na Colônia parentes e convidados dos sócios.

Art. 11.º — Não serão admitidos hóspedes enfermos em estado grave ou que

sofram de moléstias contagiosas, repugnantes ou psíquicas.

§ único — A Diretoria do Clube Militar poderá exigir do hóspede quando julgar conveniente, atestado de saúde, passado por médico da Força Pública.

Art. 12.º — Os hóspedes ao ingressarem na Colônia deverão assinar os cartões de registro, de acôrdo com as prescrições legais em vigor.

## GUIAS

Art. 13.º — O sócio pretendente à hospedagem deverá munir-se com antecedência de 8 dias, da respectiva "guia de hospedagem" fornecida pela Secretaria do Clube, extendendo-se tal exigência às pessoas da família, parentes ou convidados.

Art. 14.º — As guias extraídas em quatro vias destinam-se respectivamente: ao hóspede, à Tesouraria do Clube, à Administração e à Secretaria do Clube. Delas deverá constar o seguinte: os nomes das pessoas, qualificação (se é sócio, pessoa da família, parente ou convidado), data do ingresso e saída da Colônia.

§ 1.º — O prazo mencionado na guia só poderá ser excedido por motivo de doença que impeça locomoção do hóspede e que não exija hospitalização imediata ou tratamento sério ou ainda, por vacância, num e noutro caso, com o conhecimento prévio da Diretoria, que providenciará a expedição e remessa de novas guias.

§ 2.º — No caso de redução do prazo de hospedagem, a Administração observará na guia o dia e hora em que o hóspede deixou a Colônia.

Art. 15.º — Nas guias expedidas para hospedagem de pessoas da família, pa-



rentes ou convidados, deverá constar o seguinte: os nomes do apresentante e do apresentado, responsabilizando-se o apresentante, perante a Diretoria do Clube Militar, por qualquer incorreção bem como por quaisquer débitos que o apresentado venha a contrair para com o Clube, durante a sua estada na Colônia de Férias.

Art. 16.º — A hospedagem reservada por guia, correrá por conta do interessado ainda que o mesmo não ocupe o aposento no dia aprazado.

Art. 17.º — No período de férias escolares terá preferência à hospedagem, o sócio com filhos em idade escolar.

Art. 18.º — Para efeito de pagamento de hospedagem haverá três categorias de hóspedes:

A — Sócio e seus dependentes

B — Parentes de sócio

C — Convidados.

§ único — São considerados parentes de sócio para efeito de hospedagem na Colônia, os seus:

1 — Descendentes e ascendentes

2 — Colaterais seguintes: irmãos, tios e sobrinhos.

3 — Afins seguintes: sogros, genros, noras e cunhados.

Art. 19.º — A Tesouraria do Clube, de posse das guias e documentos comprobatórios de despesas feitas pelos hóspedes da categoria "A" providenciará as relações pelas quais serão procedidos os descontos em folhas de vencimentos, pelo S.F..

§ único — Os hóspedes de categoria "B" e "C", pagarão as suas despesas, semanalmente, à Administração da Colônia.

**Refeições, extraordinários e horários**

Art. 20.º — As refeições serão servidas de acôrdo com a tabela oficialmen-

te aprovada pela Diretoria do Clube.

Art. 21.º — Consideram-se extraordinários:

1 — Bebidas.

2 — Refeições avulsas.

3 — Qualquer prato pedido, fora do cardápio diário, mediante prévio aviso à Administração.

4 — Preparo de iguarias fornecidas pelos hóspedes.

§ único — Todos os extraordinários serão requisitados por vales assinados pelos responsáveis.

Art. 22.º — Fica estabelecido o seguinte horário para as refeições:

Café da manhã — das 7 às 9 horas

Almôço (Dias úteis) — das 11 às 13 horas

Almôço (Domingos e Feriados) — das 12 às 14 horas

Café da tarde — às 15 horas

Jantar (Dias úteis) — das 17,30 às 19,30 horas

Lanche (Aos Domingos e Feriados) — das 17 às 18 horas.

#### Disposições Gerais

Art. 23.º — Os hóspedes deverão cumprir tôdas as disposições regulamentares. A sua inobservância implicará na aplicação de penalidades previstas nos "Estatutos Sociais".

Art. 24.º — As reclamações deverão ser dirigidas diretamente à Administração da Colônia, que agirá no sentido de sanar as irregularidades apontadas.

§ único — Essas reclamações serão feitas mediante registro em livro próprio, à disposição dos hóspedes, na Portaria.

Art. 25.º — Os hóspedes serão responsáveis por todo e qualquer prejuízo que causarem no prédio, móveis, utensílios, etc., de propriedade do Clube, pagando-os por seu valor estimativo.

Art. 26.º — A Administração não se responsabilizará pelos valores de propriedade dos hóspedes, que não forem confiados à sua guarda.

Art. 27.º — Os hóspedes devem cooperar com a Administração no asseio, ordem e conservação de tôdas as dependências da Colônia.

Art. 28.º — Nos dormitórios, deverá ser observado rigoroso silêncio, depois das 22,00 horas.

Art. 29.º — Os salões de refeições e de estar não poderão ser utilizados após às 23,00 horas exceto em dias de festas, a critério da Administração.

Art. 30.º — A Colônia não fornecerá energia para aparelhos elétricos de qualquer espécie.

Art. 31.º — E' expressamente proibido:

- 1 — Riscar, escrever ou desenhar nas paredes, portas, janelas e móveis.
- 2 — A prática de qualquer jôgo a dinheiro.
- 3 — Promover, nos dormitórios, mesmo antes das 22 horas, algazaras, jôgos, cantos, assobios e ruídos de quaisquer espécies.
- 4 — Correrias de crianças e adultos pelos corredores, pavilhões e refeitórios.
- 5 — Lavar roupas nos aposentos e banheiros; ter animais; cozinhar nos quartos; colocar pregos nas paredes, portas, janelas e móveis.
- 6 — Dirigir-se aos dormitórios com os "maillots" ou calções de banho excessivamente molhados.
- 7 — Entrar nos salões de refeições, vestido de pijama, "maillots", calção, roupão ou de qualquer traje para uso de banho.
- 8 — Subir nas janelas, cadeiras e móveis.
- 9 — Entrada de hóspedes nas dependências destinadas à Administração.

10 — mudar as disposições dos móveis, em qualquer dependência da Colônia, sem prévio entendimento com a Administração.

Art. 32.º — As reclamações, críticas ou elogios referentes à Administração da Colônia, deverão ser dirigidos, por cartas, à Diretoria do Clube.

Art. 33.º — Os casos omissos no presente regulamento serão resolvidos pela Diretoria do Clube.

Tabela de preços, em vigor, a que se refere o artigo 20.º do Regulamento da Colônia de Férias:

#### CATEGORIA "A"

##### Adultos

Diária .....	Cr. \$ 30,00
Café .....	Cr. \$ 4,00
Almôço .....	Cr. \$ 8,00
Jantar .....	Cr. \$ 8,00

##### Menores de 3 a 12 anos

Diária .....	Cr. \$ 15,00
Menores até 3 anos	
Diária .....	Cr. \$ 8,00

#### CATEGORIA "B"

##### Adultos

Diária .....	Cr. \$ 38,00
Café .....	Cr. \$ 6,00
Almôço .....	Cr. \$ 11,00
Jantar .....	Cr. \$ 11,00

##### Menores de 3 a 12 anos

Diária .....	Cr. \$ 20,00
Menores até 3 anos	
Diária .....	Cr. \$ 10,00

#### CATEGORIA "C"

##### Adultos

Diária .....	Cr. \$ 45,00
Café .....	Cr. \$ 7,00
Almôço .....	Cr. \$ 14,00
Jantar .....	Cr. \$ 14,00

##### Menores de 3 a 12 anos

Diária .....	Cr. \$ 24,00
Menores até 3 anos	
Diária .....	Cr. \$ 12,00

# "MILITIA"

## REGULAMENTO

### (Conclusão)

g) — Manter o serviço de protocolo e arquivo referente à Gerência

h) — Propor os agentes a serem nomeados.

i) — Ter a iniciativa de todas as providências, de alçada da Gerência, visando o êxito da Revista.

§ único — O Gerente será substituído pelo Tesoureiro, em seus impedimentos.

Art. 15.º — Ao Tesoureiro compete:

a) — Realizar a receita e a despesa da Revista, submetendo ao "visto" do Diretor os respectivos documentos.

b) — Manter a escrituração financeira necessária e organizar as prestações de contas, mensais, para conhecimento e aprovação da Diretoria do Clube Militar, através do Diretor da Revista.

c) — Providenciar as aquisições normais necessárias à impressão e expediente da Revista, submetendo as despesas extraordinárias ao conhecimento prévio do Diretor.

d) — Manter a escrituração do material permanente e de consumo.

e) — Ter a iniciativa de todas as providências de alçada da Tesouraria, que visem o êxito da Revista.

§ único — O Tesoureiro será substituído pelo Gerente, em seus impedimentos.

Art. 16.º — As Comissões Técnicas de Revisão compete a revisão de todas as colaborações que lhes sejam encaminhadas pelo Secretário, sob o aspecto especializado, relatando as falhas porventura en-

contradas, afim de serem sanadas depois de entendimento com os autores, se fôr o caso. As revisões devem ser feitas dentro do prazo de 4 dias, para que não seja embaraçado o serviço de redação.

Art. 17.º — Aos Agentes incumbe:

a) — Difundir a Revista, no âmbito de sua jurisdição, objetivando: — colaborações, anúncios, assinaturas.

b) — Arrecadar as importâncias dos anúncios e assinaturas particulares, remetendo-as ao Tesoureiro até o dia 15 de cada mês seguinte

c) — Fiscalizar a distribuição da Revista aos assinantes de sua zona.

d) — Corresponder-se com os Secretário, Gerente e Tesoureiro sobre os assuntos de interesse da Revista

e) — Ter a iniciativa de todas as providências, de alçada da Agência, visando o êxito da Revista.

Art. 18.º — MILITIA será publicada bi-mensalmente, podendo passar a ser mensal, a juízo da Diretoria do Clube Militar, mediante proposta da Diretoria do órgão, através da Comissão de Cultura.

Art. 19.º — Os saldos apurados na publicação da Revista serão aplicados na melhoria de sua apresentação técnica e material, mediante aprovação da Diretoria do Clube Militar, podendo também ser usado, em parte, no estabelecimento de prêmios aos colaboradores.

A capa deste número é dedicada aos Inconfidentes Mineiros.

Suas cores — azul, vermelho e branco — são as da bandeira que elles escolheram para a república que sonharam fundar.

A fotografia é de uma casa histórica, existente na cidade de Ouro Preto, a Vila Rica daqueles tempos, onde os conspiradores se reuniam para concertar seus planos de liberdade. É a chamada "Casa dos Inconfidentes", um templo para o civismo nacional, a ser conservada, sempre, para que fique lembrando, perenemente, a tódas as gerações, as figuras que viveram o drama daquela sublime conjuração. Evoquemos à nossa homenagem os seus nomes gloriosos:

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER — O TIRADENTES; JOSÉ ALVES MACIEL; FRANCISCO DE PAULA FREIRE DE ANDRADE; CARLOS CORREA DE TOLEDO E MELO; JOSÉ DA SILVA E OLIVEIRA ROLIM; INACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO; FRANCISCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA LOPES; LUIZ VAZ DE TOLEDO PIZA; DOMINGOS DE ABREU VIEIRA; CLÁUDIO MANOEL DA COSTA; THOMAZ ANTÔNIO GONZAGA; LUIZ VIEIRA DA SILVA; DOMINGOS VIDAL DE BARBOSA; MANOEL RODRIGUES DA COSTA; JOSÉ DE REZENDE COSTA; JOSÉ DE REZENDE COSTA F.<sup>o</sup>; SALVADOR CARVALHO DO AMARAL GURGEL; JOSÉ DE OLIVEIRA LOPES; JOSÉ ALVES GOMES; ANTÔNIO DE OLIVEIRA LOPES; JOÃO DIAS DA MOTA; VICENTE VIEIRA DA MOTA; JOÃO DA COSTA RODRIGUES; VITORIANO GONÇALVES VELOSO.